



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RIO GRANDE DO NORTE
PROGRAMA INTEGRADO DE DOUTORADO EM FILOSOFIA
UFPB – UFPE – UFRN
CURSO DE DOUTORADO EM FILOSOFIA**

DAVI GADELHA PEREIRA

**A CONSOLIDAÇÃO DA FILOSOFIA DO ANTAGONISMO
NA ORTOÉTICA DE STÉPHANE LUPASCO**

JOÃO PESSOA - PB

ABRIL / 2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RIO GRANDE DO NORTE
PROGRAMA INTEGRADO DE DOUTORADO EM FILOSOFIA
UFPB – UFPE – UFRN
CURSO DE DOUTORADO EM FILOSOFIA

DAVI GADELHA PEREIRA

A CONSOLIDAÇÃO DA FILOSOFIA DO ANTAGONISMO
NA ORTOÉTICA DE STÉPHANE LUPASCO

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de doutor no Programa Integrado - Doutorado em Filosofia pelas universidades UFPB – UFPE – UFRN; tese vinculada à linha de pesquisa Filosofia Prática.

Professor Orientador: Dr. Narbal de Marsillac Fontes
Professor Coorientador: Dr. Anderson D’Arc Ferreira

JOÃO PESSOA - PB

ABRIL/2021

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE TESE PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE DOUTOR EM FILOSOFIA DO(A) CANDIDATO(A) DAVI GADELHA PEREIRA

Aos nove dias do mês de abril de dois mil e vinte e um, às 09:00h, por videoconferência (<https://meet.google.com/jka-qqtw-hho>) conforme Portaria 90 e 120/GR/Reitoria/UFPB; Comunicado 02/2020/PRPG/UFPB e Portaria 36/CAPES, reuniram-se os membros da Comissão Examinadora constituída para examinar a Tese de Doutorado do(a) doutorando(a) **DAVI GADELHA PEREIRA**, candidato(a) ao grau de Doutor(a) em Filosofia. A Banca foi constituída pelos professores: Dr. Narbal de Marsillac Fontes (Presidente – Orientador/UFPB), Dr. Anderson D'arc Ferreira (Co-Orientador - Examinador Interno/UFPB), Dr. Luciano da Silva (Examinador Externo/UFCG), Dr^a. Maria Simone Marinho Nogueira (Examinadora Externa/UEPB) e Dr. Reginaldo Oliveira Silva (Membro Externo/UEPB). Dando início à sessão, o Professor Dr. Narbal de Marsillac Fontes, na qualidade de Presidente da Banca Examinadora, fez a apresentação dos demais membros e, em seguida, passou a palavra ao(a) doutorando(a) **Davi Gadelha Pereira** para que fizesse oralmente a exposição de sua Tese, intitulada: “**A CONSOLIDAÇÃO DA FILOSOFIA DO ANTAGONISMO NA ORTOÉTICA DE STÉPHANE LUPASCO**”. Após a exposição do(a) candidato(a), o(a) mesmo(a) foi sucessivamente arguido(a) por cada um dos membros da Banca. Terminadas as arguições, a Banca retirou-se para deliberar acerca da Tese apresentada. Após um breve intervalo, o Presidente, Prof. Dr. NARBAL DE MARSILLAC FONTES, comunicou que, de comum acordo com os demais membros da banca, proclamou **APROVADA** a Tese **A CONSOLIDAÇÃO DA FILOSOFIA DO ANTAGONISMO NA ORTOÉTICA DE STÉPHANE LUPASCO**, tendo declarado que seu(a) autor(a) **Davi gadelha Pereira** faz jus ao grau de Doutor em Filosofia, devendo a Universidade Federal da Paraíba, de acordo com Regimento Geral da Pós-Graduação, pronunciar-se no sentido da expedição do Diploma de Doutor em Filosofia. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a Sessão de Defesa, e eu, Anderson D'Arc Ferreira, Coordenador Local do PIDFIL lavrei a presente Ata, que será assinada por mim e pelos demais membros da Banca. João Pessoa, 09 de abril de 2021.



ANDERSON D'ARC FERREIRA
COORDENADOR LOCAL DO PIDFIL



PROF. DR. NARBAL DE MARSILLAC FONTES
PRESIDENTE(ORIENTADOR)/UFPB



PROF. DR. ANDERSON D'ARC FERREIRA
MEMBRO INTERNO(COORIENTADOR)/UFPB



PROF. LUCIANO DA SILVA
MEMBRO INTERNO/UFCG



PROF^a. DR^a. MARIA SIMONE MARINHO NOGUEIRA
MEMBRO EXTERNO/UEPB



PROF. DR. REGINALDO OLIVEIRA SILVA
MEMBRO EXTERNO/UEPB

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

P436c Pereira, Davi Gadelha.

A consolidação da filosofia do antagonismo na ortoética de Stéphane Lupasco / Davi Gadelha Pereira. - João Pessoa, 2021.

138 f.

Orientação: Narbal de Marsillac Fontes.

Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA.

1. Filosofia - Lupasco, Stéphane. 2. Antagonismo. 3. Estado T. 4. Ortoética. I. Fontes, Narbal de Marsillac. II. Título.

UFPB/BC

CDU 1(043)

Agradecimentos

Gratidão ao eterno Deus por conceder o dom da vida e por estimular em mim a busca pelo conhecimento. Ao estimado Professor Dr. Narbal de Marsillac por aceitar esse desafio, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação. Igualmente ao coorientador Dr. Anderson D'Arc Ferreira por sua paciência e zelo aos procedimentos estéticos, contedúcticos e de ordem burocráticos. Aos professores das bancas que muito abrilhantaram os momentos de qualificação e defesa com suas críticas e sugestões para o aprimoramento e desenvolvimento desse trabalho. Ao senhor Basarab Nicolescu por seu incentivo e atenção em suas singelas respostas aos nossos e-mails. À minha família pela compreensão por minha ausência em alguns momentos para me dedicar aos estudos, apoio e incentivos a mim dispensados durante todo decorrer do curso. Aos demais professores/as do curso de Doutorado em Filosofia, os quais tive a satisfação de tê-los como mestres e a todos aqueles que direta ou indiretamente apoiaram e enriqueceram no decorrer de cada período, por meio das disciplinas e debates, os conhecimentos desenvolvidos nessa pesquisa. Aos colegas de classe, em especial, ao amigo Adelino companheiro de viagem, estudos e de lutas diversas na caminhada, os quais estiveram presentes também em minha defesa, prestando honrosa solidariedade.

*Toda a ética é obrigatoriamente função das noções de bem e de Mal,
e igualmente de realidade e irrealidade. (LUPASCO, 1986, p. 128)*

SUMÁRIO

Introdução.....	8
Capítulo 1 – O primeiro aspecto da filosofia do antagonismo: antagonismo filosófico (ou estruturante)	22
1.1. A ideia de Antagonismo presente em Anaximandro de Mileto e Heráclito como parto de uma filosofia do antagonismo.....	22
1.2 A filosofia do antagonismo no idealismo transcendental de Immanuel Kant.....	29
1.2.1. O Conceito de Contradição em Kant como o primeiro passo para a consolidação da filosofia do antagonismo em Lupasco.....	30
1.2.2. A predileção ternária do pensamento filosófico e a tridialética kantiana.....	33
1.2.3. O Antagonismo político em Kant.....	38
Capítulo 2 – O segundo aspecto da filosofia do antagonismo: o antagonismo científico (ou de aproximação empírica) como a certeza da incerteza.....	43
2.1. A revolução do discurso quântico e a consciência antagônica da “matéria” de Young à Davisson e Germer: A natureza da luz e o problema do dualismo onda/partícula.....	45
2.2. Um breve comentário antagonista no discurso da filosofia da Ciência.....	63
Capítulo 3 – O terceiro aspecto da filosofia do antagonismo: a ortoética de Stéphane Lupasco como causa primeira e teleologia de toda filosofia do antagonismo (Tudo é Ética)	66
3.1. O conceito de energia em Lupasco, a tridialética da realidade e a percepção.....	71
3.2. As duas éticas antagonicamente dispostas: dos dinamismos das Ética Macrofísica Homogeneizante (do físico) e a Ética Biológica Heterogeneizante (do biólogo)	84
3.3. A Terceira Ética: Ética Neuropsíquica e o Terceiro Incluído.....	89
3.4. As três éticas e as três noções de bem e de mal (A consolidação do bem e a extinção do mal no estado T)	100
3.5. Filosofia do antagonismo lupasciana e sociedade: A arte como sublimação ética no estado T.....	112
Considerações Finais.....	125
Referências.....	136

INTRODUÇÃO

Tradicionalmente, a filosofia sempre foi pensada como uma reflexão originária sobre o sentido da existência (por Platão, Heidegger e outros). Discurso que, de uma forma ou de outra, respeita o princípio da não-contradição. Heráclito e depois Górgias foram os primeiros que ousaram pensar filosoficamente, desconsiderando este princípio. Aristóteles não os considerava sequer filósofos exatamente por isso¹. Com isso, consagrou-se entre nós um paradigma coerentista, ou seja, parte do respeito primevo a esse princípio e que vai perpassar toda a história do pensamento ocidental com raríssimas exceções, a exemplo de Heráclito, de Anaximandro, do meio-termo observado por Anaxágoras, Plotino com o princípio indefinido, e os místicos em geral, da leitura diferenciada dada por Kant, referente ao conceito de contradição na lógica de seu *idealismo transcendental*, da oposição na dialética hegeliana e, sobretudo, do antagonismo de Nietzsche, o qual procurou desenvolver uma filosofia da subversão e superação de todas as perspectivas discursivas de sua época, procurando sempre expor as duas faces das correntes políticas, religiosas e da filosofia predominantes em seu tempo.

Recentemente, ainda na primeira metade do século XX, uma experiência de laboratório, conhecida como "dupla fenda" (o tema será tratado com maior detalhamento na página 47.), demonstrou que átomos e subpartículas atômicas se comportam de forma contraditória, ou seja, dúbia e concomitante, o que ensejou vários debates e discussões em torno do que ficou conhecido como "problemas X", de difícil solução (PENROSE, 1994. Cap. V). Quanto a isso, Marsillac e Malburg afirmaram que

dentre os chamados mistérios quânticos que para Penrose podem ser de dois tipos 'Z' e 'X', o primeiro decifrável e o segundo indecifrável, a estrutura ambígua do mundo das partículas-ondas é certamente o mais enigmático dos mistérios, e, com isso, o que com mais razão, configura-se como um mistério do segundo tipo (X). (MARSILLAC; MALBURG, 2009, p. 82).

Por conseguinte, isso demandou dos filósofos uma reconsideração crítica daquele princípio consagrado. Físicos, como Heisenberg, Bohr, Max Born, Pierre Auger, e,

¹ Quanto a isso, basta verificar as inúmeras críticas a Heráclito que Aristóteles faz na "Metafísica", por exemplo, no livro IV em 1005B 23-25.

sobretudo, Erwin Schrödinger, se debruçaram sobre a questão que chegou a influenciar filósofos, como Heidegger e outros. Em cartas trocadas entre Heisenberg e Heidegger, verificou-se como o problema foi tratado. Isso foi demonstrado também no artigo de Marsillac e Malburg, citado acima. Sobre o antagonismo inerente ao comportamento das partículas, ficou bastante conhecido o experimento mental "Gato de Schrödinger", que, resumindo, traduz a radicalidade do problema da contradição, isto é, ter em um mesmo ente *uma estrutura ondulatória contínua e outra corpuscular* (SCHRÖDINGER, 2004, p. 51).

Vários filósofos contemporâneos, como Perelman, Habermas, Toulmin, Feyerabend, Bachelard, Heidegger, Gadamer, e outros, se debruçaram sobre o problema ou ao menos o citaram, e isso configurou uma nova forma de reflexão filosófica: a *filosofia dos quanta*, ou simplesmente a *filosofia quântica*, como é tratada por Mário Bunge em diversos escritos, tendo publicado uma compilação de vários artigos em filosofia da ciência no trabalho intitulado "*Scientific realism: selected essays of Mario Bunge*", editado em 2001 por Martin Mahner, e presente entre inúmeros outros, como "*Controversias em Física*" (1983), "*La Investigación Científica: su estrategia y su filosofía*" (1987) e "*La Philosophie de Niels Bohr*" (1992). Diz Bachelard:

Todas as imagens da mecânica do ponto se turvam umas após as outras: já que não se pode mais reconhecer o corpúsculo, não se pode mais encontrá-lo, não se pode mais segui-lo pelo seu rastro. Seu movimento não se traduz propriamente sobre uma trajetória. Sua matéria escapa totalmente ao princípio de identidade, ao princípio de conservação mais fundamental (BACHELARD, 1988, p. 45).

Portanto, fala do esforço em *desintuicionar* as intuições gerais do senso comum, uma vez que não se pode mais medir, com precisão matemática, o comportamento das partículas, ou seja, a sua permanência e localização específicas. Também entre nós, Newton da Costa, inspirado no problema quântico, pensou em uma *lógica paraconsistente* (em artigos e palestras, como "*Sistemas Formais Inconsistentes*", de 1963, "*On the theory of inconsistent formal systems*", de 1974, e em livros, como "*Lógica Indutiva e Probabilidade*", de 1993, e "*Logique Classique et Non-Classique*", de 1997, dentre muitos outros) que desse conta da questão envolvida na suspensão do princípio da não-contradição.

Por outro lado, nem a chamada "filosofia dos quanta" e nem as lógicas de aproximação com o conceito de contradição (como a deôntica, paraconsciente, etc.) puderam

estabelecer um ponto de toque definitivo entre filosofia e ciência, uma vez que sempre faltou um elo mais consistente que pudesse enfim estabelecer uma ponte eficaz entre os discursos das mais diversas áreas, mas, em especial, entre a filosofia e a física (ambição dos pré-socráticos em suas investigações acerca do *arkhé*, do realismo aristotélico, do idealismo transcendental de Kant e de inúmeros outros filósofos) por meio de uma filosofia conciliadora e universal.

No presente texto, desenvolveremos o conceito de uma linha de estudos específica, denominada por nós de *Filosofia do Antagonismo*, capaz de abarcar as concepções antagônicas desenvolvidas nas mais diversas áreas de conhecimento, aqui, em especial, com relação existente entre a filosofia, biologia, física clássica e física quântica. Isso não quer dizer que esforços anteriores não tenham sido propostos para estabelecer o paralelo entre os conhecimentos citados acima. Entretanto, esses esforços ocorreram principalmente no campo da filosofia da ciência, e não conseguiram traduzir essa união dos saberes em cima de um mesmo objeto de junção teórica e empírica, pois continuou sendo “filosofia da ciência” propriamente. Esse é um diferencial que abordamos como um dos objetivos da presente tese: que a filosofia do antagonismo compreende esse ponto de entrelaçamento comum de todos os saberes, enquanto uma proposta de sistematização desse movimento, como uma vertente filosófica distinta. Não apenas isso, mas põe a ética como causa e finalidade universal de todos os conhecimentos, ou seja, tudo é ética e existe para a ética. Esse é, segundo nossa interpretação, o maior legado de Lupasco: a ortoética como causa e finalidade de tudo, e não apenas as contribuições no campo transdisciplinar e do imaginário, como é mais propagado pelos autores/as que abordam o trabalho de Lupasco.

Com efeito, uma vez que a filosofia do antagonismo se desenvolvia de maneira muito presente na tradição filosófica e na física quântica, um problema se tornou cada vez mais latente, impedindo a consolidação do antagonismo como um mecanismo confluyente para os vários saberes: seria possível uma integração dos discursos² filosóficos e científicos (além dos religiosos e dos estéticos que não abordo neste estudo) em que ambos pudessem compactuar de um mesmo prisma, que pudessem partir de um mesmo ponto em comum e que servisse de apoio para suas aspirações em termos de conhecimento?

Desse modo, levantamos ainda a seguinte questão: qual a real possibilidade de se haver uma filosofia do antagonismo, apto de integrar todos os saberes e áreas³ (exatas e

² O termo pode ser entendido aqui simplesmente como estudos de cada área do saber.

³ A divisão das disciplinas e a criação das especialidades no campo da educação foram denunciadas por A. Einstein como prejudicial para a formação humana, o cientista afirmou que “Não basta ensinar ao homem uma

humanas) do conhecimento por um mesmo viés fundamental de investigação, apto a manter intactas as particularidades de cada uma dessas áreas, ainda que estabeleça uma finalidade comum para elas? Assim, podemos formular melhor essas questões que consideramos objetivos finais de toda filosofia lupasciana da seguinte forma: é possível uma confluência das pesquisas entre a filosofia e ciência (física quântica, biologia, neurociência) a partir do viés da mútua compreensão de um antagonismo presente em ambas vertentes do conhecimento? E ainda, é possível estruturar uma ética a partir dessa mesma base comum (o antagonismo) como objetivo último (finalidade ou teleologia) de toda possível confluência entre esses saberes?

Ora, para a primeira questão sobre a integralização das disciplinas, podemos contar com os avanços primeiramente esboçados por Piaget no campo da transdisciplinaridade⁴, que hoje se encontra encabeçada principalmente pelas ideias de Basarab Nicolescu, em que temos o principal propagador da filosofia de Lupasco⁵. O que é mais difundido hoje é que Lupasco conseguiu unificar os saberes em torno de sua teoria, mas e quanto a estabelecer um objetivo comum dessa integralização dos saberes que esteja situado no campo da ética, observada no

especialidade porque ele se tornará assim, uma máquina utilizável, mas não uma personalidade. É necessário que adquira um sentimento, um senso prático daquilo que vale a pena ser empreendido, daquilo que é belo, do que é moralmente correto. A não ser assim, ele se assemelhará, com seus conhecimentos profissionais, mais a um cão ensinado do que a uma criatura harmoniosamente desenvolvida”. (EINSTEIN, apud SIQUEIRA-BATISTA; Helayël-Neto. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022008000200016> acesso em: < 9/6/2020>).

⁴ “Termo originalmente criado por Piaget, que no I seminário Internacional sobre pluri e interdisciplinaridade, realizado na Universidade de Nice, também conhecido como Seminário de Nice, em 1970, divulgou pela primeira vez o termo, dando então início ao estudo sobre o mesmo, pedindo para que os participantes pensassem no assunto. Hoje, tendo o Centre International de Recherches et d’Études transdisciplinaires (CIRET) como um dos principais centros mundiais de estudos sobre os conceitos transdisciplinares, é um dos mais complexos, e por consequência um dos mais estudados conceitos, onde ao mesmo tempo procura uma interação máxima entre as disciplinas, porém respeitando suas individualidades, onde cada uma colabora para um saber comum, o mais completo possível, sem transformá-las em uma única disciplina. E é na Carta da transdisciplinaridade, produzida no I Congresso Mundial de Transdisciplinaridade 1994, realizado em Arrábida, Portugal, com fundamental colaboração do CIRET e apoio da UNESCO” (Disponível em:< <http://www.helioteixeira.org/ciencias-da-aprendizagem/o-que-e-transdisciplinaridade/>> Acesso em:<9/6/2020>. O nome de Stéphane Lupasco figura arrolado como membro falecido do CIRET que tem por presidente honorário e membro fundador o Sr. Basarab Nicolescu.

⁵ Chamado por Gilbert Durand de “o sábio romeno” (DURAND, 2001, p. 62) e tido por Benjamin Fondane como o homem mais inteligente que havia encontrado⁵, Stéphane Lupasco nasceu com o século passado, em 11 de agosto de 1900, em Bucareste, na capital da Romênia, e veio a falecer em 7 de outubro de 1988, pertenceu a uma família de nobres aristocratas moldavos. Lupasco, que aos oito anos já era obcecado pela filosofia de Espinoza, sempre esteve, ao longo de sua vida, em contato direto com inúmeros pensadores, cientistas e artistas de seu tempo, tais como: Bréhier, Bachelard, De Broglie, Fondane e Cioran, seus amigos íntimos, Salvador Dali, dentre outros. Lupasco foi filósofo, biólogo e físico, e escreveu vários livros e artigos, mas foi com a publicação da obra “Trois Matières” (Três Matérias), em 1960, que recebeu notório reconhecimento pela crítica, um *bestseller*, que o fez ser tratado pelo público como o novo Descartes, Leibniz ou Hegel do século XX, Claude Mauriac, do *Le Figaro*, escreveu ter tido a impressão “de ter descoberto o Dicours de la méthode” (alusão à obra de René Descartes, “O Discurso do Método”) (BADESCU; NICOLESCU, 2001, p. 31) de sua época.

âmbito do conhecimento filosófico e científico? Como pode ser entendida uma ética do antagonismo como causa fundante e fim último desses saberes? Este nos parece ser o problema primordial iniciado por Basarab Nicolescu e Solange de Mailly-Nesle, que Lupasco pareceu não querer desenvolver no triálogo ao final de sua última obra, muito embora o filósofo romeno tenha levantado e procurado nos sinalizar alguma solução em seus trabalhos, especialmente nesse último livro, intitulado “O Homem e suas Três Éticas”⁶, o qual ainda não recebeu uma abordagem específica no cenário acadêmico brasileiro em geral, problema que concentrará os esforços da presente pesquisa para a sua possível elucidação.

Assim, desenvolveremos aqui que Lupasco não apenas abriu sólidos caminhos para a confluência de áreas do conhecimento, como é sabido por seus leitores que até então eram tidas como divergentes e, a partir da compreensão antagonista de mundo, proporcionou um legado para a história vindoura, o parto para a resolução de outra questão mais voltada para a filosofia prática: a de como pode se estabelecer uma ética do antagonismo como propósito último (teleologia) de toda essa confluência dos conhecimentos filosóficos e científicos desenvolvidos pela humanidade, ainda que o filósofo romeno tenha resistido a esse propósito, conforme podemos observar no triálogo da sua última obra. Portanto, a presente tese se propõe a estudar esta possibilidade de aplicação prática de uma ética universal como sentido e finalidade de todo conhecimento humano, ou melhor, que todo conhecimento é, em si, ortoética, um comportamento antagônico equalizado num estado de equilíbrio, disposto nas três realidades éticas descobertas por Lupasco, que abordaremos nos últimos tópicos deste texto.

Em linhas gerais, a filosofia do antagonismo que aqui esboçamos pode ser entendida como o esforço do pensamento humano – no seu desenvolvimento histórico enquanto filosofia e ciência – para compreender que os seus processos de conhecimento ocorrem por meio de um equilíbrio necessário, estável e constante entre os diversos tipos de oposições, conflitos, paradoxos, antinomias, ambiguidades e contradições que envolvem nossos sentidos, e a forma como os interpretamos para conhecer o mundo e a nós mesmos, ou seja, do

⁶ O professor Dante Augusto Galeffi apresenta Lupasco dizendo o seguinte: “O físico, filósofo e músico Stéphane Lupasco (1900-1988), nascido na Romênia e radicado na França, desenvolveu um pensamento que considero paradigmático para a compreensão da triética humana. O principal de sua concepção triética foi publicado no livro *L’Homme et ses trois étiques* (1986), dois anos *Ética e Ciência - miolo*. indd 66 27/9/2012 03:12:22 Academia de Ciências da Bahia 67 antes de sua morte, com tradução para o português em 1994, *O Homem e suas Três Éticas*. Trata-se de uma concepção paradigmática justamente pela sua densidade conceitual articuladora de uma concepção de natureza que parte do reconhecimento de três modalidades de matéria-energia constitutivas também do ser humano em seu modo de ser fatural e histórico. E digo ainda que o caráter paradigmático do pensamento de Lupasco pode ser reconhecido no grande vigor criador de sua concepção e explicação das três formações de matéria-energia que constituem a totalidade do que se conhece como o Cosmos, a partir inevitavelmente do ponto de vista humano em seu ambiente de vida planetário.” (GALEFFI, 2012, p. 66 e 67).

antagonismo geral e particular, presente nos processos e fenômenos de tudo o que podemos conhecer, desde o universo macrofísico e subatômico aos seres biológicos e a própria consciência.

Sendo assim, a filosofia do antagonismo é o estudo em torno do entrelaçamento dos conceitos de contradição, dualidade, dubiedade, conflito, paradoxo, antinomia, etc., que sempre esteve presente na tradição filosófica ao longo da sua história e que ganhou, no último século, uma importante contribuição da ciência, em especial da física quântica. Nesse sentido, todos os conceitos acima listados e outros do gênero aparecem como confluente⁷ à ideia que aqui apresentamos de uma filosofia do antagonismo em que pese ao conceito de antagonismo abarcar esses conceitos, em geral, como necessários a todos os processos do

⁷ Entendemos que comumente não ocorrem distinções vocabulares tecnicamente precisas desses conceitos entre os autores e filósofos antagonistas ou mesmo comentadores gerais, até mesmo pelo fato da variedade de idiomas que discutem esses conceitos na história do pensamento, trazendo cada um a sua singularidade específica de compreensão. A exemplo de Nicola Abbagnano que em seu Dicionário de Filosofia afirma sobre o significado de “antinomias” que “Com esse termo ou com o termo paradoxos são chamadas as contradições propiciadas pelo uso da noção absoluta de todos em matemática e em lógica”. Ou seja, na mesma proposição que explica antinomias aparecem os conceitos de “paradoxo” e “contradição” (ABBAGNANO, 2007, p. 63. Grifo nosso) e das “Antinomias Kantianas” que “A palavra A. significa propriamente ‘conflito que de leis’ (QUINTILIANO, Inst. or., VII, 7, 1), mas foi estendida por Kant para indicar o conflito em que a razão se encontra consigo mesma em virtude dos seus próprios procedimentos. Kant falou das A. no campo da cosmologia racional, isto é, da doutrina que tem por objeto a ideia do mundo” (ABBAGNANO, 2007, p.65). Semelhantemente, no seu “Dicionário Hegel”, Imwood põe em par de igualdade os conceitos “contradição” e “antinomia” ao afirmar que “Kant sustentou que, ao argumentar acerca do mundo como um todo, caímos inevitavelmente em contradições ou “antinomias” (INWOOD, 1997, p. 81) e ainda que “desde cedo, Hegel viu um conflito entre as leis da contradição e as verdades da religião” (INWOOD, 1997, p. 81. Grifo nosso), em que esse “conflito” das contradições, acompanhado da identificação de certo estado de equilíbrio que abordaremos em Lupasco, é o que melhor exprime o antagonismo que estamos apresentando. Ainda sobre o antagonismo, o dicionário on-line de português define esse termo como: “oposição, falta de compatibilidade de ideias, pontos de vista, grupos sociais; rivalidade: antagonismo entre ideias e propostas. Ação que se desenvolve de modo oposto; tendência para se comportar de maneira contrária a; oposição. Manifestação de princípio(s) ou vontade(s) contrários a algo ou alguém. [Figurado] Relação de discordância ou de oposição entre personagens. [Farmácia] Interação que ocorre entre duas substâncias de ação oposta, buscando neutralizar ou diminuir o efeito que uma provoca na outra. (Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/antagonismo/>>. Acesso em: <8/6/2020>). De maneira que Abbagnano apresenta o termo “contradição” em Fichte, e em Hegel. Em termos de oposição de tudo, uma vez que “Fichte chamava o princípio de C. "princípio da oposição", expressando-o com a fórmula "- A não = A" (que se lê "não - A não igual a A"), que julgava exprimir o ato pelo qual o Eu opõe a si mesmo um não-Eu, isto é, uma realidade ou uma coisa (Wissenschaftslehre, 1794, § 2). Hegel considerava o princípio de C e o de identidade, como "a lei do intelecto abstrato" (Ene, § 115). E contrapunha-lhe a lei da "razão especulativa", que seria: "Todas as coisas se contradizem em si mesmas". Essa lei seria a raiz de qualquer movimento e da vida, servindo de fundamento para a dialética (Wissenschaft der Logik, ed. Glockner, I, pp. 545- 46). Por outro lado, a dialética (v.) é a identidade dos opostos, de tal modo que a C, conquanto seja a raiz da dialética (do movimento e da vida), não é a dialética, que, aliás, procede continuamente, conciliando e resolvendo as C.” (ABBAGNANO, 2007, p. 204). Com isso, o termo “oposição”, ligado no dicionário à definição de antagonismo, pode naturalmente estar aplicado ou envolvido nas definições filosóficas de “contradição” e vice-versa. Por toda essa complexidade que envolve os referidos termos, é que preferimos abarcar, no único conceito de antagonismo, todos esses significados que podem aparecer também como dualismo antagônico, dubiedades, ambiguidades, entre outros conceitos do gênero. Assim, por esses e outros inúmeros exemplos não listados aqui por conta do espaço, mas que ficarão evidenciados no corpo deste trabalho, é que sempre encontraremos esses termos ou conceitos entrelaçados nas explicações de filósofos e comentadores, ao passo que são geralmente entendidos como um complexo conflitante em constante dinamismo antagônico, observados tanto na física, como na biologia e em todas as concepções de linguagem.

saber humano que os envolve, enquanto os considera parte de um novo sistema lógico dos contraditórios desenvolvido a partir de Lupasco, do qual emana um estado de equilíbrio capaz de produzir todas as nossas definições e também indefinições que temos sobre tudo.

Por conseguinte, a filosofia do antagonismo se constitui também numa linha de pensamento em construção e que por isso ainda não está sistematizada completamente, o que também se propõe o presente trabalho em ser mais uma singela ferramenta dessa nova abordagem filosófica, uma vez que férteis trabalhos que abordam temática semelhante têm sido desenvolvidos nas últimas décadas, mas que não se voltaram especificamente ao que o antagonismo se refere em termos de uma ortoética, a qual descreveremos aqui com base no pensamento de Lupasco. Com isso, é a partir do estudo dessa linha de investigação que localizamos a filosofia do antagonismo⁸ de Stéphane Lupasco, a qual trouxe novas reflexões para as discussões acerca dos processos de antagonismos e contradições, segundo a perspectiva de uma lógica original do antagonismo, criada pelo filósofo romeno.

Lupasco é considerado por muitos de seus contemporâneos e por pensadores posteriores como o filósofo que melhor sintetizou, no final do último século, uma filosofia do antagonismo⁹ por meio de uma filosofia original que introduziu conceitos oriundos da biologia, química, física, psicologia e filosofia de sua época, numa mesma demonstração antagonista do psiquismo humano e do mundo com base numa lógica do contraditório por ele desenvolvida. Isso sugere uma espécie de atualização da ética de Heráclito feita por Lupasco, ou seja, de uma ética vinculada ao conhecimento científico. Este tipo de união entre o conhecimento ético e científico em Heráclito foi abordado por Kirk, Raven e Schofield:

Os conselhos éticos de Heráclito são gnômicos na forma, e na maior parte semelhantes, quanto ao conteúdo geral, aos dos seus predecessores e contemporâneos; por vezes são expressos de uma maneira mais pictória e frequentemente mais crua. Sublinham a importância da moderação, que depende, também ela, de uma apreciação correta das faculdades de cada um. Mas esta espécie de conselho (a que naturalmente se comparam as máximas

⁸ Termo esse que Mireille Chabal entende por “lógica contraditória de Stéphane Lupasco”. Filosofia do antagonismo aponta que, nas palavras de Chabal: “Lupasco destaca *o antagonismo* presente em tudo que se torna, em todo dinamismo, em todos os ‘sistemas’ de qualquer natureza. Qualquer sistema tem uma dualidade ‘contraditória’”. Disponível em: <http://dominique.temple.free.fr/reciprocite.php?page=reciprocite_2&id_article=192>. Acesso em: <06/06/2020>. Nicolescu expressa o pensamento de Lupasco em termos de uma “lógica antagonista”, ou de “dualismo antagonista”, e ainda na forma de “conceito de antagonismo contraditório”. (NICOLESCU, 2012, p. 18 e 20). Nesse sentido, na filosofia do antagonismo, os termos antagonismo e contradição se entrelaçam de maneira que não são mais considerados separadamente distintos, mas contidos para a compreensão de todos os processos de conhecimento, sejam empíricos ou racionais.

⁹ Aquela que considera a contradição e o terceiro termo incluídos como inerentes e necessários a todos os fenômenos entendidos tanto na esfera objetiva (ou física) como na subjetiva (ou racional, psíquica).

délficas “Conhece-te a ti mesmo” e “Nada em excesso”) tem um significado mais profundo em Heráclito, porque se fundamenta (não explicitamente, mas de forma claramente implícita em 194, etc.) nas suas teorias físicas, e é devida à sua crença de que só pela compreensão do modelo central das coisas pode um homem tornar-se sábio e completamente eficiente [...]. É esta a verdadeira moral da filosofia de Heráclito, em que a ética é pela primeira vez formalmente entretecida com a física. (KIRK, RAVEN e SCHOFFIELD, 1994, p. 219).

Contudo, Lupasco não herdou apenas essa aproximação da ética com a física no modelo heraclitiano, mas também a aceitação do “meio-termo incluído”, antes também presente no pensamento de Anaxágoras¹⁰. Após estruturar o antagonismo sobre bases filosóficas, científicas e neuropsicológicas, entendemos que Lupasco não propôs um último objetivo para o conhecimento unificado do pensamento humano, a saber, o filósofo romeno sugeriu o desenvolvimento para uma sociedade psíquica a partir de sua leitura das três éticas, porém não apontou a sua ortoética como a finalidade do mundo, apesar de vislumbrar a possibilidade de certa aplicação prática nas relações humanas daquilo que podemos conhecer acerca de sua filosofia do antagonismo, a partir de uma ortoética¹¹ (comportamento antagônico das três dimensões: física, biológica e psíquica), mas não claramente como finalidade da filosofia do antagonismo em suas vertentes filosófica e científica. Isso aconteceu em forma de uma inquietação ou instigação por parte de Nicolescu e Mailly-Nesle ao final do triálogo, não como uma teleologia de todo conhecimento. Tal afirmação acontecerá no presente texto, ou seja, apontamos a ortoética como a ética do equilíbrio fundamental e finalidade de todo conhecimento. Conseqüentemente, a ortoética lupasciana chegou ao ápice no livro “O Homem e as Suas Três Éticas”, último trabalho de Lupasco publicado em português, em 1986, como uma releitura dos conceitos de “bem” e “mal” por um viés antagonista de compreensão, que abarca o ser nas suas três dimensões ou realidades: biológica, física e psíquica.

¹⁰ Na interpretação de Aristóteles, temos: “O argumento de Heráclito ao afirmar que tudo é e não é, parece fazer tudo verdadeiro, ao passo que o de Anaxágoras, afirmando que há um intermediário na contradição, parece fazer tudo falso; pois, quando tudo está misturado, a mistura não é nem boa, nem não boa, de modo que não seria verdadeiro afirmar nada”. Ver *Metafísica* de Aristóteles 1012a24-28 disponível em: <<https://modle.ufsc.br/mod/resource/view.php?id=771367&forceview=1>>. Acesso em: <06/04/2020>.

¹¹ Orto, etimologicamente, pode ser entendido como “termo de composição que provém do grego: “*orthos*” e que exprime a ideia de direito, reto, exato. Entra na formação de muitas palavras.” Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/orto/>>. Acesso em: <07/09/2020>. Esse termo unido ao termo “ética” em Lupasco pode ser entendido como alinhamento, correção ou exatidão das três éticas (macrofísica, biológica e psíquica), que serão abordadas no terceiro capítulo do presente trabalho.

Assim, a genérica relativização dos valores¹², que são geralmente elencados por esses dois objetos da ética acima citados (bem e mal), ocorre devido às variáveis de localização e momento histórico das sociedades, nas quais são pensados e significados. Isso foi abordado por Lupasco na perspectiva de um antagonismo energético, onde ambas as concepções de bem ou de mal são evidenciadas com ênfase às várias sociedades, as quais atribuem a um dos lados do dinamismo um antagônico existente entre a matéria-energia homogeneizante (dada na realidade física) e a matéria-energia heterogeneizante (dada na realidade biológica) em épocas diferentes.

Disso sucede que nem o bem nem o mal permanecem o mesmo para a humanidade nas várias localizações geográficas e nas várias épocas vividas e nem mesmo para cada indivíduo, em virtude desses dinamismos em contínuo antagonismo mútuo. Por outro lado, na relação antagônica, sempre se sobrepõe um determinado “estado T”, estado de tensão mediano, ou seja, é a exata situação na qual nasce a consciência que sempre está sendo atualizada e potencializada na identificação daquilo que possibilita o conhecimento, ou seja, nos processos físicos, biológicos e psíquicos.

Com efeito, esse “estado T”, para Lupasco (1986, p. 66), representa o bem por excelência, o qual está para além do conflito entre o bem e o mal, a saber, o equilíbrio conflitante. É nisso que consiste a ortoética, segundo o filósofo romeno: um estado comportamental de equilíbrio entre energias opostas. Desse modo, a ortoética de Lupasco é a ética da centralidade instalada no psiquismo humano entre concepções de bem e mal, entre a ética biológica (do corpo biológico em seus múltiplos sistemas) e a macrofísica (do mundo dos entes

¹² “VALOR (, lat. Aestimabüe. in. Value, fr. Valeur, ai. Wert; it. Valore). Em geral, o que deve ser objeto de preferência ou de escolha. Desde a Antiguidade essa palavra foi usada para indicar a utilidade ou o preço dos bens materiais e a dignidade ou o mérito das pessoas. Contudo, esse uso não tem significado filosófico porque não deu origem a problemas filosóficos. O uso filosófico do termo só começa quando seu significado é generalizado para indicar qualquer objeto de preferência ou de escolha, o que acontece pela primeira vez com os estóicos, que introduziram o termo no domínio da ética e chamaram de V. os objetos de escolha moral. Isso porque eles entendiam o bem em sentido subjetivo (v. BEM, 2). podendo assim considerar os bens e suas relações hierárquicas como objetos de preferência ou de escolha. Por V., em geral, entenderam "qualquer contribuição para uma vida segundo a razão" (DIÓG. L., Vil, 105), ou, como diz Cícero, "o que está em conformidade com a natureza ou é digno de escolha (selectionedignam): (De finibus, III, 6, 20). Por "estar em conformidade com a natureza", entendiam o que deve ser escolhido em todos os casos, ou seja, a virtude; como "digno de escolha", entendiam os bens a que se deve dar preferência, como talento, arte, progresso, entre as coisas do espírito; saúde, força, beleza entre as do corpo; riqueza, fama, nobreza, entre as coisas externas (DIÓG. L., VII, 105-06). A divisão entre V. obrigatórios e V. preferenciais será mais tarde expressa como divisão entre V. intrínsecos ou finais e valores extrínsecos ou instrumentais. [...] Consequentemente, a melhor definição de V. é a que o considera como possibilidade de escolha, isto é, como uma disciplina inteligente das escolhas, que pode conduzir a eliminar algumas delas ou a declará-las irracionais ou nocivas, e pode conduzir (e conduz) a privilegiar outras, ditando a sua repetição sempre que determinadas condições se verifiquem. Em outros termos, uma teoria do V., como crítica dos V., tende a determinar as autênticas possibilidades de escolha, ou seja, as escolhas que, podendo aparecer como possíveis sempre nas mesmas circunstâncias, constituem pretensão do V. à universalidade e à permanência.” (ABBAGNANO, 2007, p. 989 e 993).

sensíveis em oposição ao mundo subatômico), em que o seu papel primordial é a busca de uma prática mais aproximada possível da perfeição, ou seja, um terceiro elemento, considerado também como o bem, é entendido como aquilo que sustenta e equilibra as tensões entre o bem e o mal e é capaz de promover a criação artística¹³ e a afetividade¹⁴.

Na ortoética, é fundamental o papel da linguagem¹⁵ para o estabelecimento do norte mediano, como aponta Nicolescu: “a linguagem deve atingir certa precisão a fim de evitar a confusão entre oposição e contradição” (NICOLESCU apud LUPASCO, 1986, p. 136). Assim, versa, por exemplo, sobre uma ética deontológica (de Kant) e uma ética utilitarista (de S. Mill), estabelecendo um discurso médio entre as duas concepções ou quantas outras oposições e conflitos éticos possam existir nas sociedades.

Com isso, entendemos aqui que a tarefa da ortoética é procurar estabelecer um discurso confluyente a partir dos discursos opostos entendidos por ela, por considerar e entender esses discursos opostos como processos antagônicos naturais e necessários para conhecimento de ambos e criação de algo novo no pensamento. Logo, a ética é compreendida por Lupasco como “o comportamento ao mesmo tempo físico, biológico e psíquico do homem em conflito com os fenômenos internos e externos, do sujeito e do objeto, do inconsciente e da consciência”¹⁶ (LUPASCO, 1986, p. 7). Por outro lado, propomos que a ética não é esse

¹³ Que abordaremos de maneira sucinta no tópico 3.6 do presente trabalho.

¹⁴ Ver notas 57 e 59.

¹⁵ Em geral, o uso de signos intersubjetivos, que são os que possibilitam a comunicação. [...] A L. distingue-se da língua, que é um conjunto particular organizado de signos intersubjetivos. A distinção entre L. e língua foi estabelecida por Ferdinand de Saussure, que a definia da seguinte forma: “A língua é um produto social da faculdade de L. e ao mesmo tempo um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”. Tomada em conjunto, a L. é multiforme e heteróelita; sobreposta a domínios diversos — físico, fisiológico e psíquico — também pertence ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em categoria alguma de fatos humanos porque não se sabe como determinar a unidade” (*Cours de linguistique générale*, 1916, p. 15). Do ponto de vista geral ou filosófico, o problema da L. é o problema da intersubjetividade dos signos, do fundamento desta intersubjetividade” (ABBAGNANO, 2007, p.615).

¹⁶ Veremos que, em Lupasco, a consciência é gerada pelo sujeito, em um processo de potencialização das heterogeneidades que ele recebe por meio de seu sistema aferente (do sistema da percepção dados por influxos nervosos transportados das sinapses da periferia sensorial até aos centros nervosos por neurônios aferentes), e define ainda que esse primeiro processo, “a consciência do objeto é o próprio objeto enquanto potencial” (LUPASCO, 1986, p. 19), quer dizer, os “objetos na sua possibilidade de existência” (LUPASCO, 1986, p. 19). Disso sucede que a recepção do sistema nervoso aferente as informações heterogêneas oriundas dessa percepção dos possíveis objetos existentes no mundo, as quais em seu estado potencial ficam aptas a receber a contrapartida (oposição) do “motor neurológico de uma identificação, de uma homogeneização” (LUPASCO, 1986, p. 19), para que o sujeito possa então identificar e definir esses objetos. Isso resulta numa dialética antagônica geradora da percepção e da ação a partir de uma dinâmica igualmente antagônica de potencialização dos objetos (percepção) e a sua atualização (ação), identificação. Assim, temos, de um lado, a percepção = sistema aferente = heterogeneização = consciência, e por outro, a ação = sistema eferente = homogeneização = atualização = inconsciente. De modo que esse processo atualizador que o sujeito operacionaliza no motor neurológico de forma automática compreende ao surgimento daquilo que se entende por inconsciente, ou seja, não temos “consciência do que se atualiza automaticamente, normalmente, a menos que esteja doente dos olhos, dos ouvidos” (LUPASCO, 1986, p. 19), casos em que temos consciência de que há algum problema com essas atualizações automáticas. Com efeito, o sujeito também é o centro da homogeneização inconsciente dessa heterogeneidade

mero comportamento característico do sujeito e do objeto, mas é o sujeito e também o objeto, a energia é a ética, ou seja, tudo é esse comportamento em estado de antagonismo. Esta é a tênue diferença do pensamento de Lupasco para aquilo que formulamos com base em seus escritos. Para Lupasco, tudo tem um mesmo tipo de comportamento, ao passo que, para nós, esse comportamento é o tudo. Desse modo, a ortoética consolida o antagonismo pelo fato de ela estar pautada nestes três comportamentos, cujo centro é o campo subjetivo¹⁷ (do psiquismo) do sujeito, descoberto por Lupasco, enquanto, para nós, ela também deve ser consequentemente aplicada ao campo das possibilidades práticas, das ações reais, constituindo um caminho mais “completo” de toda teorização antagonista filosófica e científica, com uma finalidade comum a ela atribuída. Assim, segundo Lupasco,

O homem é justamente o centro dessas três orientações éticas que nele se combatem, e que ele ignora a maioria das vezes [...] trata-se agora de passar ao plano das condições práticas, da resolução dos problemas que o mundo

que recebeu na percepção. Portanto, nas palavras de Lupasco, “estamos na presença de uma dupla consciência e de uma dupla inconsciência contraditórias antagônicas” (LUPASCO, 1986, p. 23), que surgem a partir desses estímulos neuromotores conflituosos entre os “influxos cognitivos aferentes da percepção” e dos “influxos cognitivos eferentes da atividade motora” (LUPASCO, 1986, p. 24).

¹⁷ “SUBJETIVO (in. Subjective; fr. Subjectif, ai. Subjektir. it. Saggettivo). Aquilo que pertence ao sujeito ou tem caráter de subjetividade. Esse adjetivo teve dois significados, correspondentes aos do termo sujeito, mas somente o segundo ainda é usado. 1. A partir da escolástica do séc. XIII, o adjetivo significa simplesmente substancial. Ockham dizia: “Pode-se dizer com probabilidade que o universal não é algo real que tenha existência substancial (esse subjectivum) na alma ou fora da alma, mas que existe na alma num modo de ser representativo (in esse objectivo) que corresponde àquilo que a coisa externa é na sua existência substancial” (In Sent., 1. d. 2, q. 8. E; cf. DtNS SCOT, Dean. 17, 14). Este significado mantém-se em toda a Idade Média. 2. O significado de S. como pertencente ao eu ou ao sujeito do homem é encontrado pela primeira vez em alguns escritores alemães do séc. XVIII (sobre eles cf. CASSIRER, *Irkenntnisproblein*, 1908, livro VII). Já Baumgarten falava da “fé considerada subjetivamente”, em oposição à “fé considerada objetivamente”, que é o conjunto de crenças (AM., 1739, § 993). Algumas décadas depois, discutia-se a beleza ou a verdade: seriam subjetivas ou objetivas? Entendia-se por objetiva “uma propriedade dos objetos”, e por S. “uma representação da relação entre as coisas e nós, ou seja, uma relação com quem as pensa” (J. E. Lossius, *Physische Ursachen des Wahren*, 1775, p. 65). A mesma distinção encontra-se em Tetens (*Philosophische Yersuche*, 1776, I, pp. 344, 560, etc.). Foi desse uso do adjetivo que Kant extraiu o novo significado atribuído ao substantivo sujeito”. (ABBAGNANO, 2007, p. 922). “SUBJETIVIDADE Característica do sujeito; aquilo que é pessoal, individual, que pertence ao sujeito e apenas a ele, sendo, portanto, em última análise, inacessível a outrem e incomunicável. Interioridade. Vida interior. A filosofia chama de “subjetivas” as qualidades segundas (o quente, o frio, as cores), pois não constituem propriedades dos objetos, mas “afetações” dos sujeitos que as percebem. Nenhum objeto é quente ou frio, mas cada um possui apenas uma certa temperatura. Toda impressão é subjetiva. Por isso. Kant chama de subjetivos o espaço e o tempo, porque não são propriedades dos objetos não nos são dados pela experiência, mas pertencem ao sujeito cognoscente: são “formas a priori da sensibilidade”. Assim, a subjetividade caracteriza a teoria do conhecimento de Kant. SUBJETIVISMO Tendência a considerar todas as coisas segundo um ponto de vista subjetivo e pessoal. Concepção filosófica que privilegia o sujeito, na relação de conhecimento em particular e na experiência em geral. em detrimento do objeto. O subjetivismo é uma forma de *idealismo e considera a realidade como reduzindo-se ao sujeito pensante e suas idéias e representações, ou a fenômenos sem nenhuma realidade substancial, sendo impossível à consciência alcançar a objetividade. Oposto a objetivismo. Ver fenomenismo; substancialismo. **subjetivo** (lat. subjectivus) Que se refere ao sujeito do conhecimento, à *consciência, à interioridade. Relativo ao indivíduo, à experiência individual. Ex.: ponto de vista subjetivo.” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p.254).

levanta ao ser humano, por meio destes três tipos de ética. (LUPASCO, 1986, p. 7).

Embora o autor tenha proposto “passar ao plano das condições práticas”, ele parece se esquivar de desenvolver tal proposta ao final de sua última obra (especificamente no triálogo), estabelecida nas explicações, apesar do filósofo romeno ter previsto essa possível aplicação, o mesmo não estabeleceu um “como” isso deveria ocorrer, mas tão somente insistia que o primeiro passo era a devida compreensão das três éticas por ele descobertas. Com efeito, queremos afirmar que o seu alvo – da ortoética – é o aprimoramento das relações humanas para que, a partir do conhecimento dos fundamentos antagônicos que regem as diferenciações biológicas, físicas e psíquicas, possamos conhecer ou construir um discurso médio de conduta universal. Talvez Lupasco seja a realização dos sonhos kantianos e hegeliano unidos à física quântica para a construção de uma ética fundamental, revisitados e reestruturados a partir do conhecimento dessa construção filosófica antagonista entre filosofia e ciência.

Disso sucede que, no presente trabalho, apresentaremos três aspectos da filosofia do antagonismo, em que, no seu primeiro capítulo intitulado o *Primeiro aspecto da Filosofia do Antagonismo: antagonismo filosófico ou estruturante*, abordaremos três recortes daquilo que entendemos como discursos antagonistas na tradição filosófica como base firme para a filosofia do antagonismo nascente, primeiramente com os gregos, nas leituras de Anaximandro e Heráclito, esse último como o pai do antagonismo por excelência, e depois na modernidade com Kant, a fim de proporcionar à nossa discussão uma primeira base filosófica das concepções antagonistas que trataremos no decorrer deste estudo.

Por outro lado, foi necessário deixar uma lacuna proposital no que se refere ao pensamento filosófico medieval, ainda que nomes como Santo Agostinho, Santo Anselmo, Tomás de Aquino e Nicolau de Cusa pudessem ter sido levantados também como antagonistas daquele período, em virtude da sintetização deste trabalho, em termos de espaço para seus conteúdos, de maneira que daremos um salto para o antagonismo específico e bem mais completo de Kant, por considerar seu pensamento um ponto essencial e parto histórico para a filosofia do antagonismo rumo a Lupasco.

Consequentemente, no segundo capítulo intitulado *Segundo aspecto da Filosofia do Antagonismo: o antagonismo científico (ou de aproximação empírica) como a certeza da incerteza*, trataremos acerca do que entendemos ser a engrenagem essencial, essa que

nenhum pensador se apropriou tão excelentemente de seus avanços como Lupasco, das posições antagonistas dos discursos da física quântica chancelados por seus experimentos, em especial, o experimento da “dupla fenda”, que abriu caminhos maravilhosos para a unificação do pensamento e o nascimento ou retomada da transdisciplinaridade a partir do filósofo romeno.

Com efeito, todo antagonismo até então postulado filosoficamente ganhou uma incrível e significativa ajuda para sua consolidação através da autoridade científica nunca antes estabelecida no percurso do desenvolvimento do pensamento. Contudo, como afirmamos acima, um problema sempre se instaurou entre filosofia e ciência: a falta de um elo sólido entre os discursos (filosófico e científico) tão próximos e ao mesmo tempo tão dissociados e despercebidos sobre possibilidade de seu entrelaçamento.

Para a solução desse problema, é que apresentaremos o nosso objetivo final no terceiro capítulo intitulado *O Terceiro aspecto da Filosofia do Antagonismo: a ortoética de Stéphane Lupasco como teleologia de toda filosofia do antagonismo (filosófica e científica)*, onde o pensamento do filósofo romeno é considerado como esse elo entre ciência e filosofia ao propor uma lógica do contraditório e do terceiro termo médio capaz de não apenas consolidar uma filosofia do antagonismo apta a transitar por qualquer área do conhecimento como propor uma ética que sirva de finalidade (teleologia) da união entre os conhecimentos filosófico e científico. Portanto, ao apresentar nossa contribuição, nos empenharemos para defender a tese de que, a partir de Lupasco, estamos diante de um novo paradigma para os nossos estudos em ética, ou seja, um modelo de ética pautado sobre o conhecimento de três tipos de comportamentos energéticos presentes em todas as coisas, cujo centro de equilíbrio está no psiquismo humano.

Com isso, defenderemos aqui que o pensamento de Stéphane Lupasco, somente nos termos de sua ortoética como causa e finalidade de tudo, pautada no conceito de antagonismo, se constitui numa pedra de toque definitiva entre filosofia e ciência. Isso é o que consolida permanentemente a filosofia do antagonismo. Todavia, segundo nossa interpretação, distinguimos sutilmente a noção que Lupasco tinha de suas três éticas de comportamento energético (da matéria) para o que entendemos como a ética em si mesma, ou seja, uma vez que nada existe sem o comportamento antagônico em seu equilíbrio energético no estado T, a ética não se constitui apenas nesse comportamento de toda matéria (física, biológica e psíquica) do universo como algo diferente – matéria energética essencialmente diferente de ética – segundo Lupasco apresenta, mas é ela mesma, a ética, toda a realidade, aquilo que existe –

uma existência entendida como virtual –, todo universo empírico, físico, biológico e consciencial, é, na verdade, *comportamento*, isto é, a *ética*.

CAPÍTULO 1 – O PRIMEIRO ASPECTO DA FILOSOFIA DO ANTAGONISMO: ANTAGONISMO FILOSÓFICO (OU ESTRUTURANTE)

Por “aspectos” do antagonismo, entendemos os momentos de construção da filosofia do antagonismo, apresentados aqui em recortes na filosofia (como primeiro aspecto) a partir dos filósofos Anaximandro e Heráclito, nos primórdios do pensamento grego, e Kant, na modernidade, como expoentes importantes desse desenvolvimento das ideias antagonistas e das dubiedades do mundo e do pensamento investigados filosoficamente.

Depois, na segunda etapa, pretendemos saltar do discurso filosófico para o âmbito das investigações e proposições científicas (como o segundo aspecto da filosofia do antagonismo), as quais, nos últimos séculos, têm se desenvolvido sobre a égide de inúmeros antagonismos (entenda-se também como dualismos, contradições, oposições, etc.), para que enfim possamos culminar, na terceira e última fase, nas definições de Stéphane Lupasco como um elemento unificador das concepções da filosofia e da ciência, numa proposta transdisciplinar tendo como finalidade o limiar de um novo paradigma para as investigações voltadas para ética, ou seja, a ética como finalidade de todo esse desenvolvimento da filosofia do antagonismo.

Com isso, estudaremos sucintamente, a seguir, algumas ideias acerca dos conceitos que contemplam a filosofia do antagonismo (tais como contradição, conflito, oposição, dentre outros já citados), postos a partir de Anaximandro e Heráclito, que depois ganharam amadurecimento filosófico com Kant, nesse processo de abertura da lógica formal para novas possibilidades de entendimento, assimilação e aceitação de certa informalidade lógica, inevitavelmente presentes nas discussões filosóficas, cuja extensão é bem mais abrangente do que o universo resumido aos três filósofos que aqui são abordados.

1.1. A ideia de Antagonismo presente em Anaximandro de Mileto e Heráclito como parto de uma filosofia do antagonismo

Segundo Kirk, Raven e Schofield, o *apeiron* de Anaximandro possui alguns pontos distintos que nos possibilitam identificar, em seus raciocínios filosóficos, a presença das intenções antagonicas presentes em sua escola de pensamento, a saber, que

Não obstante, se o Indefinido era encarado como de certo modo divino, tal atitude favorece a hipótese de uma ação propositada[...] Parece improvável para Anaximandro, já que o Indefinido não pode evidentemente ter sido imaginado como *imane* ao mundo desenvolvido, mesmo do modo segundo o qual o mundo de Tales era, até certo ponto, interpenetrado por uma substância vital de natureza divina: o Indefinido foi assim chamado por não ser idêntico a nenhuma outra coisa na natureza. Contudo, podia aplicar-se a Anaximandro: é possível que o domínio exercido sobre todas as coisas se verificasse através da lei da retribuição entre contrários, lei ou modo de comportamento que teve início, quando as primeiras substâncias opostas apareceram no Indefinido e que ainda dirige todas as transformações do mundo. Mesmo assim, continua a verdade que Aristóteles *podia* ter tido em mente um outro que não Anaximandro – Heráclito, talvez ou Diógenes de Apolônia. (KIRK, RAVEN & SCHOFIELD, 1983, p. 116).

Nesse sentido, podemos perceber a presença de alguns elementos que nos proporcionam fazer uma ponte com as ideias posteriores acerca dessa unidade tão almejada por os antigos, a qual, por seu esforço racional, pode ser desenvolvida a ponto de hoje, com o advento da física quântica, podermos enfim convidá-los novamente à mesa do conhecimento para assim informá-los de sua genialidade e destreza em suas investigações filosóficas e podermos assim exercer hoje, de certa maneira, a plena confluência de suas ideias fundamentais até então ainda não experimentadas no âmbito das investigações científicas.

A exemplo do que apresentamos acima em Anaximandro, no que se refere ao *Indefinido*, proposto como algo não imane ao mundo, mas externo a ele na leitura daquilo que se acredita ser uma indicação aristotélica favorável que se coaduna à concepção Lupasciana – que veremos mais adiante – de uma energia¹⁸ psíquica equilibrante a partir dos contrários estabelecidos e verificados no campo macrofísico. Por outro lado, ainda que se leia Aristóteles, indicando com isso uma referência a Heráclito, tal concepção também reforça o caráter plural de se pensar nos contrários nessa essencialidade em constante oposição mútua, ou seja, o pensamento antagonico se confunde em termos de sua identificação específica na leitura que se faz dos respectivos filósofos e suas escolas, uma vez que tal filosofia, como a definimos antagonica, está impregnada nas mais diversas concepções e leituras pré-socráticas. Além disso, a presença de uma consciência que exerce tal ação, a qual pode naturalmente ser entendida como uma divindade, promove certa confluência dos até então entendidos como

¹⁸ Abordamos esse conceito no tópico 3.1 do terceiro capítulo do presente trabalho, intitulado “O conceito de energia em Lupasco e a tridialética da realidade”, p. 72.

opostos ciência e religião (ou razão e fé) já naquela conjuntura de pensamento, o que também se funde nos resultados obtidos e confirmados pelo experimento da dupla fenda que veremos mais adiante, por exemplo, na máxima de que as partículas se comportam de acordo com um observador, uma consciência que as define. Entendemos que essa “confluência” está posta na identificação mútua da ainda incompreensível e regente energia, presente como uma incógnita científica no universo e a divindade invisível também inacessível ao toque, mas anelada por místicos e religiosos como uma força atuante em suas vidas. Ora, a energia física, que promove o “real” de toda materialidade do universo, é tão “irreal” quanto o divino presente nas práticas e manifestações aclamadas como sobrenaturalmente “reais” nas tradições religiosas. Contudo, entendemos essa energia ou realidade como o comportamento antagônico, isto é, a ética em si mesma. Os mesmos comentadores citados acima escreveram ainda o seguinte:

A produção de algo que pudesse ser descrito como «contrários» era para Anaximandro um estádio essencial da cosmogonia; por isso, é razoável supor que eles desempenhavam um importante papel no mundo desenvolvido. A ação recíproca dos contrários é básica em Heráclito, que parece ter corrigido deliberadamente Anaximandro por meio do paradoxo «diss, córdia é justiça», (fr. 80, 211). É em Anaximandro que claramente se encontra, pela primeira vez, o conceito de substâncias naturais contrárias (conceito que reaparece em Heráclito, Parmênides, Empédocles, Anaxágoras, e, certamente, nos Pitagóricos desde Alcméon). Anaximandro foi, sem dúvida, influenciado pela observação das principais mudanças das estações, nas quais o calor e a seca do Verão parecem ter como adversários o frio e a chuva do Inverno. O constante intercâmbio entre substâncias contrárias é explicado por Anaximandro numa metáfora legalista derivada da sociedade humana: a prevalência de uma substância à custa do seu contrário é «injustiça», e a reação verifica-se através da aplicação do castigo, com a restauração da igualdade — de algo mais que igualdade, porquanto o prevaricador fica, também, privado de parte da sua substância original. Esta é dada à vítima, além daquilo que lhe pertencia, e por sua vez conduz (poderemos nós inferir) ao *xóqos*, ao excesso, por parte da primeira vítima, que passa a cometer uma injustiça contra o antigo agressor. Assim, tanto a continuidade como a estabilidade da mudança natural eram, para Anaximandro, motivadas por meio desta metáfora antropomórfica. (KIRK, RAVEN & SCHOFIELD, 1983, p. 119).

Aqui, o intercâmbio que Anaximandro faz entre ideias cosmológicas de contradição e contradições sociais para o estabelecimento da prevalência destas substâncias contrárias é brilhante. Isso demonstra a abrangência universal das ideias do antagonismo em todas as esferas possíveis do conhecimento. Com essas observações, fica claro ainda a importância

das contradições para o sustento das teorias cosmológicas desses primeiros pensadores, as quais ainda são bastante pertinentes hoje, até mesmo no que se refere às atuais teorias dos multiversos, oriundas dos mais importantes físicos teóricos e cosmólogos de nossa era. Mas o ápice do antagonismo arcaico ocorreu com Heráclito como o grande sintetizador de uma intenção propositadamente antagônica para explicação de tudo.

Sem sombra de dúvida, nossas investigações têm concluído que, em Heráclito, temos o principal expoente iniciador de toda discussão que estamos abordando no presente trabalho, a qual culminará na filosofia do antagonismo consolidada por Stéphane Lupasco. Assim, com um olhar atento aos escritos de Heráclito, logo perceberemos que os contraditórios também são um e a mesma coisa que se dá em oposição e/ou em contradição contínua. Assim, há nesse mostrar-se dos contrários uma unidade essencial que, para Heráclito, se apresentava como simples ou comum, mas que parecia ainda pouco acessível aos homens.

Essa unidade essencial era apresentada pelo filósofo grego em quatro diferentes tipos de ligações entre contrários basicamente. Pois, segundo Kirk, Raven e Schofield (1994), os fragmentos 61 ref. IX, 10, 5 e 60 ref. IX, 10, 4, de Hipólito; o fragmento 111, de Estobeu Anth. III, 1, 177, e o fr. 88, de Pseudo-Plutarco Cons. Ad. Apoll. 10, 106 nos trazem quatro conexões entre contrários apresentadas por Heráclito. Abordaremos, resumidamente, as principais concepções antagônicas na filosofia de Heráclito de Éfeso:

- a. A água do mar é a mais pura e a mais poluída; para os peixes é potável e salutar, mas para os homens é impotável e deletéria.
- b. O caminho a subir e a descer é um e o mesmo.
- c. A doença torna a saúde agradável e boa, como a fome, a saciedade, a fadiga, o descanso.
- d. E como uma mesma coisa, existem em nós a vida e a morte, a vigília e o sono, a juventude e a velhice: pois estas coisas, quando mudam, são aquelas, e aquelas, quando mudam, são estas¹⁹.

Com isso, temos no primeiro ponto o conceito de “água do mar”, que possui uma dupla característica, a saber, é boa para os peixes, mas ruim para os seres humanos, ou seja,

¹⁹ Ver KIRK; HAVEN; SCHOFIELD, 1994, p. 195.

a água como boa e ruim ao mesmo tempo, mas para sujeitos diferentes. Em seguida, no segundo exemplo, temos o conceito de “caminho”, tomado por seu duplo sentido de orientação do movimento, ou seja, subida e descida presentes na compreensão de um mesmo termo. Depois a “doença”, ao passo que se constitui algo ruim, por degradar a saúde, é, em si, também um conceito que possui o bom sentido de valorizar a saúde. Temos aqui o ruim que é bom por valorizar aquilo que é bom (saúde) e o tido como bom (da doença), é bom por causa do ruim tido como ruim (a doença). São, por conseguinte, elementos contraditórios que caracterizam um ao outro. Por fim, na quarta proposição, o “nós” como sujeitos à ação tanto da “vida como da morte, vigília e sono, juventude e velhice”, ou seja, em nós seres viventes, os opostos se apresentam ainda que em certo momento de uma forma, em outros, de outra, mas sempre no mesmo sujeito.

Desse modo, o pensamento de Heráclito²⁰ sugere, sem dúvida, que uma mesma coisa é dotada de contradição, oposição, conflito em seus vários sentidos, características, usos,

²⁰ *Polemos*. em Heráclito, é geralmente entendido como guerra, luta ou oposição. Ora, considerando que a contradição também é uma oposição (“o que se opõe ao que foi dito ou feito anteriormente: caiu em contradição; Ato de contradizer, de dizer ou fazer exatamente o oposto do que disse. Ver Dicio. Dicionário Online. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/contradicao/>>. Acesso em: <04/08/2020>, ou uma luta contrária ao mesmo que fora dito ou feito, esse conceito também está dentro desse universo antagônico que abordamos no presente trabalho. De maneira que podemos ter oposição de ideias diferentes e oposição acerca da mesma ideia, mas que, ao final, toda oposição ou luta acontece por negação de um mesmo princípio “comum”, a exemplo da contradição entre o liberalismo econômico e o não liberalismo econômico, que faz emanar dela diversas concepções opostas, portanto, o conflito é o efeito dessa contradição causal. Franco e Barros entendem que, no campo da filosofia prática, “Heráclito de Éfeso, o primeiro filósofo pré-socrático que introduziu a ideia da contradição e do movimento para a análise do meio social” (BARROS; FRANCO, 2014, p. 405), e explicam ainda que, para Heráclito, “o mundo explica-se não apesar das mudanças de seus aspectos, muitas vezes contraditórios, mas exatamente por causa dessas mudanças e contradições” e que “a divergência e a contradição não só produzem a unidade do mundo, mas também a sua transformação” (BARROS; FRANCO, 2014, p. 409), de modo que esse “combate”, referido por Heráclito, tem implícito a contradição, pois não se explica um conceito (conflito) sem a ausência do outro (contradição). Assim, aqui não fazemos a separação entre contrário e contradição, ao passo que esses termos são conjuntamente postos no âmbito da filosofia do antagonismo, ou seja, o contrário de uma coisa ou de algo será também a sua contradição. Se dissermos, por exemplo, inspirados em Heráclito, que algo é quente e frio ao mesmo tempo, estamos mencionando uma contradição de contrários. Se por outro lado dissermos que uma coisa é e não é ela mesma, estamos falando de uma contradição no mesmo, ou seja, há uma adição de um possível contrário do mesmo. Logo, pelo conjunto da obra de Heráclito, podemos naturalmente concluir que todos esses conceitos estão entrelaçados em sua filosofia em que pese o conceito de *polemos* como um regente dessas diferenças contrárias, contraditórias, ambíguas, conflitantes, antagônicas, etc. Outro exemplo é que fogo e não-fogo é tão contraditório como quente e frio, ou seja, apesar de “quente” e “frio” serem conceitos diferentes e opostos, ambos tratam acerca da contradição inerente ao mesmo, a saber, a temperatura, seja ela para mais ou para menos. Algo divergente é necessariamente também contraditório em inúmeros (muito provavelmente em todos) aspectos no momento em que esses conceitos se cruzam com facilidade. Para Vieira (VIEIRA, 2010, p. 35), “o *logos* é relativo ao conhecimento enquanto *polemos* é o conhecido”. Em Heráclito, o conceito de *polemos* (guerra como um acontecimento comum entre divergentes) representa certo regente para todos esses processos e nisso veremos a possibilidade da construção de uma ponte com o pensamento de Lupasco, onde esse *polemos* de Heráclito pode ser entendidos como o “estado T”, segundo o filósofo romeno, um estado de equilíbrio antagônico presente em tudo. Ainda segundo Vieira, “em Heráclito, os extremos, enquanto opostos, são evidências não-epistêmicas, pois, o que eles de imediato indicam é serem opostos. Uma vez superadas essas aparências pelo *logos*, percebe-se dessa separação sua união. Assim, pela aparência além da aparência, ou seja, pela evidência inicialmente não-epistêmica, é possível uma inferência epistêmica que explica a natureza escondida, a realidade. É como o processo mediante o

conotações, embora se identifique certa permanência dos conceitos básicos, dos sujeitos principais. Ora, se retomarmos melhor a leitura dessas indicações de Heráclito, perceberemos que, na primeira proposição, pode-se entender que a utilidade da água do mar é dada de duas maneiras contraditórias ou contrárias, cuja função produz benefícios para os peixes e malefícios aos homens.

Na segunda e menor das proposições, porém não menos recheada de profundidade, Heráclito vai além e põe no âmago conceitual que, tomado em perspectivas diferentes, como subir ou descer, o caminho se apresenta como um mesmo. Nesse sentido, tanto o descer como o subir já estão contidos na função do caminho que é um e o mesmo em ambas as situações divergentes, não importando se alguém, num momento, sobe, ou, em outro momento, desce, uma vez que essas características contrárias já estão contidas e são inerentes ao caminho, assim como também na questão do mar, acima citado.

Com a terceira proposição, Heráclito parece ir além quando apresenta aquele elemento que é negativo na relação dos contrários como o elemento que garante com que o elemento positivo seja entendido como agradável. Por exemplo, é a doença (elemento negativo) que faz da saúde (elemento positivo) algo entendido como bom. Isso demonstra que o ruim é bom por tornar bom o que entendemos como bom.

E por último, na quarta proposição, o filósofo grego fecha com chave de ouro toda a questão que hoje entendemos como de ordem “quântica”, quando apresenta que, numa mesma coisa, ocorrem mudanças que são sempre o seu contrário, ou seja, quando estamos jovens, já somos mais velhos, ou enquanto estamos mais velhos, somos ainda jovens quando consideramos que tudo está em constante mudança, o que forma uma única entidade, por exemplo, o jovem-velho ou velho-jovem, o quente-frio, e assim por diante.

Com isso, Kirk, Haven e Schofield concluem que

Estas quatro espécies de ligações entre contrários podem ser ainda reduzidas a duas epígrafes principais: (a) i-iii, contrários que são inerentes a, ou são simultaneamente produzidos por um só sujeito; (b) iv, contrários que estão ligados, devido a serem diferentes fases de um processo invariável e único. (KIRK; HAVEN; SCHOFIELD, 1994, p. 196).

qual se dá a solução de uma charada ou paradoxo, em que de uma aparência ilusória de contradição se retira a solução”. Então, tanto oposição como contradição podem ser entendidos como meramente aparentes.

Logo, da proposição 1 a 3, os autores entendem uma primeira subdivisão do fragmento como um sujeito que possui em si contrários ou os produz ao mesmo tempo e, na 4, tem-se um processo único que une fases opostamente diversificadas. Portanto, tanto a primeira como a segunda epígrafes tratam de uma unidade a partir da diversidade contrária, ou seja, os contrários o são enquanto unidade. Essa unidade, segundo aspiramos com este trabalho, será entendida como o terceiro incluído, o qual estava presente nesses primórdios do pensamento grego e que, com Lupasco, converteu para um discurso plural junto ao conhecimento científico necessário para os dias de hoje.

Porém, resta-nos esclarecer uma questão que pode surgir quanto aos conceitos de contrário e contraditório, a saber, se algo oposto ou contrário é de igual modo contraditório, ou seja, o contrário do contraditório seria a não-contradição? Por fim, a mais conhecida frase a ele atribuída, a qual expressa de uma vez todo seu pensamento acerca dos contrários, coloca o seguinte:

ΠΑΤΑΜΟΙΣ ΤΟΙΣ ΑΥΤΟΙΣ ΕΜΒΑΙΝΟΜΕΝ ΤΕ ΚΑΙ ΟΥΚ ΕΜΒΑΙΝΟΜΕΝ , ΕΙΜΕΝ ΤΕ ΚΑΙ ΟΥΚ ΕΙΜΕΝ.

Nos rios, nos mesmos, entramos e não entramos, estamos e não estamos [ou: somos e não somos]. (HERÁCLITO, Fr. 49^a).

Quando entramos em um rio, nunca o rio é o mesmo e nós também não somos os mesmos a todo instante, pois as águas sempre correm, passam, assim como nós igualmente passamos, fluímos, envelhecemos a todo momento. Se sairmos do rio e entrarmos outra vez, nem é a mesma pessoa que entra e nem o rio é o mesmo, em virtude de esse constante devir. Assim, o âmago da questão em Heráclito nos parece que não é a duplicidade demonstrativa de instâncias diferentes, mas a própria inferência dessas instâncias no eterno devir das coisas, é um ser e não-ser sempre ininterruptos, cuja dinâmica nos apresenta no *Logos*. Por outro lado, se considerarmos o tempo como algo consecutivo ou posterior ao movimento, uma vez que algo deve se mover para que se inicie então qualquer ideia de contagem, haveria atualizações que, ao acontecerem, produziriam a ideia de objeto ou de um fato na percepção. Logo, há o movimento pontual que nos proporciona, após o acontecer, a própria ideia de tempo.

Ora, etimologicamente do latim *contra*, “contra” e *dicere*, “dizer”, o termo contradição pode ser entendido melhor no âmbito do discurso. Desse modo, a proposição que afirma os contrários é uma proposição contraditória, logo, quando tomados os opostos no discurso

de maneira a serem considerados como fatos simultâneos no tempo, temos então uma contradição. Quando se diz que “somos e não somos”, “entramos e não entramos”, ou seja, ao considerar os opostos (contrários) em ação conjunta através da cópula “e” ou em estados simultâneos de atuação na linguagem, temos uma contradição e assim tanto na ação dos contraditórios como no seu dizer, no seu inteligir. Portanto, se proposições contraditórias podem ser formuladas na linguagem, como a linguagem pode determinar que isso seja um erro próprio seu? A linguagem pode negar-se a si mesma em suas construções proposicionais ou construí-las inadequadamente? No decorrer do presente texto, iremos trabalhar esses questionamentos. Mas, por hora, saltamos dos pré-socráticos aqui abordados para a filosofia do antagonismo, que também entendemos estar presente em Immanuel Kant²¹, por ele representar um marco bastante significativo na história do pensamento.

1.2. A filosofia do antagonismo no idealismo transcendental de Immanuel Kant

No decorrer dos séculos, o pensamento continuou investigando e propondo a inclusão do terceiro termo e a possibilidade do princípio de contradição como elementos admissíveis e até mesmo necessários para a construção do nosso conhecimento. Assim, ao chegarmos agora em Immanuel Kant, o qual teve em Christian Wolff sua maior influência no campo da

²¹ Vale salientar que Lupasco já havia dedicado espaço em seu vasto trabalho para filósofos, como Descartes, Kant e Schopenhauer, e muitos outros, no sentido de trazê-los para confirmar ou afirmar a sua filosofia do antagonismo, a exemplo de alguns capítulos que encontramos (capítulos I, III e VI) na obra “Du Devenir Logique Et De L’Affectivité: le dualisme antagoniste”, em que o filósofo romeno propõe uma análise dessas filosofias precedentes à luz de sua filosofia do antagonismo com certo sentido de compará-las e reajustá-las à sua nova lógica do antagonismo, apresentando alguns pontos fortes e fracos diante do dualismo antagonístico. Com esse intuito, Lupasco afirmou, por exemplo, que “a síntese, da mesma forma, e aqui Kant tinha razão, consiste apenas no elo, externo aos conceitos estranhos A e B que não a contêm, em um elo que é de algum modo puro” (LUPASCO, 1973b, p. 43. Tradução nossa), e ainda mais adiante que “As antinomias de Kant, repitamos, longe de invalidar nossos estudos epistemológicos concernentes às diretrizes de seu pensamento, apenas as confirmam ainda mais.” (LUPASCO, 1973b, p. 56. Tradução nossa). Por certo que Lupasco e seus sucessores sabiam de sua importância histórica e que sua filosofia do antagonismo representava o alinhamento consistente que faltava para todas aquelas concepções filosóficas anteriores, contudo, o que demonstramos aqui é que sempre houve o desenvolvimento dessa filosofia do antagonismo e que, com Lupasco, ocorreu o elo que faltava para a consolidação histórica de todas elas. Portanto, sistematizamos e unificamos de vez como aspectos de uma mesma filosofia do antagonismo que foi se desenvolvendo historicamente ao longo dos séculos na filosofia e na ciência, e não meramente como eventos pontuais que eventualmente ganharam força com a confluência lupasciana dessas filosofias. Não que Kant, Descartes ou Schopenhauer confirmam Lupasco, mas que Lupasco confirma todas elas. E, para além disso, defendemos e originalmente efetivamos o conceito de *ética energética* como a pedra de toque fundamental dessa confluência, a qual se constitui na única realidade possível do universo e indica a finalidade universal de todos os conhecimentos, a saber, a busca do equilíbrio nas relações humanas que abordaremos no decorrer deste trabalho.

lógica, propomos o início de uma ampliação desses princípios. Por conseguinte, ainda que Kant não tenha se afastado por completo do princípio de não-contradição, ele traz novas diretrizes para o campo da lógica com sua releitura desse princípio, propondo, em alguns casos, a necessidade da contradição como válida em algumas situações que veremos a seguir, mas principalmente no campo da física newtoniana de seu tempo.

1.2.1. O Conceito de Contradição em Kant como o primeiro passo para a consolidação da filosofia do antagonismo na modernidade

Tudo o que é autocontraditório é internamente impossível. Esta é uma proposição verdadeira, ainda que não saibamos ao certo se é uma verdadeira definição! No caso de uma contradição, no entanto, é claro que algo deve estar em oposição lógica a alguma outra coisa; isto é, algo é negado ao que está sendo afirmado na mesma proposição. (KANT, 1763, p.122. Tradução nossa).

O antagonismo filosófico caracterizado em Kant não é uma novidade. Trabalhos como o de José Gomes André²² e o de Michael Ferguson²³, embora apenas foquem o antagonismo político em Kant, são demonstrações válidas da noção antagônica universal e histórica que tem ganhado força sistemática a partir das descobertas quânticas nas últimas décadas, apesar de ser uma realidade em toda a história do pensamento humano, de modo que não tratamos aqui de nenhuma novidade quando nos referimos ao conceito de antagonismo²⁴

²² Ver ANDRÉ 2012.

²³ Ver FERGUSON, Michael. Unsocial Sociability: Perpetual Antagonism in Kant's Political Thought (Sociabilidade Não-Social: Antagonismo Perpétuo no Pensamento Político de Kant). In: ELIS, Elisabeth (org.). Kant's Political Theory: Interpretations and Applications. Pennsylvania: Pennsylvania State University. 2012. p.150-169. Disponível em: <https://books.google.com.br>. Acesso em: 05/08/2020.

²⁴ Para entendermos especificamente o conceito de antagonismo em Kant, é necessário interpretarmos a utilização do mesmo que o filósofo faz em seus escritos. Por exemplo, na “Crítica da Razão Pura”, o filósofo expressou que “Ao princípio lógico dos gêneros, que postula a identidade, contrapõe-se outro princípio, o das espécies, que requer a multiplicidade e diversidade das coisas, apesar da sua concordância no mesmo gênero, e prescreve ao entendimento estar tão atento às espécies como aos gêneros. Este princípio (da penetração ou da faculdade de discernir) limita muito a leviandade do primeiro (da agudeza de espírito) e a razão mostra aqui dois interesses antagônicos que são, por um lado, o interesse da extensão (da universalidade) relativamente aos gêneros e, por outro, o do conteúdo (da determinabilidade) em relação à multiplicidade das espécies, porque o entendimento, no primeiro caso, pensa muitas coisas por subordinação aos seus conceitos, mas no segundo pensa mais em cada um deles. Esta posição também se manifesta nos muito diversos modos de pensar dos físicos, alguns dos quais (principalmente os especulativos), como que hostis à heterogeneidade, têm sempre em vista a unidade do gênero, enquanto os outros (os de mentalidade predominantemente empírica) tentam incessantemente cindir a natureza em tal diversidade que quase teríamos de abandonar a esperança de julgar os seus fenômenos segundo princípios gerais” (KANT, 2001, p. 552-553). Kant utiliza o conceito de antagonismo como

contido em Kant, contudo, não apenas o reiteramos, mas o ampliamos como precursor do antagonismo lupasciano por conter inúmeros elementos condizentes com as posteriores descobertas de Lupasco.

Portanto, entendemos o conceito de uma filosofia do antagonismo presente em toda história do pensamento filosófico e principalmente ao que culmina na filosofia kantiana, enfim, um raiar novo para os séculos vindouros, a todo pensamento científico, religioso e filosófico presentes em seu pensamento. Todavia, André nos lembra acertadamente, em seu artigo intitulado “O Conceito de Antagonismo na filosofia política de Kant”, que

Antes de mais, é necessário expurgá-lo de definições equívocas, habituais no discurso coloquial e ocasionalmente presentes até mesmo em investigações especulativas, que tendem a identificar a noção de antagonismo com a ideia de incompatibilidade, de oposição paralisante, traduzindo a presença de uma força negativa, primordialmente impeditiva ou anulatória. Ora, na filosofia kantiana, somos confrontados com uma leitura mais abrangente da ideia de antagonismo, a qual não se esgota nessa proposição eminentemente bloqueadora ou derogatória, como nos mostra o tratado *Versuch den Begriff der Negativen Grössen in die Weltweisheit einzuführen* [Uma Tentativa de Introduzir o Conceito de Quantidades Negativas na Sabedoria Mundana], de 1763. (ANDRÉ, 2012, p 33).

Essa observação inicial feita por André nos é bastante conveniente pelo fato dele chamar a atenção para os equívocos atrelados ao entendimento usual dos significados atribuídos

nulidade de possíveis oposições ao indicar a superação do entendimento das antinomias por exemplo. Assim, na “Crítica da Razão Prática”, o filósofo afirma que: “Na antinomia da razão pura especulativa encontra-se um antagonismo semelhante entre a necessidade natural e a liberdade, na causalidade dos eventos no mundo. Ele foi superado pela demonstração de que nenhum verdadeiro antagonismo existia quando os eventos e o próprio mundo em que eles ocorrem (como também assim deve ser) se considera apenas como fenômenos; visto que um só e mesmo ser agente, como fenômeno (mesmo perante o seu próprio sentido interno), tem no mundo sensível uma causalidade que é sempre conforme ao mecanismo natural mas que, relativamente ao mesmo evento, ao considerar-se a pessoa agente simultaneamente como *númeno* (como pura inteligência, na sua existência não determinável segundo o tempo), pode incluir um princípio de determinação dessa causalidade segundo leis naturais, que é em si mesmo independente de toda a lei natural” (KANT, 1994, p. 133). Logo, é sempre utilizado em termos de “antagonismo aparente” (KANT, 1994, p. 134) ao discutir outros conceitos como oposição, antinomia, contradição, etc., posto que, no fenômeno, toda aparência de oposição é dissipada. O conflito lógico se constitui em antagonismo apenas em sua aplicação empírica, mas não com relação ao que se entende por fenômeno em si, uma vez que esse antagonismo usualmente entendido é o “o antagonismo entre regras empiricamente condicionadas que, não obstante, se quereria elevar a princípios necessários do conhecimento”, o que Kant via como um equívoco, a saber, a transposição e a aplicação de conceitos do campo empírico para o racional. Essa é uma longa discussão que vai ter seu fechamento com o conceito de sublime incondicionado na “Crítica do Juízo”, em que pese o total afastamento da lógica meramente empírica para uma lógica racional pura. Sautter, ao analisar os escritos pré-críticos, descreve “oposição” (antagonismo) em Kant em termos de uma “noção de oposição lógica” e outra de “noção de oposição real” (SAUTTER, 2008, p.215), em que, na primeira, sabemos que está posta a construção de todo entendimento em subjetivo e, na segunda, aquilo que o entendimento produz acerca do mundo objetivo.

ao conceito de antagonismo. Em Kant, não devemos confundir o seu antagonismo com outros conceitos levantados em sua filosofia, tais como, paradoxo, antinomia, etc., uma vez que o antagonismo em Kant perpassa estas noções e conduz principalmente no âmbito prático a uma noção de que a contradição é necessária ao avanço. Portanto, o antagonismo em Kant não é anulatório, mas uma condição permanente de possibilidade positiva no futuro, é criador, pois se há avanços sociais, é pelo motivo de existir contradições sociais; se há paz, é porque há preparação contínua para uma iminente guerra. Abaixo, apresentamos mais um comentário em que o autor avança nessa leitura. Vejamos:

A utilização do vocábulo “antagonismo” em sentido tradicional remete essencialmente para essa acepção, designando a existência de duas forças que mutuamente se anulam, revelando-se essa coexistência como necessariamente improdutiva. No texto de 1763, Kant alerta, porém, para a existência de um outro tipo de oposição, mediante a qual se afirmam duas propriedades contrárias de um mesmo objeto, sem que ocorra uma incoerência lógica, dado que as propriedades nele reconhecidas não são reciprocamente exclusivas, mas meramente contrapostas. A confrontação de duas forças ou propriedades contrárias assumiria assim a aparência de um tipo de paradoxo, embora designasse na verdade simplesmente uma ambivalência estruturante, um antagonismo – i.e., a conciliação de duas características ou postulados opostos no quadro de um conceito significativo, que não seria necessariamente vazio ou estéril. (ANDRÉ, 2012, p. 33-34).

Com efeito, o antagonismo entendido de maneira pessimista em sentido comum conduz a uma compreensão negativa desse termo, onde duas potencialidades em conflito mútuo se anulam na expressão de sua contrariedade. Contudo, o autor nos chama a atenção para o fato de que, com Kant, o conceito de antagonismo adquire nova roupagem, na qual as proposições ou propriedades contraditórias de um mesmo objeto não se excluem, mas coexistem e existem justamente por não se anularem, apesar de serem opostas. Portanto, o autor avança quando considera o antagonismo acertadamente como uma “conciliação” desses opostos, ocasionando algo que não seria, necessariamente, nada.

O autor complementa sua interpretação utilizando um termo próprio da concepção antagonista de Lupasco, que veremos no último capítulo, a saber, de “dinâmicas opostas” (ANDRÉ, 2012, p.35), as quais são produtivas e não autoanulatórias, como uma espécie de “antagonismo criador” (ANDRÉ, 2012, p.35) que contempla as ideias da física quântica e da filosofia de Lupasco. Com efeito, Kant já havia deslumbrado tais noções em suas investigações nos seus escritos pré-críticos. O conflito não conduz ao fatalismo negativo, mas é o

próprio fundamento dos “processos criativos da natureza”. Esta visão do antagônico já renunciada por Kant se constitui hoje, com as confirmações de Lupasco, num avanço para o intelecto humano em sua busca pelo conhecimento, ou seja, o conhecimento de um antagonismo gerador que atualmente ultrapassa os campos da especulação filosófica prática e encontra abrigo e respaldo suficiente no discurso científico. Quanto à isso, vejamos:

O que merece particular destaque nessa concepção é o facto de Kant perspectivar tais dinâmicas opostas como um instrumento produtivo e não como um mecanismo de bloqueio. Onde um primeiro olhar descortina uma contradição paralisadora (senão mesmo destrutiva), o nosso filósofo encontra ao invés um antagonismo criador, um processo pelo qual a contraposição de forças adversas gera algo de essencialmente novo – correspondendo a essa dialética a própria ideia de expansão orgânica do universo. Essa luta não constitui, por conseguinte uma tragédia a lamentar, uma vez que o conflito fundamental nela envolvido é afinal condição necessária à renovação dos processos criativos da natureza. O conceito de antagonismo parece repousar assim sobre a ideia de paradoxo, mas não fica por definição remetido ao simples confronto perpétuo de duas forças contraditórias, sendo antes o ponto de partida para a gestação de novos dinamismos⁷. (ANDRÉ, 2012, p. 35).

1.2.2 A predileção ternária do pensamento filosófico e a tridialética kantiana

Este ponto se constitui uma consideração importante frisar: que a estrutura antagônica do pensamento que abordaremos no final deste trabalho diz respeito a uma estrutura ternária do pensamento, pelo qual polos contraditórios fazem emergir, em sua relação intrínseca, o terceiro termo incluído (ou terceiro termo médio) e as investigações do pensamento em geral. Tal estrutura também será abordada como tridialética em Stéphane Lupasco e, como aqui defendemos esse percurso do pensamento, o qual inevitavelmente ganhou força considerável na modernidade a partir da filosofia crítica de Kant, é mister apontar essa forma trinitária já presente na estrutura do Idealismo Transcendental do filósofo de Königsberg.

Desse modo, no trabalho organizado por Marques, o qual se refere diretamente à relação entre Kant e a música, isto é, remonta a uma leitura da estética kantiana, desenvolvida há quase uma década, apresenta, por exemplo, Leonel Ribeiro dos Santos que, em seu artigo intitulado “O Pensamento Kantiano e seu Ritmo”, tece linhas consideráveis acerca dessa

“predileção ternária” que o pensamento de Kant e o de outros filósofos em geral sempre cultivaram em seu desenvolvimento histórico. Conforme Santos,

Este tópico tem sido em geral desatendido ou mesmo desprezado pelos intérpretes, e isso vale para Kant ou para qualquer outro filósofo da tríade. De fato, a primeira observação que gostaria de fazer é que Kant está muito longe de ser o único grande filósofo que tem esta predileção pelas divisões ternárias ou pelas tríades. Está nisso muito bem acompanhado por uma vasta galeria, onde se encontram alguns dos maiores filósofos: Platão, Aristóteles, Plotino, Agostinho, Pseudo-Dionísio Areopagita, Tomás de Aquino, Boaventura, Nicolau de Cusa, Giovanni Pico della Mirandola, Marcílio Ficino, Charles de Bouvelles, João Amós Comênio, Leibniz, Hegel, Peirce... e até outros mais recentes, que estaríamos bem longe de imaginar. (SANTOS, 2010, p. 147).

Isso posto, poderíamos argumentar a existência dessa estrutura ternária na escrita filosófica de qualquer um dos grandes nomes do pensamento. Porém, o mesmo Santos nos chama a atenção para o fato de que Kant se caracteriza como um filósofo especial quanto à tal aspecto, principalmente pelo fato de que teve consciência desse seu processo ternário de redação. Segundo Santos,

Kant tem uma particularidade, rara mesmo entre os pensadores da tríade: é que ele teve consciência disso e deu para o fato uma justificação a que chamamos transcendental. Por conseguinte, um motivo mais que, tratando-se de Kant, tomemos o assunto em toda a sua seriedade. (SANTOS, 2010, p. 147).

O autor conclui seu raciocínio com as próprias palavras de Kant, quando o filósofo aponta que “houve quem achasse criticável que as minhas divisões na filosofia pura quase sempre ocorram de forma ternária. Mas isso reside na natureza das coisas” (KANT apud SANTOS, 2010, p. 147). Santos ainda reitera sua argumentação em favor desse pensamento ternário ou tricotômico na filosofia ao citar a concepção de João Amós Comênio: “que todas as mais importantes divisões das coisas se fazem por tricotomia” (apud SANTOS, 2010, 148) e, em Kant, através das concepções de Charles Peirce, cita

Kant[...] foi quem primeiro advertiu a frequência das distinções tricotômicas ou tripartidas na analítica lógica. E realmente assim é: durante muito tempo tentei arduamente convencer-me de que isso era apenas produto da fantasia, porém os fatos não permitem esse modo de enfocar o fenômeno (apud SANTOS, 2010, p. 149).

Para além dos citados, Santos cita também que, na tabela das categorias de Kant,

A tríade das faculdades do espírito – conhecimento, sentimento, apetição (Begehrungsvermogen) – reencontramos uma antiguíssima divisão, já desenvolvida por Platão (e que encontra eco na divisão aristotélica do tríplice intelecto (teorético, prático e poético). Os pensadores medievais, estimulados pelo dogma da Trindade e pelas especulações dos neoplatônicos acerca das processões ternárias a partir do Uno (SANTOS, 2010, p. 163).

Mas não apenas esses são lembrados, também Hegel é citado por Santos como testemunha desse padrão ternário (ou tricotômico) desenvolvido na filosofia kantiana, continuando a valer para a filosofia do próprio Hegel, uma vez que, segundo Santos,

Foi Hegel o primeiro grande pensador a realçar a existência em Kant não só do que chama um “instinto” que por toda a parte impõe divisões tricotômicas, como também a sublinhar o profundo alcance especulativo do que ele chama o “esquema da triplicidade”. (SANTOS, 2010, p. 149).

Diante disso, é inegável que o modelo dialético sempre esteve presente no pensamento humano, muito embora em fase embrionária, nascente e que foi se desenvolvendo ao longo dos séculos por intermédio da eficácia intelectual desses inúmeros pensadores por uma consciente imposição teórica por parte de uma impulsão inconsciente ou por parte de outros. Todavia, faltava-lhe ainda a convergência discursiva com outros discursos, em especial, o respaldo do discurso científico, o qual já despontava no início do século XIX com Thomas Young, que veremos na próxima fase do antagonismo. Entretanto, ainda nas palavras de Santos, “Kant pretendia propor uma nova lógica que não fosse meramente formal, mas sim capaz de dar conta do conteúdo do conhecimento” (SANTOS, 2010, p. 157), especialmente quando o intérprete cita o filósofo de Königsberg ao escrever que

Há sempre em cada classe um número igual de categorias, a saber, três, o que também incita à reflexão, porquanto toda a divisão a priori mediante conceitos deve ser uma dicotomia. Mas acrescenta-se ainda a isso o fato de que a terceira categoria resulta sempre da ligação da segunda com a primeira da sua classe..., mas não se pense que por isso a terceira categoria é um conceito derivado e não um conceito originário do entendimento puro. Pois a ligação da primeira e da segunda para produzir o terceiro conceito exige um ato especial do entendimento que não é idêntico ao que é exercido na primeira e na segunda. (KANT apud SANTOS, 2010, p. 158-159).

Isso demonstra que as investigações da razão sobre si mesma por intermédio da individuação kantiana propunham uma fórmula tríplice para a produção dos conceitos racionalmente. Dessa forma, Kant já sugeria que a criação de ambas as categorias dicotômicas e a derivação da terceira a partir da relação das duas primeiras ocorrem através daquilo que denominou de um “ato especial do entendimento” (KANT apud SANTOS, 2010, p. 158-159), diferentemente do que ocorre na produção tricotômica, o que confere e mantém a singularidade das três categorias em questão, apesar de sua intrínseca ligação, de modo que não se trata de uma mera síntese dialética, mas de um processo extremamente antagônico.

Assim, para a construção de qualquer conhecimento na razão, se faz necessário a observância básica de três aspectos fundamentais, a saber, a forma, a matéria e aquela unidade de síntese ativa ou de organização dos conceitos sinalizados por aquilo que se pode entender como o próprio “espírito” que organiza tais conceitos, ou seja, um “eu” subjetivo, uma unidade ativa apto de formular juízos específicos, que foi a tarefa primordial da filosofia transcendental kantiana. Pois, nas palavras de Santos, “o Eu, ou seja, o homem pensante e sujeito moral, se constitui como elemento mediador – *copula* ou *terminus medius* – entre o mundo e Deus, considerados estes como ideias da razão e como os dois objetos da filosofia transcendental” (SANTOS, 2010, p. 161-162), logo a consciência media dois conceitos opostamente e contraditoriamente dispostos na razão (Deus e o mundo). Mediante a isso, Kant considera que

No juízo analítico permaneço no conceito dado para dele formar algo. Se ele é afirmativo, então só lhe acrescento aquilo que nele estava já pensado; se ele for negativo, então concluo a partir dele o seu contrário. Mas no juízo sintético devo sair do conceito dado, para considerar, como estando em relação com ele, algo completamente diferente do que nele estava pensado, o que, por conseguinte, nunca é uma relação de identidade nem de contradição, e no qual não se pode atribuir a verdade nem o erro ao juízo em si

mesmo. Por conseguinte, admitindo que se tem de partir de um conceito dado para o comparar sinteticamente com um outro, então é necessário um terceiro, no qual somente a síntese de dois conceitos pode originar-se. (KANT, apud SANTOS, 2010, p. 160-161).

Como resultado dessa suspensão conceitual em que a lógica tradicional não pode mais acessar enquanto princípio de identidade e de contradição, Santos comenta que o “‘terceiro necessário’ (*das Drittes nöthig*) ou o ‘*tertius interveniens*’ como *médium* de todos os juízos sintéticos, é o tempo, o princípio de todos os esquematismos da imaginação pura” (SANTOS, 2010, p. 161), transcendental. Santos afirma, em linhas anteriores, que, em Kant, não bastou o mero conhecimento contingente empírico e nem o conhecimento lógico analítico dicotômico, os quais são incapazes de sair do seu campo, uma vez que não garantem o equilíbrio formal do pensamento, acarretando a importância dos juízos de ordem sintética, *a priori* capazes de relacionar o que é empírico com o que é analítico. Desse modo, conclui Santos que

Foi o próprio Kant que, nas suas Reflexões e no seu Curso de Lógica, mostrou como as diferentes formas do pensamento correspondem ritmos diversos. Assim, uma filosofia simplesmente empírica, que não tem qualquer princípio *a priori* autônomo de estruturação e que depende apenas dos dados contingentes que lhe advém da experiência e das sensações, é necessariamente caracterizada pela politomia avulsa ou mesmo pela arritmia. Pelo contrário, uma filosofia que adota, como seu princípio de estruturação, uma lógica analítica orientada pelo princípio de contradição e de exclusão do termo médio, será dicotômica em todas as suas divisões e soluções fundamentais. Por seu turno, aquela forma de filosofia que adota uma lógica sintética, capaz de conciliar o *a priori* com a experiência pela mediação de um terceiro termo, será naturalmente tricotômica. (SANTOS, 2010, p. 155).

Isso convém em defesa de uma filosofia do antagonismo pelo fato de que tal estrutura se estabelece de maneira quase que incontestável devido ao próprio movimento histórico do pensamento, o qual se caracteriza não por mera dialética, mas por um terceiro elemento que não é produto dessa dialética propriamente, no entanto, atua como um mediador entre os dois polos dialéticos em constante oposição.

Uma vez que tanto as proposições empíricas como os juízos de ordem analítica não podem ultrapassar seu próprio campo de domínio, em virtude de sua mecânica particular em conhecer seus objetos em que tanto uma como a outra não possuem o poder de trafegar entre

si, carecem nesse sentido de uma mediação que possibilite essa relação para que haja enfim a possibilidade dos conteúdos dos objetos do pensamento em geral e sua validade.

1.2.3. O Antagonismo político em Kant

O antagonismo nos escritos de Kant não apenas é expresso em suas concepções do conceito de contradição e na forma de sua escrita, mas essa mesma linha de raciocínio é seguida por Thorpe, em seu “The Kant Dictionary”, ao também reafirmar esse antagonismo presente nas ideias políticas do filósofo de Königsberg, pois

Ele sugere que esse mecanismo é a insociável sociabilidade da natureza humana e, paradoxalmente, ele sugere que é o **antagonismo** natural existente entre os seres humanos que vivem numa mesma sociedade que impulsiona a história e impulsiona o desenvolvimento da cultura, da tecnologia e da cultura humana. Construção de instituições políticas que, esperamos, façam uma coexistência pacífica baseada no respeito pela lei possível. Seu pensamento parece ser que é a existência de tal **antagonismo** que nos impulsiona a construir instituições políticas e instituir leis. Ao oferecer um relato teleológico e progressivo da história humana, Kant não quer defender uma forma de determinismo histórico, nem sugerir que o progresso é, em qualquer sentido, inevitável. Em vez disso, seu objetivo é muito mais modesto. (THORPE, 2015, p.118. Tradução nossa. Grifo nosso).

O antagonismo interno entre razão e natureza, que está presente em cada ser humano, acaba por se externalizar nas construções sociais entre esses seres humanos, uma vez que todos são dotados dos mesmos mecanismos universais da razão. De certa forma, o sonho kantiano de uma “paz perpétua” entre os seres humanos²⁵ passa por esse conceito de antagonismo social impulsionador do novo, da transformação, em prol da formação de instituições e de leis cada vez mais aprimoradas num progresso constante rumo ao seu fim, e aqui discordamos de Thorpe quando entende essas concepções de Kant quanto ao progresso como “modestas”, dados todos os esforços do filósofo empreendidos nessa esperança. Por outro lado,

²⁵ Expressão antes atribuída ao filósofo medieval Nicolau de Cusa e uma vasta tradição filosófica (ver https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/34277/1/RFC22_artigo6.pdf?ln=pt-pt). Apesar do tema “paz perpétua” se referir ao escrito kantiano voltado para a paz entre nações, nos referimos aqui à extensão de sua obra que abrange o respeito mútuo entre todos os seres humanos, no sentido de uma religião ética universal. Além disso, entender uma paz entre nações implica também na paz universal entre os seres humanos.

estamos de acordo ao fato que os dinamismos provocam algo para além dos próprios opostos desse dinamismo²⁶ contraditório, informação que veremos presente e ampliado por Lupasco em seus escritos posteriores, o que faz de Kant um representante genuíno e precursor desse momento final da filosofia em seu autorreconhecimento antagônico. Hannah Arendt também utiliza esse termo ao comentar a política e Kant quando diz:

Descobrimos que em Kant a distinção comum ou antagonismo entre teoria e prática em assuntos políticos é a distinção entre o espectador e o ator, e para nossa surpresa, vimos que o espectador tinha precedência: o que contou na Revolução Francesa, o que fez dele um evento histórico mundial, um fenômeno a não ser esquecido, não foram as ações e más ações dos atores, mas as opiniões, a aprovação entusiasmática dos espectadores, das pessoas que não estavam envolvidas. (ARENDRT, 1993, p. 84).

Dessa forma, temos, se entendemos bem Arendt, a revolução como produto dicotômico ou antagônico da teoria *versus* a prática, do espectador precedente *versus* os autores. Nesse mesmo aspecto argumentativo, Caygill também nos apresenta algo semelhante quanto a esse contexto antagônico, no qual a constituição é formalizada segundo Kant. Vejamos:

Que Kant discerniu uma relação entre os aspectos físico, moral e político da constituição é evidente em textos do período crítico, tais como IHU e CJ — até mesmo CRP. Em defesa da tese de que “a história da humanidade” é a “realização de um plano oculto da natureza para produzir uma constituição política perfeita”, Kant recorre às provas que evidenciam ser o universo “constituído como um sistema” (IHU p.27, p.50). A partir daí argumenta, além disso, que a natureza trabalha lentamente, através de “revoluções reformativas”, para o estabelecimento de um governo universal. Da mesma forma, em CJ, a condição formal para se atingir “o fim último da natureza como sistema teleológico” é “uma constituição regulamentando as relações mútuas dos homens de tal modo que aos abusos da liberdade por parte de indivíduos que nutrem recíproco antagonismo se oponha uma autoridade legal centrada num todo chamado sociedade civil” (§83). Semelhante constituição é necessária para “o maior desenvolvimento de tendências naturais”, mas deve ser complementada por uma “constituição cosmopolita” ou “um sistema de todos os Estados que correm o perigo de infligir danos uns aos outros”. Em CRP, a mesma constituição é descrita como a que “tenha por finalidade a máxima liberdade humana, segundo leis que permitam que a liberdade de cada um possa coexistir com a de todos os outros” (CRP A 316/b 373). (CAYGILL, 2000, p. 72).

²⁶ O conceito é entendido neste trabalho como comportamento, a ética em si, o conjunto de conduta, ações, modos de acontecer, um estado de “energia” em movimento antagônico, segundo nossa interpretação de Lupasco, que veremos no último capítulo do presente texto.

O governo e as instituições sobre as normativas constitucionais se estabelecem²⁷ nesse terceiro incluído a partir da dicotomia antagônica das disputas entre os homens, onde ao excesso da liberdade também se faça oposição antagônica sob a forma de uma “autoridade legal”, ou seja, oposições ou antagonismos pontuais geram a formatação de uma antagônico superior a esses conflitos gerais, cujo produto é a harmonia social, em outras palavras, a harmonia e o exercício da liberdade se dão pela coesão, pela oposição a eles estabelecida. Isso fica ainda mais evidente quando Caygill comenta que

Em sua filosofia do estado, Kant distingue entre estado e constituição. Em CJ §83, descreve a constituição como o que “rege as relações mútuas dos homens e permite que aos abusos da liberdade por indivíduos em recíproco antagonismo se oponha uma força legal centrada num todo chamado sociedade civil”, identificando assim o estado como parte de uma constituição mais ampla. (CAYGILL, 2000, p. 128).

A razão especulativa se refere à formulação e compreensão de todo conhecimento dado na experiência segundo conceitos enquanto conceitos da natureza ou da sensibilidade, os quais se veem em contradição com a possibilidade efetiva de dar-se a conhecer um fato naturalmente contraditório. Disso resulta ainda a premissa de que somente o ser humano produz conhecimento a partir de sua linguagem e procura se estruturar dentro dessa linguagem de tal maneira que possa desenvolver certos critérios passíveis de sua própria validação num diálogo perene de interação entre o subjetivo e o objetivo apresentados unicamente nesse campo linguístico, ou seja, somos nós quem nos separamos do mundo ou nos unimos a ele segundo nossas articulações argumentativas na linguagem. A questão aqui talvez seja como validar um argumento.

Por outro lado, contrariar qualquer teoria na linguagem é também afirmá-la, em especial, a teoria do antagonismo proposta neste trabalho, de maneira que querer negá-la é, na verdade, estar afirmando sua tese, uma vez que ela se admite como verdadeira enquanto entendida como verdadeira e falsa no mesmo instante. Em princípio, o experimento onda-partícula, que veremos na segunda fase do antagonismo no capítulo seguinte, “prova” que nossos sentidos são enganosos, assim como já previa Descartes²⁸, e que as definições daquilo o que

²⁷ Como uma espécie de terceiro incluído.

²⁸ Ver em “Meditações Sobre Filosofia Primeira” do filósofo francês René Descartes.

seja “onda” e “partícula” são igualmente inconclusivas até o momento, seriam as ondas realmente imateriais ou apenas não temos instrumentos ainda que detecte tal coisa?

O idealismo transcendental de Kant compreende o estudo dos conceitos puros, os quais são dados *a priori* sem nenhuma interferência empírica, ou seja, além dos conceitos *analíticos*, os *sintéticos* e os *sintéticos a priori*, Kant procurou desenvolver uma teoria daqueles conceitos que são a base para todos os outros conceitos acima citados, a saber, daqueles conceitos anteriores que promovem todas as relações dos demais conceitos entre si. Ora, os conceitos da razão pura ou conceitos puros da razão são o conjunto de proposições que estruturam o conhecimento especulativo ou prático. Com isso, podemos arriscar dizer que Kant já lançava as bases para a fenomenologia moderna ao apresentar, de certa maneira, o transcendentalismo até mesmo como algo anterior ao próprio “eu”.

Assim, embora não pense no fenômeno como algo próprio da razão conceitual, como Kant imaginava, a fenomenologia moderna nada mais fez do que ampliar o idealismo transcendental sob uma única perspectiva, a do fenômeno, preferindo chamar de aparência. Isso pode ser observado no capítulo II da *Analítica Transcendental*, sob o título de *Dedução dos Conceitos Puros do Entendimento*, em sua primeira seção, no §13, denominada de “Princípios de uma Dedução Transcendental em Geral”, em que Kant diz:

A matéria para o conhecimento fornecida pelos sentidos e uma certa forma para a ordenar, proveniente da fonte interna da intuição e do pensamento puros, os quais, por ocasião da primeira, a matéria, entram em exercício e produzem conceitos. (KANT, 2001, p. 146).

Logo, para os conceitos da experiência, temos dois elementos que os define: a *matéria* e a *forma interna intuitiva* de ordenação dessa matéria, uma vez afetados por ela. Nesse ponto, Kant está seguindo a cartilha de Locke no que se refere à percepção e sua apreensão, como o próprio filósofo declara: “deve agradecer-se ao célebre Locke ter sido o primeiro a abrir este caminho” (KANT, 2001, p. 146), mas que avança ao procurar estabelecer a própria origem dos conceitos dedutivos da experiência a partir de conceitos totalmente puros sem qualquer interferência empírica e anterior a ela, o que só pode ocorrer pela via dedutiva transcendental, como o filósofo reitera em linhas subsequentes.

Desse modo, o que Kant objetivou na primeira crítica, em linhas gerais, foi o nascimento dos conceitos na razão com toda sua dinâmica. Por isso, procurou conhecer os

primeiros conceitos da razão, os conceitos fundamentais e livres de toda experiência, de modo que iniciou suas investigações entre o empirismo e o racionalismo, mas que terminou com uma proposta racionalista para a questão da teoria do conhecimento que abordou. Por outro lado, se observarmos bem, os discursos são apropriações (aprendizagem) da linguagem e sua manipulação, de maneira que sempre utilizamos conceitos para explicar conceitos em todos os nossos discursos²⁹. Com isso, torna-se quase impossível a verificação da validade dos mesmos se não adotarmos pressupostos universais que sirvam como base, dentro da própria linguagem, para definir certas opiniões que nada mais serão do que nortes do conhecimento.

Por conseguinte, queremos ressaltar a importância do pressuposto de se verificar a origem conceitual como ponto de partida, como pressuposto primeiro para iniciação filosófica e, nesse sentido, assim como em vários outros que descobriremos neste estudo, Kant deve ser tomado por consideração a todos os seus esforços referentes a essa concepção. Ora, um pressuposto é um conceito da linguagem que lhe serve de ponto de partida, uma opinião primeira, um pré-conceito. Desse modo, entendemos que a exaustiva construção teórica nos conduz, por meio da linguagem, não a um fim último do saber, mas para um início, um ponto inicial.

Em virtude desse movimento histórico-conceitual, é que afirmamos não estarmos caminhando para nenhum fim, mas para o começo – que é um fim se tomado como objetivo –, como se não tivesse havido jamais um início, no entanto, que o início tenha sido algum tipo de fim que nos conduzirá ao começo, que é o nosso fim de fato. Tal conversão de ordem temporal na história já nos é possível conjecturar, nos dias atuais, não como mera retórica ou ficção, mas como um fato da linguagem diante do fato da natureza. Por sua vez, a linguagem hoje se vê em seu mais alto grau de contradição, o de não conseguir definir na unidade conceitual, real ou fenomênica, aquilo que está diante dos seus olhos. Assim, Kant já havia notado, desde antes, essa discrepância entre proposições físicas empiricamente contraditórias com a normativa lógica tradicional, isto é, as contradições das proposições da física em detrimento de uma lógica interna. Em paralelo – mas ainda sem uma conexão mais aproximada – a essa filosofia do antagonismo no seio da tradição propriamente filosófica caminhou também as investigações científicas, especialmente na área da física. De maneira que abordaremos no próximo capítulo, essa dimensão de uma filosofia do antagonismo se estabeleceu efetivamente com o nascimento da física quântica.

²⁹ Segundo Santo Agostinho escreveu no *De Magistro*: “palavras só explicam palavras”.

CAPÍTULO 2 – O SEGUNDO ASPECTO DA FILOSOFIA DO ANTAGONISMO: O ANTAGONISMO CIENTÍFICO (OU DE APROXIMA- ÇÃO EMPÍRICA) COMO A CERTEZA DA INCERTEZA

O desenvolvimento da física pode ser descrito como tentativas de solucionar os mistérios do universo, procurando sempre conciliar e unificar teorias que na medida em que vão surgindo, logo se apresentam contraditórias umas às outras. Tal movimento de unificação ou equilíbrio discursivo diante da determinação das então consideradas objetivações do mundo, no campo da física, perante os antagonismos e contradições evidentes em todos os campos do conhecimento, compreende a base daquilo que procuramos demonstrar com a presente tese, inspirada nas ideias de Stéphane Lupasco.

Contudo, antes de finalmente chegarmos ao estudo da filosofia do antagonismo de Lupasco, se faz necessário entendermos que a consolidação dessa filosofia contou com uma imensa contribuição das investigações e teorias científicas, especialmente na área da física quântica. Dessa forma, dentre as argumentações que sustentam a presente tese, consideramos como as mais significativas a contradição e a possibilidade do terceiro incluído, as quais também estão presentes com intensidade e autoridade no experimento científico, sugerindo assim toda a obscuridade que o tema apresenta à formalidade das sistematizações científicas propostas nas atuais inquietações da física. Em geral, as mais avançadas proposições da física dos dias atuais podem ser resumidas na noção de que toda a matéria do universo é formada por átomos e também por partículas subatômicas, as quais são regidas pela probabilidade e não pela certeza matemática, apesar dessa proposição ser uma “certeza absoluta” no nosso atual momento histórico³⁰.

Essa não-certeza da física vem incomodando o mundo científico pela falta de precisão equacional e matemática, embora diversas fórmulas probabilísticas garantirem uma certeza parcial de que determinado percentual deva ocorrer no fenômeno quântico observado. Com isso, observa-se que aquilo que é dito como possibilidade na filosofia pode ser alinhado com

³⁰ Ora, se pode então argumentar quanto a isso que: se tudo é regido pela probabilidade, essa afirmação também é tão somente provável e, portanto, é passível de falsidade e que os postulados da física quântica são igualmente meras probabilidades. De fato, porém, a afirmação não invalida a certeza probabilística que se instaurou no último século e o entendimento de que essa proposição é uma afirmação provável só tende a reafirmar a própria proposição, uma vez que ela mesma é também uma probabilidade e é nesse sentido que pode ser considerada como uma “certeza absoluta”, ainda que entendida como parcial e não definitiva. Por outro lado, seu caráter comprobatório por meio da experimentação fortalece sua permanência como “certeza absoluta” na atualidade, que, até o momento, é prevalecente no meio científico, de modo que esse “beco sem saída” retórico garante a unidade entre certeza e probabilidade, e não a falsidade da probabilidade.

o que ocorre paralelamente no discurso físico como probabilidade. Entretanto, a proposição final, tanto em uma como na outra ciência, será dita sempre por intermédio da ambígua linguagem. Quando se diz que “as leis físicas são probabilidade e não certeza”, parece que tal proposição se constitui uma certeza, ainda que uma certeza pautada na intenção de que, no futuro, os cientistas possam chegar a uma “certeza certa”, ou seja, a uma não-possibilidade, uma exatidão.

A procura desesperada por uma fórmula (cálculo) quântica precisa tem sido um desafio, principalmente para os cientistas adeptos da física clássica no último século. Mas a experiência tem desafiado esta lógica formal que alguns insistem em manter para o estudo do que é considerado quântico. Não obstante, o discurso científico sempre caminhou em paralelo aos discursos religiosos e filosóficos. Antes mesmo de sua divisão, podemos conjecturar que eram antagonicamente unidos em seus primórdios (a exemplo do mito), formando aquilo que se pode entender como uma dialética antagônica do pensamento.

Por outro lado, não partiremos destas concepções dos discursos arcaicos, sobre os quais proporemos talvez em trabalhos posteriores. O que pretendemos demonstrar nessa segunda fase do antagonismo é o exato momento do parto científico que o estabelece historicamente, proporcionando assim a reestruturação da filosofia do antagonismo com Lupasco. Para tanto, consideraremos, de maneira resumida e sem as devidas considerações dadas pelas equações técnicas³¹, esse marco inicial com o experimento da dupla fenda de Thomas Young, no início do século XIX, até as descobertas posteriores da física quântica com seus novos experimentos, através de nomes como Einstein, Pauli, De Broglie, Heisenberg, Schrödinger e outros.

De modo que esta segunda fase do antagonismo demarca em definitivo um caminho suficiente a ser trilhado por um terreno comum a todos os discursos possíveis da linguagem, conforme a concordância individualizada de seus interlocutores, haja vista a inegável possibilidade de convergência dos mais variados discursos antagônicos de nosso tempo, de maneira transdisciplinar.

³¹ O relato que segue nesse tópico acerca do antagonismo científico não traz exaustivas equações nem muitas referências diretas dos cientistas, pois a nossa limitação de conhecimento específico na área e a imensidão de informações disponíveis na presente época comprovam os relatos por nós aqui dispostos. Contudo, pensamos ser suficientes as informações apresentadas. Ademais, concentramos nosso esforço na analogia das conclusões conflitantes, as quais servem de substrato para a presente reflexão que propomos nesta tese, no que se refere ao antagonismo presente nos discursos científicos.

2.1. A revolução do discurso quântico e a consciência antagônica da “matéria” de Young a Davisson e Germer: a natureza da luz e o problema do dualismo onda/partícula

Após os inúmeros esforços dos filósofos e das intrigantes descobertas da física nascente, o pensamento humano continuou efetuando passos cada vez mais primorosos e evidentes para esses discursos (filosóficos e físicos), rumo à consolidação da filosofia do antagonismo como uma espécie de método e como o próprio movimento do pensamento universal. Assim, a partir deste ponto, veremos a importância do desenvolvimento da física quântica, que tem por principal viés a abertura para a aceitação – ainda que a contragosto de muitos dos físicos precursores da física quântica, como o próprio Einstein – do antagonismo presente nas mais complexas estruturas da assim chamada “matéria” em suas formas subatômicas.

As novas descobertas abriram um leque de teorias jamais pensadas como possíveis para a física clássica, com sua lógica formal. Essa ampliação do pensamento promove um apoio significativo para o novo paradigma filosófico, inicialmente desenvolvido por aqueles filósofos citados no capítulo anterior, de maneira que a inclusão de conceitos, como os de contradição, terceiro incluído, conflito, dualismo, antagonismo, etc., nessas investigações, ganham um sentido positivo, com valor de verdade e não mais de falsidade, como eram entendidos anteriormente. A partir destas considerações, veremos em seguida que as evidências científicas apontam para um universo essencialmente contraditório e/ou antagônico em si mesmo em todos os seus eventos ou fenômenos observáveis, fornecendo base suficiente no campo científico para o fortalecimento de uma filosofia do antagonismo, tal como procuramos abordar no presente trabalho.

Nossa discussão aqui se inicia mais precisamente a partir das definições controversas acerca do que sejam a “partícula” e a “onda” na física clássica. Tais definições tão distintas e bastante antagônicas concedidas a esses dois conceitos nos são preliminarmente importantes por designarem e protagonizarem o fundamento daquilo que entendemos como a maior contradição da história da física clássica e o parto em definitivo para a física quântica. Vejamos, de maneira simplificada, as respectivas definições desses termos, nas palavras de Pessoa:

Para a Física Clássica, uma partícula pode ser imaginada como uma bolinha bem pequena que se locomove pelo espaço, e que em condições normais não se divide. Além dessa indivisibilidade, uma partícula clássica também se caracteriza por estar sempre em uma posição bem definida, e com uma velocidade precisa. Com o passar do tempo, a partícula descreve uma trajetória bem definida, que pode ser concebida como uma curva no espaço. Uma onda, por outro lado, é concebida pela Física Clássica como uma excitação que se propaga em um meio, como a superfície da água, e que tem a característica de se espalhar no espaço. O que se propaga com a onda é energia, que se identifica com o movimento oscilatório das partículas do meio. Como esse movimento das partículas pode ser tão tênue quanto se queira, podemos dizer que as ondas não possuem a característica de serem indivisíveis, mas que são contínuas, pelo menos em teoria. Além disso, as ondas circulares na superfície d'água claramente não descrevem uma "trajetória", do tipo definido para partículas. Elas são espalhadas no espaço, sem se localizarem em um ponto bem definido. Além de serem contínuas e espalhadas, as ondas exibem uma série de fenômenos típicos, como a interferência (PESSOA, 2003, p. 2).

Uma *partícula* até então era conhecida pela física clássica como algo indivisível e naturalmente previsível matematicamente, ao passo que a *onda* se expressava tão somente como uma perturbação qualquer propagada em um meio ou espaço. A onda, nesse sentido, era entendida, de certo modo, como o próprio movimento das partículas em oscilação. Assim, a onda não possuía indivisibilidade e nem se entendia sob a perspectiva organizada como se previa nas partículas, uma vez que a trajetória da onda, no caso das ondas circulares na água, quando jogamos nela um corpo qualquer, por exemplo, não possui um padrão determinante, além de também apresentarem um fenômeno particular chamado de "interferência", como descrito acima.

Pessoa complementa ao asseverar sobre impossibilidade de haver a pactuação de ambos os conceitos até então considerados opostos na física clássica. Segundo o autor:

Dizer simplesmente que "uma coisa (sem partes) é (ao mesmo tempo) partícula e onda" é uma contradição lógica. Pois isso implicaria que essa coisa é indivisível e divisível (contínua), que ela segue uma trajetória e não segue (é espalhada). Não podemos admitir uma contradição nos fundamentos de uma teoria física (apesar de este ponto ser passível de discussão) (PESSOA, 2003, p. 2).

Entretanto, veremos nas próximas linhas que foi exatamente isso que ocorreu, a saber, a descoberta da presença de contradição nos eventos ou fenômenos físicos, uma verdadeira

revolução nesse campo que abalou os alicerces da física e da lógica tradicional a partir de teorias antagônicas e contraditórias. Novas equações probabilísticas foram se formando ao longo dos últimos séculos para dar conta de todas aquelas contradições do “real” já levantadas por Kant e aos poucos novos experimentos foram cada vez mais revelando esse “mundo novo” e desconhecido dos antagonismos e contradições subatômicos, mesmo a contragosto de grandes nomes, como o Sr. A. Einstein, quem, como afirmamos no início desse tópico, muito relutou em admitir as incertezas oriundas dessa nova era para a física, para qual ele mesmo também foi um ilustre colaborador.

Por conseguinte, sabemos que a ciência sempre se empenhou em descobrir, a partir das observações de seus gênios, determinados padrões racionalizados da natureza, as chamadas leis ou teorias científicas, as quais imperam até que uma nova apareça e negue àquela ou àquelas até então consideradas como verdadeiras. Tais princípios são a base da física clássica. Desses fenômenos, um dos que mais gerou controvérsias e debates entre os cientistas e filósofos e que tem capturado a atenção dos físicos ao longo dos últimos séculos é a luz.

Como marco inicial para a consolidação do antagonismo em Lupasco, agora pelo viés do discurso científico propriamente, estabelecemos também as discussões iniciadas no século XVII, referentes à composição da luz e da “matéria” (partículas ou corpúsculos) com as disputas teóricas travadas principalmente entre Isaac Newton e Christian Huygens, onde a constituição da luz foi pensada como *partícula* (ou corpúsculo) por volta de 1704 pelo primeiro, e como *ondas*, pelo segundo. É importante salientar que não apenas Huygens pensava na luz como onda, mas também nomes como Robert Hooke, Leonard Euler, além do filósofo racionalista René Descartes.

Essa discussão nos convém de passagem pelo fato de unir dois aspectos interessantes que propomos também com relação à característica fundamental da filosofia do antagonismo, a saber, a relação da unidade e da multiplicidade do conhecimento, que pode também ser encontrada amplamente no idealismo alemão subsequente à Kant, como no caso de Hegel e Fichte. Este último, quando afirma, por exemplo, que “A proposição fundamental absolutamente primeira, já que deve fundar não apenas uma parte do saber humano, e sim todo o saber, tem de ser comum a toda a doutrina da ciência” e que “uma divisão é possível apenas por oposição, cujos termos, porém, têm de ser idênticos a um terceiro.” (FICHTE, 2015, p. 207), evidencia, com grande força teórica, a ideia difundida neste trabalho, a de uma produção contínua de uma filosofia do antagonismo sempre presente no pensamento humano, em cuja essência habitam o conflito e a contradição constantes numa relação entendida como dialética. Portanto, quando o pensamento se autodividiu em religioso, filosófico e científico,

procurou em ambas as partes de essa dialética desenvolver seus raciocínios de maneira igual, através do embate contraditório ou meramente de confronto, de oposição.

Não é nossa intenção fazer uma abordagem exaustiva desse processo, mas tão somente apresentar uma visão geral do desenvolvimento antagônico na ciência que culminou nas atuais teorias quânticas, as quais possibilitam novos rumos para a filosofia do antagonismo, definindo-a e fortalecendo-a firmemente como uma nova proposta de discussão filosófica para o presente século. Por conseguinte, uma vez que ambas as teorias atendiam de certa maneira aos fenômenos físicos de reflexão e refração, as mesmas persistiram por algum período. No entanto, ambas se tornaram inconsistentes ainda em meados do século XVII, embora não totalmente descartáveis.

As disputas quanto à natureza da luz (onda ou partícula) alcançaram novos horizontes com as investigações e postulados de Augustin Jean Fresnel. Porém, foi exatamente com a experiência da dupla fenda de Thomas Young que a ideia de um comportamento ondulatório da luz, a exemplo das perturbações ondulatórias observadas na água, ganhou força e comprovação experimental de fato. Rocha (2011) descreve o experimento da seguinte forma³²:

Em que pesem as evidências experimentais e as ideias desenvolvidas por Huygens (1687) sobre a natureza ondulatória da luz, é só entre 1801 e 1803 que a teoria ondulatória é colocada numa firme base experimental. Foi nesse período que Thomas Young conseguiu avaliar, pela primeira vez, o comprimento de onda da luz, que, como se sabe, é um parâmetro característico da teoria das ondas. Na sua famosa experiência, Young fez passar um feixe luminoso (luz solar) através de dois orifícios construídos com um alfinete em um papel grosso e então obteve, pela primeira vez, em um anteparo, uma figura de interferência luminosa, composta de faixas escuras e claras, alternadamente. Para conseguir um feixe luminoso adequado, ele fez a luz passar, inicialmente, num obstáculo com um único orifício. Modernamente, são usadas fendas longas e estreitas em lugar de orifícios, e por isso esta experiência é chamada hoje de experiência da fenda dupla. Young foi estimulado a fazer esta investigação a partir de observações relacionadas à interferência de ondas de água e de pulsos de som, nos quais percebera que havia regiões de destruição e regiões de reforço dessas ondas. Inspirado nos seus resultados experimentais, Young apresentou, ainda nesse período, um novo e importante conceito da teoria ondulatória, o então chamado princípio da interferência: "quando duas ondulações com origens diferentes se propagam exata ou muito aproximadamente ao longo da mesma direção, o seu efeito conjunto é uma combinação dos movimentos de cada uma". Com estas ideias, Young conseguiu explicar seus resultados experimentais e também as cores das películas finas (anéis de Newton), usando dados obtidos pelo próprio Newton. Para Young, as faixas claras e escuras, na

³² Imagens ilustrativas desse processo se encontram disponíveis em: < <http://fisicaevestibular.com.br/novo/ondulatoria/ondas/interferencia-luminosa-experimento-de-young/> > Acesso em: 29/04/2019.

experiência da fenda dupla, surgiam como resultado de interferências construtiva e destrutiva, respectivamente, dos feixes que passavam pelas duas fendas. Prevendo as reações dos seguidores de Newton, geralmente considerados defensores da teoria corpuscular, Young teve o cuidado de esclarecer em seus trabalhos científicos, que o próprio Newton fizera várias afirmações apoiando uma teoria da luz que tinha alguns aspectos de uma teoria ondulatória, o que não impediu a rejeição de suas ideias pelos newtonianos. A partir dos trabalhos de Young, ficou evidente que os fenômenos envolvendo interferência não se restringiam àqueles descobertos por Hooke (ou Boyle), a partir de lâminas de mica, etc.; interferência pode ocorrer em qualquer situação em que a luz proveniente de uma única fonte divide-se em dois feixes que se recombinam após terem percorrido caminhos de comprimentos diferentes (ROCHA, 2011, p. 178).

Apesar de toda importância dessa descoberta para sua época, ela representou apenas a “ponta do iceberg”. Uma vez que a luz se comporta como onda, como certo “nada”, uma ondulação e não matéria em si para a ciência, muitas outras indagações surgiram e muitas peças deste quebra-cabeça ainda não se encaixavam, dado as inúmeras controvérsias e contradições que tal comprovação levantou, ainda mais com relação à questão da natureza da luz. Por conseguinte, veremos mais adiante o incrível e espantoso desfecho que as últimas descobertas de Einstein e De Broglie trouxeram para essa problemática antagônica no campo da física. Antes disso, apresentamos a seguir o antagonismo levantado pelas investigações daquele que é tido como o pai da mecânica quântica, Max Planck.

Foi a partir de Max Ludwig Planck e sua quantização da energia que o antagonismo físico nasceu de forma mais consistente. Assim, é nesse ínterim das discussões físicas acerca da natureza da luz que Planck surge definitivamente e remove a maioria daqueles defensores da física clássica de seu tão majestoso e quase impenetrável trono de verdades absolutas. Os processos da radiação continham uma contradição que intrigava os cientistas em seu tempo: quando os corpos eram aquecidos em altíssimas temperaturas, emitiam radiação na forma de luz e as teorias da física clássica indicavam que, quando ocorria esse superaquecimento, a luz emitida pela radiação também aumentava. Porém, observações mais detalhadas indicaram que tal teoria seria falsa ou inconveniente. Como exemplo disso, temos o aço que emite várias cores quando aquecido em conformidade com cada grau de temperatura. Com isso, ocorre então a transformação de energia térmica para energia luminosa.

Na leitura da física clássica, o aço deveria emitir mais energia na medida em que a sua temperatura fosse ampliada até chegar a uma camada de radiação de cor ultravioleta, a qual o olho humano não consegue enxergar. Em outras palavras, o aço se tornaria, dessa forma, invisível. Todavia, a teoria não se comprovou por nenhum experimento, pois, em tais

temperaturas, o aço permanece visível, o que se configurava como uma contradição que inquietava os físicos na época de Planck, pois qual era o motivo pelo qual a teoria da física clássica acerca do ultravioleta, que era tão eficiente no papel, não ser verificada na prática? Por sua vez, o cientista procurou explicar esses processos da radiação e, após longos cinco anos tentando explicar tal fenômeno por meio da física clássica, não encontrando nenhuma resposta satisfatória, decidiu ousar.

Em 14 de dezembro de 1900, praticamente cem anos após o experimento da dupla fenda de Young, Planck anuncia, em uma reunião na Sociedade Física da Alemanha, sua lei da radiação, que mais tarde ficou conhecida como a “Constante de Planck”, uma referência ao cientista. A data então marcou o nascimento da física quântica. Nascia, assim, um novo tempo para a ciência e também para todos os demais saberes. Planck demonstrou, com sua minimização da quantidade de energia radioativa emitida através do número de $6,6262 \times 10^{-34}$ Js, o qual representa um número bastante pequeno, inferior ao necessário para que haja mudanças físicas ou químicas consideráveis em materiais por nós percebidos no cotidiano macrofísico, que havia um mundo ainda menor do que se imaginava, um mundo quântico até então despercebido aos olhos de todos. Nesse contexto, mencionamos de passagem Jules-Henri Poincaré, um matemático que provou a importância das equações de Planck. Assim, por sua descoberta do “*quantum* de ação”, Planck também recebeu o prêmio Nobel após a Primeira Guerra Mundial, o que se tornou tradição entre os físicos quânticos.

Planck foi não apenas o criador do “*quantum* de ação”³³ e de sua constante, como também o grande descobridor e impulsionador da carreira de Albert Einstein, este último conquistou, por sua vez, o mérito de ter conseguido aplicar de maneira correta a constante de Planck³⁴. A trajetória da física quântica estava se desenhando e ganhando cada vez mais força com a adesão de grandes ícones da física moderna, ainda que a contragosto. Por outro lado, essa descontinuidade da energia, entendida agora como emitida por pacotes ou porções, provocou ao próprio Planck muitos incômodos que o levaram a tentar vencer a própria ideia do “*quantum* de ação” por dez anos, mas foi em vão, pois a contradição permanecia agora ainda mais evidente aos olhos, porém impossível para a razão científica clássica.

³³ *Quantum*: menor quantidade de energia que se pode transmitir em qualquer comprimento de onda. Disponível em: <https://www.sofisica.com.br/conteudos/dicionario/q.php>. Acesso em: 08/08/2020. A palavra “quanto” já era utilizada no meio científico no século XVIII, mas foi a partir do trabalho de Planck que o termo ganhou maior notoriedade.

Ver também “*quantum* de ação” disponível em: http://www.if.ufrgs.br/~betz/iq_XX_A/radTerm/aRadTerm-Frame.htm. Acesso em: 08/08/2020.

³⁴ Einstein aplicou as teorias de Planck em seus estudos acerca do efeito fotoelétrico.

Um “novo” conhecimento de mundo, já há muito imaginado por diversos filósofos, estava surgindo com mais evidência do que nunca para o cientista moderno. Mas, apesar de toda inovação, a teoria dos quanta de Planck ficou subentendida por parte da comunidade de físicos de sua época – comum e próprio da humanidade em todas as esferas do conhecimento, esse embate do contraditório, essa não aceitação completa do que é apresentado – como um mero atalho matemático³⁵. Contudo, para além das críticas, abordaremos a seguir a utilização das investigações de Plank realizada por Einstein e as novas possibilidades antagônicas descobertas e desenvolvidas por ele ao afirmar a dupla propriedade da luz, propriedades caracterizadas como conflitantes, antagônicas, contraditórias, até então tidas como impossíveis de coexistirem no fenômeno físico da luz.

Com efeito, o antagonismo quântico aparece em Albert Einstein. O estudioso entendia a luz como um fenômeno físico de propriedade dúbia. Em 1905, utilizando a “constante de Planck”, Einstein explica o efeito fotoelétrico³⁶. Quando a luz é projetada sobre o metal, ela é capaz de deslocar elétrons, o que pode ser demonstrado com emissão de luzes de alta frequência (ultravioleta) em pequenos comprimentos de onda. Porém, se verificou que tal fenômeno não poderia ser explicado por meio da teoria ondulatória da luz.

Foi então que Einstein postulou que se deve entender a luz como um fluxo de partículas, denominadas de *fótons*. Dessa forma, dependendo da energia de cada fóton de luz, principalmente da luz violeta, os elétrons são deslocados. Para isso, segundo Einstein, a energia do fóton deve ser entendida como a energia da radiação, ou seja, o produto de sua frequência mais a “constante de Planck”. Isso resultou parcialmente em um “fim” provisório das disputas acerca da natureza da luz, tendo em vista que Einstein também provou o caráter corpuscular da luz – além daquele ondulatório apresentado por Young –, em que ora a luz se comporta como onda, ora como partícula.

Esse antagonismo é utilizado até hoje para explicar os fenômenos da luz conforme cada um desses dois aspectos fundamentais, isto é, a luz possui duas características antagônicas em sua natureza fundamental³⁷. Assim, a primeira aplicabilidade prática da teoria

³⁵ A crítica, o embate, o conflito teórico, o contraditório são o que garantem, em todos os períodos e campos do conhecimento, o seu aperfeiçoamento numa busca que parece não ter fim, uma vez que a unidade última da matéria parece ser impossível ao alcance sensível e teórico.

³⁶ Não é nossa intenção apresentar de forma exaustiva e detalhada as descobertas aqui apresentadas. Para mais detalhes acerca do efeito fotoelétrico descoberto por Einstein, favor ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=kjZE8fBduTE>

³⁷ Ora, se a definição rudimentar na física de “**partícula**: É um corpo dotado de massa, com tamanho desprezível, podendo ser considerado como um ponto.” (disponível em: <https://www.sofisica.com.br/conteudos/dicionario/p.php>. Acesso em: 08/08/2020) e de “**onda**: Perturbação que se propaga num meio contínuo. Linhas ou superfícies concêntricas que se produzem numa massa fluida quando um dos pontos desta recebeu um impulso”. (disponível em: <https://www.sofisica.com.br/conteudos/dicionario/o.php>. Acesso em: 08/08/2020), logo, são

quântica mostra que, num mesmo fenômeno, pode haver duas naturezas ou processos até então considerados antagônicos e distintos pela física clássica³⁸. Mas não apenas isso, o fascínio que Einstein cultivou pela luz durante toda sua vida o levou a sua mais célebre teoria e suas variantes, a teoria da “Relatividade Geral”. Desde Newton, a ciência abraçava um modelo de universo e um tipo específico de se fazer ciência ortodoxa quase irrefutável. Por exemplo, o conceito de Newton acerca do espaço perdurou por quase duzentos anos até Albert Einstein.

A maioria das leis físicas clássicas, muitas das quais ainda utilizamos em nosso mundo macrofísico, parte do pressuposto de que o *espaço* é real e físico. Se para o bispo e filósofo inglês George Berkeley, o espaço “nada” seria, que nada restaria ao removermos todas as qualidades (ou nomes) que damos aos entes, o que conceitualmente é problemático, nada poderia restar, a ciência sempre considerou como algo material. Porém, apesar de Berkeley ter apresentado um problema conceitual com toda sua capacidade e autoridade intelectual, uma vez que não teríamos conteúdo algum para o conceito de um “nada” absoluto, para a ciência atual, esse “nada” possui uma conotação antagônica quando aplicado à noção de espaço. Pois se tudo desaparecer enquanto entidades no universo, para a física de hoje, restaria certo “nada espacial”; para as teorias quânticas, o “nada quântico” compreende uma indeterminada “energia escura”, certa “radiação cósmica eterna”.

No entanto, o que nos interessa desenvolver agora é que, em um dado momento, ao examinar as propriedades da luz, Einstein percebeu que todas as medições de sua velocidade em qualquer ponto retornavam sempre ao mesmo resultado, sem nenhuma alteração, ou seja, a velocidade da luz permanecia sempre a mesma para todos, em qualquer circunstância variável. Para isso ocorrer, Einstein apresentou que tanto o *tempo* como o *espaço* podem trabalhar juntos, se ajustando um ao outro mutuamente, o tempo ou o espaço não poderiam ser absolutos separadamente, de maneira que o espaço e o tempo seriam relativos. Entretanto, essa relação não implica num relativismo negativo, mas numa relatividade que faz emergir da imaginação filosófica do físico uma nova concepção, um novo ator físico, a saber, o “espaço-tempo”.

antagônicas, uma vez que a partícula se tratava como “corpo”, “massa”, “matéria”, e onda, como uma “oscilação”, uma “perturbação”, ou seja, nada de concreto, como no caso da partícula. Isso é considerado como uma incoerência, uma contradição no seio do fenômeno da luz em seus elementos constitutivos. O antagonismo aqui não está no conflito direto ou numa luta entre partícula e onda, mas da impossibilidade até então entendida de ambos estarem presentes ou atuarem no mesmo fenômeno físico como características de apresentação do mesmo, em que a luz se apresenta como partícula, ou como onda em Einstein.

³⁸ Antagonismo muito próximo daquele de Heráclito, que apresentamos no primeiro capítulo do presente estudo.

A força gravitacional dos astros causaria uma deformação no espaço-tempo, como uma espécie de “buraco”, o que provocaria um desvio na rota da luz, ao contrário do que se acreditava anteriormente, isto é, a luz percorreria sempre seu caminho em linha reta. Observações astronômicas comprovaram essa perspectiva de Einstein a partir de 1919. Assim, a teoria da “Relatividade Geral”³⁹ cumpriu mais uma vez com a regra básica do pensamento, a de antagonizar, atualizar um novo “dito” em detrimento de um “dito” anterior, transformando agora em um “não-dito” por contradição, por iluminação da imaginação do ser pensante. Com isso, ocorreu uma superação da física newtoniana ao unir conceitos físicos diferentes (o tempo e o espaço) numa única teoria física.

O discurso físico em Einstein se mostrou antagonicamente grandioso, muito embora o próprio não quisesse em nenhum momento se afastar da precisão matemática da física clássica, vendo assim nascer a física quântica com toda promessa carregada de contradições e informalidades lógicas. Com efeito, o físico desenvolveu a chamada “constante cosmológica”⁴⁰, a qual já indicava essa força antigravitacional presente no universo, um efeito contrário à gravidade dos astros que, ao oposto desta última, afastaria os entes, curiosamente contrariando ao próprio Einstein, o qual acreditava que o universo era estático. A ideia aqui é de que esse “ser estático” do universo acontece por equilíbrio entre o embate dessas duas forças gravitacionais opostas. O mais interessante de notarmos é que geralmente a ideia surge da imaginação, da reflexão filosófica como hipótese que, no caso do físico, logo busca na linguagem matemática, que também é analítica, o seu sustento. Por fim, a “constante cosmológica” e a “atração comum” da matéria em constante confronto antagonico, nesse momento do pensamento científico, propiciavam o equilíbrio geral do universo, concedendo aparência de estabilidade, ou seja, se há equilíbrio no universo, é pelo fato de existir em todas as realidades⁴¹, o antagonismo.

Depois, surge o antagonismo em Niels Bohr, com o salto quântico e a estabilidade dos átomos (teoria quântica do átomo de hidrogênio a partir de Planck). Consequentemente, foi a partir das contradições do modelo atômico de Rutherford, o qual representava uma violação das leis eletromagnéticas até então conhecidas, que foi proposto por Bohr um modelo

³⁹ Inúmeros documentários e materiais disponíveis na internet podem esclarecer diversos pontos abordados neste trabalho. A exemplo do documentário do canal *History*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UnSA27a00To>. Acesso em: 08/08/2020.

⁴⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fsY2PoZlbUI>. Acesso em: 08/08/2020. Também disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KPpB1zV6jm0&t=1070s>. Acesso em: 08/08/2020. Tempo < 2:30>. Este último chama a atenção para a explicação de que o “universo desacelera, mas vai ter sempre uma velocidade positiva. João Steiner, do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da USP.

⁴¹ Referimos aos campos microfísico, macrofísico, subatômico, biológico e psíquico.

de átomo como solução, que também rompeu com o modo newtoniano de fazer ciência. Para Bohr, a luz se comportava, por vezes, como onda ou como partícula, mas nunca as duas ao mesmo tempo, dependendo do estado de observação, acrescido do princípio da incerteza de Werner Heisenberg e a experiência do pensamento de Erwin Schrödinger, o qual gerou certo consenso na teoria quântica, a saber, o próprio ato de observação afeta a realidade observada (o chamado colapso da função de onda = medição x observação).

Mas Bohr não foi protagonista apenas de um novo desenho do átomo ou das discussões acerca do colapso de onda, foi também protagonista de um dos mais duradouros impasses antagônicos ocorrido na história da física moderna, no qual encontramos a controvérsia de opiniões opostas entre Niels Bohr e A. Einstein quanto à possibilidade do “entrelaçamento quântico”, teoria também chamada de “emaranhamento quântico”⁴². Tal teoria consiste no emaranhamento entre duas partículas ou objetos, cuja descrição formal de uma não pode ocorrer sem a consideração da outra, de sua outra parte, mesmo estando ambas separadas por distâncias extremamente elevadas, isto é de milhões de anos-luz. A comunicação que ocorre em curtas distâncias não seria possível a nenhuma velocidade detectável maior que a da luz em distâncias muito grandes, o que sugere a concepção da ideia de haver o teletransporte quântico já ensaiado em experimentos atuais.

Desse modo, se entende que possam existir forças desconhecidas que operam no tempo e fora dele, o que tornou a teoria considerada por muitos como uma teoria “bizarra”, “fantasmagórica”, impossível entre as teorias quânticas. A discussão ocorreu por demasiado tempo no campo da especulação entre os cientistas, a partir dessa previsão teórica (o entrelaçamento quântico) de equações oriundas da mecânica quântica entre as propriedades de partículas entrelaçadas a enormes distâncias. Ao considerar, por exemplo, a propriedade de *spin* (estados quânticos incertos de propriedade controversa) de um átomo, a medição de sua rotação pode ser detectada em sentido horário ou anti-horário⁴³, estando estas próximas, necessariamente devem girar de maneira oposta em seu entrelaçamento.

Contudo, na previsão de Bohr, essa medição traria o mesmo resultado caso uma das partículas, a que não estivesse sendo medida, estivesse há quilômetros de distância,

⁴² Muito embora haja teorias meramente diferentes umas das outras, os casos que abordamos em geral na física se tratam de oposições que partem da não aceitação de determinada teoria ou de alguns pontos que os críticos entendem que são merecedores de discussão. Geralmente uma teoria nasce para se contrapor a outra e isso é bastante comum na filosofia, na ciência e em todos os campos do conhecimento humano. Se utilizarmos a expressão popular, podemos dizer que *somos* naturalmente “do contra”.

⁴³ Para uma explicação preliminar sobre o spin do elétrico e o seu surgimento contradizendo teorias da física clássica, temos parte da aula do professor Gerardo Martinez do Instituto de Física da UFRGS. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=JiZtwEKG048>> acesso em <30/09/2019> tempo <08:35>.

ocasionando a mesma resposta e se mantendo o entrelaçamento entre ambas. Isso, para Einstein, era inadmissível, apesar de acreditar que havia partículas entrelaçadas. O antagonismo de opiniões desses dois teóricos físicos ocorre exatamente na dimensão dessa perspectiva de medida, o que, para Einstein, o cálculo já estaria predeterminado no fenômeno, ao passo que, para Bohr, haveria certo enigma insondavelmente impreciso, inerente ao mesmo evento. É importante destacar o típico movimento antagônico⁴⁴ entre os pensadores físicos quando procuram a resposta teórica para o problema, isto é, o antagonismo se apresenta no cerne da representação científica do fenômeno, e não apenas como uma mera divergência de opiniões opostas ou contraditórias.

Einstein morreu acreditando que “Deus não joga dados”, no sentido de que qualquer sistema ou fenômeno físico pode ser previsto com exata certeza, ou seja, o *spin* teria valor específico antes mesmo de sua medição, enquanto que seu amigo N. Bohr estava certo de que não podemos determinar “como Deus deve agir”. Essa discussão deu origem ao chamado “paradoxo de EPR”, uma tentativa teórica de vencer os avanços e pretensões da mecânica quântica, mas que só veio a confirmá-la ainda mais. Em 1972, John Francis Clauser, a partir de estudos nos teoremas de John Bell⁴⁵, em mais um movimento de oposição, subversão e antagonismo, ao buscar estabelecer a vitória de Einstein na discussão, acabou por resolver o impasse entre Einstein e Bohr de maneira a comprovar a natureza “fantasmagórica” do entrelaçamento quântico. Clauser demonstrou, por meio de experimento e contra sua própria vontade, que Bohr estava correto, assim a mecânica quântica recebeu mais um admirável e antagônico crédito.

Com isso, não há nenhum plano prévio ou variáveis escondidas como imaginava Einstein, mas foi confirmada mais de uma vez a oposição entre a física quântica e as leis da física clássica com as novas “regras” de localização atômica, descobertas a contragosto. É o inexplicável comprovado pelo experimento explicável. Esse tem sido o movimento antagônico da mecânica quântica. Porém, a “rivalidade” entre as duas físicas não as coloca em estado de aniquilamento mútuo, num antagonismo que as absorve num terceiro elemento absoluto, mas as mantém intactas, uma diante e dentro da outra, trabalhando conjuntamente.

⁴⁴ Com “movimento antagônico”, entendemos essa dinâmica das produções filosóficas, científicas, religiosas, etc., das teorias em geral que se dá por disputas, as quais geralmente ocorrem principalmente na física por oposições geradas, a partir de desacordos oriundos de contradições, encontradas em determinada teoria, com vistas ao aval de algum experimento ou cálculo.

⁴⁵ Em 1964, John Bell desenvolveu um teorema que buscava esclarecer a hipótese de A. Einstein das supostas “variáveis escondidas” nas partículas entrelaçadas para afirmar que elas já traziam consigo uma matemática pré-estabelecida.

A filosofia do antagonismo científico, portanto, tende a notar esse equilíbrio do desequilíbrio entre os polos em contradição, nesse caso, entre as teorias e leis do mundo subatômico em contradição direta com as do mundo macrofísico, gerando assim essa rigorosa oposição. Ademais, hoje o entrelaçamento quântico⁴⁶ já se constitui uma realidade na computação, medição do tempo, equipamentos e sistemas de GPS, além de ser objeto de investigação acerca do teletransporte quântico, a volta ou avanço no tempo, entre outras tecnologias, o que demonstra a magnitude da possibilidade de unir contradições. O mundo quântico, enfim, está se apresentando cada vez mais ao mundo da física clássica e com ele se relacionando. Destarte, a definição sempre parece se estabelecer diante das provocações opostas necessárias, indicando sempre um equilíbrio entre tensões contrárias.

Mas esse debate não ficou apenas nisso. Pois foi com o antagonismo quântico de Louis De Broglie que se demonstrou que as partículas também são ondas (dualidade onda-partícula). Se Einstein conseguiu apresentar as características antagônicas presentes no fenômeno da luz que ora se comporta como onda, ora como partícula, e Bohr assegurava que as duas naturezas jamais poderiam ocorrer ao mesmo instante, De Broglie se perguntou então se toda matéria, partícula ou corpúsculo, não poderia também se apresentar como onda, propondo um raciocínio inverso ao da luz que Young e Einstein abordaram. Agora De Broglie procurou estabelecer a natureza da partícula a partir da ideia de onda. Ele aplicou às partículas um caráter ondulatório e, segundo a história da física quântica, conseguiu por meio de cálculos, em 1923.

O antagonismo em Broglie se firmou a partir da dupla natureza proposta nos membros de sua equação, onde, no primeiro termo, temos no comprimento de onda (λ) uma propriedade ondulatória e, no segundo, a “massa” (m), uma propriedade da partícula. Assim, temos o seguinte percurso histórico desse problemático caminho que o inquietante pensamento físico percorreu diante de suas conclusões antagônicas do comportamento da luz:

Luz = partícula (*I. Newton – teoria*)

Luz = onda (*Descartes – teoria*)

Luz = onda (*T. Young – experimento*)

Luz = onda e partícula (*A. Einstein - experimento*)

Partícula = onda (*L. De Broglie – experimento posterior*)

Logo, vimos até aqui essas variantes teóricas da física com relação à natureza da luz, a qual oscila entre duas propriedades tidas pela física clássica como antagônicas entre

⁴⁶ Explicação simples disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gc4nbUAI2qA>>. Acesso em: <08/08/2020>.

si: partícula e onda, de modo que a luz se manifesta de maneira antagônica para a ciência. Porém, esse não foi o único debate conflitante que desencadeou inúmeras conversas científicas. Pois, o antagonismo dos *spins* também foi notado e aparece com o “Princípio de Exclusão de Pauli”. Em 1925, o princípio de exclusão demonstrou ao mundo que é possível, em uma orbital atômica, o agrupamento de no máximo dois elétrons de *spins* (movimento) antagônicos.

Wolfgang Pauli, ao examinar as disposições de movimento dos elétrons ao redor de um determinado núcleo atômico, movimento imprescindível para a compreensão da raiz das formações dos compostos químicos, dos quais o mundo macrofísico, tal qual conhecemos, é disposto aos nossos sentidos, definiu que eles precisam ter *spins*⁴⁷ contrários, mas com um mesmo sentido de atuação, ou seja, não podem existir dois elétrons com os mesmos quatro números quânticos dentro de um átomo. Logo, Pauli procurou determinar como os elétrons ocupam um determinado lugar no espaço, mostrando como podemos ter a variedade de compostos existentes na natureza, portanto, é a esse considerado fraco aspecto contraditório dos *spins* dos elétrons que se oportunizam as trocas atômicas para a formação das moléculas e substâncias, de maneira que a formação substancial é possível por um movimento antagônico dos elétrons na orbital nuclear que compõem os entes no mundo.

Disso, nos convém mais uma inegável proposição física, na qual se implica o antagonismo em mais uma de suas bases fundamentais, agora no seio do princípio das próprias ligações fundamentais da química, no nascimento de todo composto, no cerne da constituição atômica e, por conseguinte, também das moléculas. O “princípio de exclusão” procurou explicar o agrupamento dos elétrons que ocorre no seio fundamental das ligações químicas, sejam elas iônicas, covalentes ou metálicas. Esse se constituiu num entendimento plausível e mais um marco em torno da relatividade dos elementos de um ponto de vista quântico, e não mais meramente clássico. Ademais, podemos ainda afirmar, com base na mecânica quântica, que os elétrons fazem parte de um agrupamento de partículas denominadas de *férmions*, aos quais o “princípio de exclusão de Pauli” também se estende, uma vez que nunca podem haver dois férmions no mesmo estado quântico simultaneamente. Como consequência disso, veremos o antagonismo ser também fortalecido no princípio da incerteza de Werner Heisenberg.

Na virada do século XIX, os físicos continuaram freneticamente as pesquisas para estudar essa relação entre a energia e a estrutura da matéria. A partir disso, a crença numa

⁴⁷ Sentido de “rotação” dos elétrons, apesar do termo não ser conveniente devido ao caráter dual da partícula, que também se comporta como onda.

concepção newtoniana de um universo material foi abandonada para dar forma a uma ideia ilusória desta, passando a entender o mundo como energia ou um complexo de relações energéticas. Para chegar a essa maturidade teórica do mundo, foram importantes as contribuições de físicos, como Werner Karl Heisenberg, além daqueles já citados anteriormente. Com Werner Heisenberg, temos o “princípio de incerteza”, no qual se verificou que a órbita de movimentação dos elétrons ocorre dentro de uma nuvem de probabilidade, onde os elétrons podem estar em diversos lugares ao mesmo tempo. Conforme o modelo de Heisenberg, a posição e o momento de uma determinada partícula não podem ser calculados ao mesmo tempo. Isto posto, temos a seguinte disposição básica do cálculo de Heisenberg:

$$\Delta x \Delta p \geq \frac{h}{4\pi} \quad \text{exemplificando:} \quad \begin{array}{l} \uparrow (2) \cdot (2) \quad | \quad = 4 \\ (1) \cdot (4) \quad | \quad = 4 \\ (0,5) \cdot (8) \quad | \quad = 4 \end{array}$$

Assim, o produto da incerteza da posição com a incerteza do momento deve ser maior ou igual à Constante de Planck sobre 4π , ou seja, a incerteza associada à posição multiplicada pela incerteza, associada ao momento, tem que ser maior ou igual a um número constante. Com efeito, se entende que, apesar de momento e posição serem necessariamente contrários, em que um deve ser maior e o outro, menor, seu resultado deve permanecer sempre um número fixo. Segundo Heisenberg,

Bohr também tinha dado prosseguimento a suas ideias sobre o dualismo onda-partícula, que deveria constituir a base da interpretação. Era central em seu pensamento o conceito de complementaridade, que ele acabara de introduzir para descrever uma situação em que é possível apreender um mesmo acontecimento por dois modos de interpretação distintos. Esses dois modos distintos são mutuamente excludentes, mas também complementam um ao outro, e é somente através de sua justaposição que o conteúdo perceptivo de um fenômeno revela-se em sua plenitude (HEINSEMBER, apud MARSILLAC & MALBURG, 2009, p. 83).

Portanto, a incerteza da posição é inversamente proporcional à incerteza do momento, ou seja, se um valor aumenta, o outro tem que diminuir. A equação nos dá indícios também

sobre os processos de potencialização e atualização⁴⁸ expressos por Lupasco posteriormente, em que apesar da diminuição e do aumento entre os dinamismos antagônicos, permanecerá sempre algo constante surgindo desses dinamismos, ou seja, um estado de equilíbrio. Entretanto, essas variações só podem ser detectadas no campo microscópico, uma vez que, na lógica macroscópica, isso fica meio sem sentido, e resulta também em certo antagonismo existente entre os campos microfísico e o macrofísico da natureza, isto é, a natureza pode ser medida ao mesmo tempo em que não pode ser medida, e é percebida e compreendida de uma forma no campo microfísico e de outra maneira completamente oposta e até mesmo contraditória no campo macrofísico. O mundo macrofísico, que percebemos de imediato com os nossos sentidos, age por leis que contradizem o mundo subatômico do qual é formado, sobre o qual não temos acesso imediato por meio dos sentidos.

Ora, sendo assim, a onda representa uma espécie de mapa do movimento da partícula, um caminho oriundo de uma perturbação física, no entanto, nada contém em si de material. Com isso, os elétrons, ao longo da história da física, estão no cerne do problema antagônico onda/partícula. Com o experimento da dupla fenda – que veremos adiante, no próximo tópico com Davisson e Germer –, verificou-se que os elétrons não estão em um determinado lugar específico, mas, de acordo com o observador, eles podem estar em todos os lugares ao mesmo tempo ou mover-se de maneira surpreendentemente, comportando-se como partícula ou onda. São, ao que se percebe, aparições luminosas. Diante do exposto, Templo (2001) estabelece que:

A noção de *potencialidade* é usada por Heisenberg no sentido dado por Aristóteles, que definia a *matéria* como uma entidade indiferenciada contendo *potencialmente* os contrários, como a criação e a corrupção, a vida e a morte, a ordem e a desordem. É chegada a hora de introduzir um termo novo para este estado particular de potencialidades coexistentes simétricas. Trata-se do estado T de Lupasco, que significa o que é, em si mesmo, contraditório. Esse terceiro é o terceiro que a lógica clássica *exclui* e que Lupasco denomina o *terceiro incluído*. Esse estado T corresponde àquela situação particular em que as duas polaridades antagônicas de um acontecimento têm igual intensidade e anulam-se reciprocamente para dar

⁴⁸ A transformação de todas as coisas ocorre por um movimento ou dinamismo energético em suas propriedades de potencialização e atualização antagônicas e contínuos, capaz de produzir, em nossa percepção, a sensação de mudança e de continuidade (ou memorização) das coisas. Envelhecemos sem perder nossas características fundamentais, ou uma maçã que apodrece com o passar do tempo e continua para nós uma maçã até se decompor por completo, etc., são exemplos da ação desse dinamismo energético, dados por sua potencialização e atualização, uma explicação para o eterno devir, para toda mudança ininterrupta no mundo que se potencializa e atualiza a todo instante, mas que ao mesmo tempo temos a memória de sua permanência.

nascimento a uma terceira potência em si mesma *contraditória* (TEMPLO, 2001, p. 232).

Mais uma vez, o discurso da física quântica vai se afirmando e se distanciando do discurso da física clássica com sua lógica precisa do sim e não, do 0 e 1. Agora, a natureza está sendo vista com espanto e maior admiração por parte de uma total falta de nexos lógicos em comparação com as antigas e dogmáticas proposições clássicas. Um novo mundo nos mostra diante de nossa percepção, um mundo impreciso, no qual o cálculo não funciona com pura precisão analítica. Surge assim o mundo das possibilidades, das probabilidades, das imprecisões dos cálculos científicos, um mundo fundamentalmente de precisões antagônicas. A partir disso, algumas conclusões podem ser extraídas:

- Em mecânica quântica, as partículas são representadas por uma onda de probabilidade, as possibilidades prováveis de movimento e estado, em que todas as partículas estão em todos os estados possíveis, como que numa superposição de estados;
- Resultado: a comprovação da relação entre as partículas e o observador, ou seja, está comprovada até o momento a existência de uma consciência que interage com o mundo subatômico. Há um observador e influenciador dos eventos do mundo em sua relação (religião, psicologia, teorias consciências e, enfim, a física);
- “Finitizamos” o infinito para compreendê-lo, e
- O mundo material (concreto) não “existe” de fato, mas apenas a dinâmica dos sistemas energéticos. É a energia (energia condensada, pura luz estatizada ou congelada) que faz o mundo material acontecer.

Desse modo, existe uma imensa variedade de compostos na natureza, esboçados na tabela periódica com todas as propriedades dos elementos nela dispostos. Com efeito, o que se dita na formação de um composto qualquer é a maneira como os átomos vão interagir entre si, são as suas ligações (sejam iônicas, covalentes ou metálicas), seus elétrons. Assim, os objetos ou entes do mundo macrofísico são determinados por este modo de compartilhamento de elétrons dos átomos, formando moléculas e das moléculas, compostos, assim por diante até a forma dos objetos dados em nossa percepção identitária de maneira fenomênica ou virtual. Isso mostra que, no mundo macrofísico, identificamos objetos que são um resultado

homogeneizado⁴⁹ de infinitos processos de comportamentos contraditórios e conflituosos no âmbito microfísico ou subatômico.

Além disso, o antagonismo de De Broglie, no qual as partículas materiais (elétrons) são também onda, só veio a ser comprovado experimentalmente com os físicos Clinton Davisson e Lester Germer, cinco anos depois, em 1927. Eles puderam efetivamente comprovar, de maneira surpreendente e até mesmo espantosa, a noção de que as partículas possuem uma natureza ondulatória. Foi a demonstração experimental da então chamada “dualidade onda-partícula”, que confirmou de vez a mecânica quântica e a equação de Schrödinger no cenário científico.

O experimento da dupla fenda é considerado o mais intrigante da história da ciência, o qual ainda não possui uma explicação definitivamente conclusiva. A princípio, o experimento é aparentemente simples, porém traz consigo dois pontos bastante intrigantes. Basicamente, quando jogamos “matéria” numa chapa com duas aberturas ou fendas, esperamos que ela se propague de maneira a atingir uma chapa seguinte, estabelecendo um padrão de linhas em conformidade com as duas primeiras aberturas. Mas com o experimento de Davisson e Germer, ao dispararem elétrons contra a dupla fenda, notou-se que o padrão de interferência na chapa receptora obedecia ao mesmo padrão de interferência ondulatória, ocasionados pelo padrão de onda que o experimento de Young havia descoberto com relação à luz.

Surge, então, o primeiro ponto de espanto do experimento, a saber, o elétron (corpúsculo, massa ou matéria) também se comporta como onda (um certo “nada” material, configurando apenas numa perturbação) ao se projetar com padrões de interferência ondulatórios na chapa receptora dos disparos. Assim, verificou-se um padrão paradoxal da matéria, um comportamento antagônico daquele que era esperado, ou seja, ao invés da partícula se comportar meramente como partícula, atingindo uma mesma progressão por uma ou ambas as fendas, notou-se uma interferência multiplicada, formada por diversas linhas de interferência. Inúmeras possibilidades surgiram quando os cientistas passaram a disparar um elétron por vez, tendo em vista que, mesmo disparando os elétrons um a um, ficou verificado

⁴⁹ Homogeneiza: misturar ou juntar vários elementos, formando um todo integrado, idêntico ou de mesma natureza: homogeneizava substâncias distintas. (Disponível em:< <https://www.dicio.com.br/homogeneizar/>> Acesso em:<09/08/2020>. No contexto aqui utilizado, esse termo se refere aos dinamismos energéticos que constituem processos infinitos para a formação de um objeto ou ente que podemos identificar, particularizar, para que possa ser dado em nossa percepção. Trataremos melhor desse conceito bem como o de seu oposto, heterogeização, no último capítulo, segundo a leitura de Lupasco.

que o padrão de interferência permaneceu o mesmo, isto é, o de diversas linhas na chapa receptora, garantindo ainda o padrão ondulatório.

Desse modo, hipóteses puderam ser levantadas, como o elétron que se divide antes de atravessar as fendas e depois se une novamente e que, num momento, escolhe passar por uma das fendas e, em outro momento, por outra, etc. Porém, isso não foi o que mais espantou os cientistas e conseqüentemente o mundo, mas outro comportamento dessa partícula desestruturou de vez as bases de todo conhecimento científico até então. Inevitavelmente, isso intrigou os cientistas que decidiram verificar melhor por qual das fendas o elétron estava passando em dado momento. Ao aproximarem um mecanismo de observação próximo às fendas para verificar melhor a passagem do elétron por elas, aconteceu o mais improvável: o elétron passou a produzir um modelo de interferência de apenas duas linhas, como era esperado para uma matéria simples, ou seja, quando um olho mecânico foi colocado próximo às fendas para verificar de perto a passagem dos elétrons por elas, o elétron passou a se comportar como partícula.

E isso foi simplesmente espetacular, o fato de saber que a “matéria” se comporta de acordo com seu observador. Darwin em muito se complicaria⁵⁰. O elétron passou a agir de forma diferente ao saber que estava sendo observado com maior minuciosidade e por outro ângulo. Agora, a matéria interage com a consciência e pode ela mesma ser uma. Dessa maneira, a dualidade onda-partícula, além de promover esse antagonismo no cerne do mundo quântico, ainda possibilita incluir na discussão um terceiro termo possível.

Assim, por tudo isso que expusemos nesse tópico acerca da fase científica da filosofia do antagonismo, se percebe que a ciência já não tem mais o poder de calcular a natureza como antes sugerira, que Deus realmente parece “jogar dados”, não como um acaso indeterminado, mas numa perspectiva lógica diferente, na proporção de uma determinação não determinada, numa constante incerteza, de maneira que a partícula parece fugir das regiões orbitais do campo determinista do cientista sob a condição de instante e localização meramente possíveis, ao passo que pode estar e não estar em determinado lugar previsto. De fato, somos ainda tendenciosos e nos apegamos a determinadas “verdades” que nos satisfazem enquanto parâmetros norteadores no mundo. Contudo, quando a ciência entende que a nossa percepção da realidade pode ser diferente de como a realidade aparentemente é para nós, no fundo de nossas sinceras intenções filosóficas, científicas e religiosas, precisamos procurar manter livre o caminho para o “meio-termo”, para o equilíbrio. Outros experimentos ainda

⁵⁰ Uma vez que a teoria da evolução em geral parece sugerir que o biológico é anterior à consciência racional.

mais espantosos já surgiram nessa área, como o experimento do “apagador quântico de escolha retardada”, que propõe ainda mais questionamentos sobre o comportamento e a comunicação entre as partículas.

2.2. Um breve comentário antagonista no discurso da filosofia da Ciência

Uma breve passagem pelo antagonismo presente nos pensadores da ciência nos convém nestas últimas abordagens do movimento antagônico preliminar a Lupasco, sobre o qual nos propomos a desenvolver no presente estudo. Assim como os pré-socráticos, os filósofos clássicos e medievos, Kant, em sua aproximação com Newton, dentre outros modernos, pensou sempre essa relação entre suas filosofias e o discurso científico com uma intenção crítica e, ao mesmo tempo, como uma proposta de aproximação. Chegamos de passagem em Martin Heidegger, o qual também foi um filósofo bem próximo da ciência de sua época e pensou profundamente na técnica científica em diálogo com sua filosofia.

No artigo intitulado “Ensaio sobre a Dubiedade em Heidegger, Heisenberg e Bohr” (MARSILLAC; MALBURG, 2009), os autores falam desse movimento da física quântica e sua relação com o pensamento de Heidegger em termos de dubiedade e de ambiguidade, conceitos que são aqui entendidos como pertencentes ao conjunto de termos envolvidos numa filosofia do antagonismo de maneira geral⁵¹. Segundo a leitura dos autores sobre pensamento desses representantes da mecânica quântica e o filósofo Heidegger, a

Dubiedade insuperável de todo e qualquer perguntar original pelo Ser e, assim, procurando mostrar que o referido afastamento, muito distinto de mera excentricidade filosófica desesperada, se dá em virtude da conscientização contemporânea cada vez maior de que a incerteza e a probabilidade são aspectos inerentes à *physis* que como num jogo dúbio de mostrar e esconder incessante, exatamente como o “nunca dado desde sempre” heraclítico, impossibilita que qualquer conhecimento da realidade atômica possa ser considerado propriamente como objetivo, definitivo e isento, acenando na mesma direção da experiência e interpretação grega do Ser como

⁵¹ Apesar de entendermos que termos como ambiguidade, dubiedade, conflito, contradição, antinomia possuem seus significados distintos, como já foi apresentado na nota 5, eles são considerados aqui como pertencentes ao conjunto do que denominamos de filosofia do antagonismo. Assim, segundo nossa leitura, esses termos se encontram entrelaçados no contexto geral de uma filosofia do antagonismo.

fundamento oculto de nossa existência histórica (MARSILLAC; MALBURG, 2009, p. 77).

Os autores oportunamente identificaram o movimento dúbio tanto no campo da física quântica como na filosofia de Heidegger, o que nos fornece ainda mais subsídio para creditar esse movimento de identificação sistemática do antagonismo nas últimas décadas. Dessa forma, o pensamento no ato de pensar sempre a si mesmo está enfim se entendendo em diversos aspectos antagônicos, ou seja, como comportamento antagônico em si mesmo, no decorrer das últimas décadas, não mais preocupado com a verdade enquanto um “objeto verdadeiro”⁵², mas como um conceito verdadeiro apenas em si mesmo, como equilíbrio das próprias relações antagônicas, pautadas na probabilidade e na incerteza, as quais regem a linguagem em todas as suas áreas. Ora, a verdade é ela mesma a verdade, sem objeto. A relatividade da verdade só pode ocorrer se for com referência a algum objeto e não com respeito ao próprio conceito de verdade em si mesmo. Porém, não é o conceito de verdade que procuramos desenvolver aqui, mas se há uma verdade universal, é a de que a ética em equilíbrio antagônico se constitui nessa verdade, já vez que tudo ocorre por esse comportamento antagônico para poder ser, ou seja, o ser acontece por ser essencialmente ética.

Essa é uma das vertentes da tese que estamos procurando demonstrar aqui, a saber, o universo e o pensamento são, na verdade, um comportamento: a ética. Assim, a certeza da ilogicidade quântica, que é imprecisa à lógica macrofísica, constitui a incerteza da certeza dessa lógica macrofísica, o que caracteriza uma visão ampliada da concepção de “Ser”, dada na sua própria contradição, ou seja, presença e não-presença que o caracterizam. Para reafirmação disso, observemos ainda que:

A dubiedade faz parte da essência positiva da metafísica e da própria Filosofia. Ela mesma se configura como o olhar originário que parte da primordialidade da compreensão que, em si mesma, circunscreve e antecipa o mundo enquanto concatenação de sentido, e se expõe à essencialização do ser. A iniludível faticidade do ser dos entes, que passa a ser a questão fundamental e original da metafísica de Heidegger, se revela a partir dessa abertura compreensiva do *dasein* l’ao manifestar-se do ser. Mas esta exposição não é de forma alguma absoluta. Ou seja, ela se mostra na mesma medida em que se esconde (MARSILLAC; MALBURG, 2009, p. 85).

⁵² Qual o objeto que representa a verdade.

Sendo assim, é possível afirmar que Heidegger também se porta como um significativo exemplo na compreensão do antagonico enquanto movimento de um pensamento unificador e como um novo “desvelar” filosófico que caminhou em paralelo – mas sem uma pedra de toque consistente entre esses dois discursos – às novas tendências discursivas oriundas da física, apesar de todas as suas variáveis discursivas que são comuns e naturais a cada individuação. Conseqüentemente, trata-se do convencimento da certeza pela incerteza, da identidade pela não-identidade, da presença da validade e da falsidade, dadas no terceiro incluído como meio-termo, como aquilo que equilibradamente une e distingue. Contudo, a inexatidão de se determinar matematicamente em absoluto o ser não quer dizer necessariamente que isso não faça parte do próprio ser. Não que o Ser nos seja dado quando “aparece”, mas que o próprio “desaparecer” também é Ser. Em ambos os casos, há sempre algo que se define como conformidade a um fim, ainda que se admita na mera opinião de alguém que não há esse fim, essa finalidade.

Com efeito, esse diálogo é de imensa validade histórico-cronológica para a compreensão daquilo que mais tarde se tornaria o antagonismo lupasciano, no sentido de significar mais um passo racional que o pensamento humano atingiu rumo a uma lógica da contradição, a qual é indicadora de todo pensar humano até então sistematicamente despercebido ao longo dos anos, muito embora estivesse sempre presente em observações semelhantes a estas, algumas das quais tenho mencionado no decorrer deste trabalho. Desse modo, entendemos todo esse arcabouço metodológico da ciência como pressupostos que são pautados e norteados sempre pelo discurso matemático, dado que não há matemática alguma conhecida pela natureza e de igual modo percebida por nós na natureza que não seja a mera representação do cientista, isto é, do filósofo que se pensa cientista. Destarte, tais raciocínios sempre “idealistas”⁵³ já se demonstraram problemáticos em diversos aspectos. Esse foi, então, o último passo da ciência como filosofia do antagonismo que abordamos antes de referirmos diretamente à sua consolidação por meio das ideias de Stéphane Lupasco, que se seguirão no próximo capítulo.

⁵³ Se pressupormos que apenas o ser humano pensa o mundo tal qual o modelo do idealismo transcendental kantiano.

**CAPÍTULO 3 – O TERCEIRO ASPECTO DA FILOSOFIA DO
ANTAGONISMO: A ORTOÉTICA DE STÉPHANE LUPASCO COMO
CAUSA PRIMEIRA E TELEOLOGIA DE TODA FILOSOFIA DO ANTAGO-
NISMO (TUDO É ÉTICA)**

Finalmente chegamos ao objetivo final da presente tese: demonstrar que as duas dimensões da filosofia do antagonismo abordadas nos dois primeiros capítulos (filosofia do antagonismo estruturante e a filosofia do antagonismo científico) convergiram na ortoética do filósofo romeno e que essa ortoética se constitui na finalidade (teleologia) de toda filosofia do antagonismo, ou seja, a ética esboçada por Lupasco é o objetivo final dessa filosofia do antagonismo estruturante e científica. Com relação ao termo “ética”, Abbagnano o descreve, de maneira geral, na filosofia da seguinte forma:

ÉTICA (gr. $\chi\omicron\ \rho\sigma\Gamma\iota\kappa\acute{\alpha}$; lat. *Ethica*; in. *Ethics*; fr. *Éthique*, ai. *Ethik*, it. *Eticà*). Em geral, ciência da conduta. Existem duas concepções fundamentais dessa ciência: 1- a que a considera como ciência do fim para o qual a conduta dos homens deve ser orientada e dos meios para atingir tal fim, deduzindo tanto o fim quanto os meios da natureza do homem; 2- a que a considera como a ciência do móvel da conduta humana e procura determinar tal móvel com vistas a dirigir ou disciplinar essa conduta. Essas duas concepções, que se entremesclaram de várias maneiras na Antiguidade e no mundo moderno, são profundamente diferentes e falam duas línguas diversas. A primeira fala a língua do ideal para o qual o homem se dirige por sua natureza e, por conseguinte, da "natureza", "essência" ou "substância" do homem. Já a segunda fala dos "motivos" ou "causas" da conduta humana, ou das "forças" que a determinam, pretendendo ater-se ao conhecimento dos fatos. A **confusão** entre ambos os pontos de vista **heterogêneos** foi possibilitada pelo fato de que ambas costumam apresentar-se com definições aparentemente idênticas do bem. Mas a análise da noção de bem (v.) logo mostra a **ambiguidade** que ela oculta, já que bem pode significar ou o que é (pelo fato de que é) ou o que é objeto de desejo, de aspiração, etc., e estes dois significados correspondem exatamente às duas concepções de É acima distintas. De fato, é característica da concepção I a noção de bem como realidade perfeita ou perfeição real, ao passo que na concepção 2- encontra-se a noção de bem como objeto de aptidão. (ABBAGNANO, 2007, p. 380. Grifo nosso).

Essas definições tradicionais sempre caminharam isoladas no campo de investigação e de discussão teórico ou especulativo da filosofia e áreas afins, como a sociologia, antropologia, psicologia, etc., com isso, as ciências tidas como “exatas” (matemática, física, química,

biologia) sempre se mantiveram de certo modo alheias a essas discussões, ficando na dependência das chamadas “ciências humanas” quanto aos assuntos relacionados à ética. Semelhantemente tanto a filosofia como as demais disciplinas humanas afins acima citadas, apesar de todos os esforços de seus pensadores, não tinham, até antes de Lupasco, uma “pedra de toque”, um ponto em comum que fosse capaz de ligar suas teorias às ciências exatas e que por elas também fossem chanceladas, ou seja, não tínhamos até então uma convergência possível de ser estruturada teoricamente e ao mesmo tempo com base no experimento científico, isto é, uma ética comum entre ciência humanas e exatas.

Por conseguinte, como grifamos nas palavras de Abbagnano acima, as teorias sobre ética trazem consigo certo antagonismo (entenda-se o conjunto de confusão, conflito, heterogeneidade, relação de ambiguidade). Disso sucede que, ao descobrir também que o comportamento da natureza⁵⁴ é de puro antagonismo em todos os seus dinamismos energéticos, Lupasco acabou por descobrir também nesse antagonismo presente em tudo o ponto em comum que faltava para unir de vez a filosofia e a ciência numa mesma perspectiva ética, numa ética do contraditório, numa ética do antagonismo ou numa ortoética. Ora, se na definição de ética de Abbagnano a ética é “em geral, a ciência da conduta”, Lupasco identifica um mesmo comportamento (ou conduta) antagônico no seio dos objetos de investigação da física (partículas, átomos) e da biologia (sistemas celulares), como já foi demonstrado no capítulo 2 da presente tese e de igual modo nas teorias filosóficas como naquelas que apresentamos no capítulo 1 deste estudo, logo podemos concluir que o filósofo romeno estabeleceu um novo paradigma para o estudo da ética, agora não mais pautado em apenas uma determinada área do conhecimento, mas que encontra suporte em todas as áreas.

Com efeito, para entendermos melhor tudo isso, precisamos primeiramente apresentar com mais detalhes o que Lupasco entendia por “ética” e como o seu pensamento, pautado em suas descobertas⁵⁵ sobre os processos e dinamismos antagônicos encontrados principalmente em seus estudos na física, biologia e na neurociência, desenvolveu um novo paradigma de ética a partir do conhecimento desses dinamismos antagônicos presentes em toda estrutura energética, isto é, em qualquer experiência⁵⁶. A descoberta de tais dinamismos antagônicos levou o filósofo romeno a conclusões relevantes no campo do psiquismo humano e

⁵⁴ Leia-se mundo, universo, entes, objetos, coisas, etc., tudo o que conhecemos através da percepção.

⁵⁵ “Ora, eu descobri que existem três tipos de matéria-energia, ou seja, três tipos de sistemas e de estruturas dinâmicas” (LUPASCO, 1986, p. 9).

⁵⁶ “Qualquer experiência física é prova disso, pois para que uma reação física ou química se possa efetuar, é necessário que uma certa energia passe de um estado de potencialidade a um certo estado de atualização[...]Esses processos de potencialização e atualização antagônicos e recíprocos encontram-se em todas as experiências, sejam elas quais forem” (LUPASCO, 1986, p. 10-11).

consequentemente à formulação de uma teoria da afetividade que contempla o ser humano numa perspectiva tríplice: um sujeito que conhece, age e sente, mas que é também o centro de todos esses dinamismos antagônicos. Disso sucede o limiar de uma teoria ética erguida com base numa lógica do antagonismo também por ele desenvolvida

Portanto, no prefácio de seu último trabalho “O Homem e as suas Três Éticas”, de 1986, Lupasco define ética como “o comportamento ao mesmo tempo físico, biológico e psíquico do homem em conflito com os fenômenos internos e externos, do sujeito e do objeto, do inconsciente e da consciência” (LUPASCO, 1986, p. 7). Isso provoca, numa primeira leitura que, Lupasco entende ética como um “comportamento” conflitante das esferas física, biológica e psíquica do ser humano, as quais também se conflitam entre si a todo instante e com aquilo que chamou de “fenômenos internos e externos” (que podem ser entendidos como todos os eventos subjetivos e objetivos), os fenômenos oriundos da relação entre o sujeito e o objeto, internamente ao sujeito naquilo que se compreende, por exemplo, como o ser psicológico dado como consciente e inconsciente, em que esses pares se encontram em estado contínuo de conflito, de antagonismo.

Por conseguinte, o filósofo romeno dividiu sua ética em três tipos ou modos de comportamento que interagem continuamente e explica que o motivo de haver três éticas se dá pelo fato de que “não há uma só moral, um único tipo de atividade normativa do Bem e do Mal, do bom e do mau, do normal e do patogênico, mas exatamente três” (LUPASCO, 1986, p. 7). Além disso, Lupasco estabeleceu ainda que “o homem é justamente o centro dessas três orientações éticas que nele se combatem, e que ele ignora a maioria das vezes” (LUPASCO, 1986, p. 7). Com efeito, tanto o mundo em geral que conhecemos (como o universo ou natureza física), o mundo biológico (dos seres vivos) e o ser humano enquanto um ser racional (psíquico) são regidos por comportamentos conflitantes em sua essência e por orientações éticas comuns definidas por esses comportamentos antagônicos primordiais, os quais têm no psiquismo do sujeito o seu centro atualizador⁵⁷ e veremos que é esse centro o responsável por equilibrar e definir esses três aspectos conflitantes.

Portanto, “ética” em Lupasco é esse comportamento antagônico primordial existente em todas as coisas, dado em forma de três orientações (ou modos segundo nossa leitura) e que tem como seu centro operador o sujeito, o psiquismo humano. Isso é o que se conhece por “ortoética” em Lupasco. Desse modo, encontramos as características essenciais de tal

⁵⁷ Aquele que define, que estabelece, que identifica, que toma a decisão. Esse centro atualizador é dado numa instância psíquica que não representa nem matéria e nem energia, o que Lupasco denominou de energia psíquica no estado T, que abordaremos com mais detalhes nos últimos tópicos deste estudo.

antagonismo, como a formação de uma linha filosófica específica de investigação a partir das considerações do filósofo romeno, que justifica, unifica e consolida uma filosofia do antagonismo. Para entendermos melhor a ortoética lupasciana, é necessário abordarmos um breve resumo da construção sistemática que o filósofo realizou utilizando diversos termos de outras áreas do conhecimento (oriundos da física, química e biologia⁵⁸) pouco conhecidos da literatura filosófica e que tentaremos expor com o máximo de clareza possível, dentro das condições de limitação, características de pesquisas pioneiras.

Nosso filósofo viveu no epicentro das descobertas científicas do último século, como aquelas abordadas no segundo capítulo do presente texto, e definiu a física em termos de “uma ciência dos fatos naturais, mais ainda, uma ciência de toda realidade objetiva” (LUPASCO, 1986, p. 48). Ainda afirmou, com relação ao pensamento formal da física clássica, entendendo como uma ética ou comportamento do falso e do verdadeiro, do bem e do mal, que:

É inútil procurar outras lógicas e outras metodologias quando somos confrontados com acontecimentos ou situações que se recusam a obedecer-lhe. É isso a ética científica do verdadeiro e do falso, a ética do bom e do mal, estendida a todos os domínios sob numerosas formas, até as religiões do bem e do mal (LUPASCO, 1986, p. 48).

O filósofo romeno, desde sua tese de doutorado até suas últimas obras, trabalhou com a perspectiva de existirem três orientações de ética (ou comportamentos) que estão antagonicamente relacionadas entre si, denominadas de: 1. “Ética Macrofísica” (Ética da Energia

⁵⁸Ao fazer uma apresentação de Lupasco, Lima afirmou em seu artigo que: “Lupasco é sobretudo um homem de ciência. Pensa cientificamente, mas não teme tirar conclusões filosóficas a partir das novas descobertas oriundas, principalmente, da física e da biologia. Ele não trabalha com dados de qualquer pseudociência que seja; e sua epistemologia não nasce da especulação filosófica, mas, sim, da necessidade experimental. Sua função filosófica ao ordenar tais dados é a de conferir significado de extensão universal. Lupasco não fundamenta seu trabalho na abstração; ao contrário, fundamenta-o na concretude dos conhecimentos atuais sobre a energia. Não se deve ter dúvidas em afirmar que Lupasco foi dos primeiros pensadores a levar em consideração filosófica radical as novas certezas introduzidas pela física quântica. Suas conclusões incomodam e não foram prontamente acolhidas no âmbito do saber oficial, mas hoje seus leitores começam a formar uma escola que dá frutos em diferentes campos da pesquisa científica. Lupasco infunde uma nova visão do existente bastante difícil de ser negada, uma vez aceitos e compreendidos seus pilares fundamentais. Diante da vastidão de sua obra as presentes notas apenas pretendem divulgar a originalidade dum pensador ainda insuficientemente conhecido no Brasil, embora haja muitos seguidores seus mundo afora, principalmente na França. Uma busca na Internet comprovará sua importância, sobretudo para a discussão da interdisciplinaridade” (LIMA, 1999, p. 2 e 3).

Homogeneizante) e “Biológica” (da Energia Heterogeneizante); 2. “Ética Nuclear” (ou Física do Átomo), e 3. “Ética Neuropsíquica” (ou Ética da Energia Antagonista do Estado T). Portanto, na visão de Lupasco, a ética científica ainda é dominada pelo campo da contradição e do terceiro termo incluído, mesmo não sendo, em nenhum momento, por ele descartada, a lógica clássica, no âmbito da identidade macrofísica, diante do homogêneo, ainda rege a ciência quanto ao que é verdadeiro ou falso, e da ética em geral, com relação ao que é o bem e o mal. Além disso, para Lupasco, a própria moral científica “exige” que o “homem de ciência que se dedica ao conhecimento e manipulação técnica dos acontecimentos macrofísicos”, o qual “surge como que despido de afetividade”, “seja frio, sem paixão” (LUPASCO, 1986, p. 48), ou seja, a técnica exige esse tipo de comportamento, essa ética do sim ou não, do falso ou verdadeiro, do bom ou mal.

O filósofo entendia que, por mais longe que se chegue à física quântica em seus estudos acerca da ambiguidade, tais “experiências” são, necessariamente, descritas de modo inteligível dentro da própria física clássica. Nicolescu chama de “mistura híbrida: física quântica/linguagem natural/física clássica, que engendra, pela coexistência dos opostos paradoxos intermináveis” (NICOLESCU, p. 28). Com isso, é comum afirmar que a ilogicidade se faz compreendida no âmbito da logicidade dos discursos clássicos, ou seja, é preciso que mantenhamos o padrão de organização linguística que conhecemos para podermos formatar e formalizar as discussões de uma filosofia do antagonismo. Dentre as argumentações que sustentam a presente tese, as mais fortes são, sem dúvida, a contradição e a possibilidade do terceiro incluído, as quais também estão diante de nós com toda intensidade e clareza possíveis, bem como com toda obscuridade que o tema sugere à linguagem formal, nas atuais inquietações da física.

Em geral, as mais avançadas proposições da física de hoje podem ser resumidas na noção de que toda a matéria do universo é formada por átomos e também por partículas subatômicas, as quais são regidas pela probabilidade, e não pela certeza absoluta. A incerteza, na física, incomoda o mundo científico, principalmente pela falta de precisão equacional, matemática, apesar das diversas fórmulas probabilísticas que pretendem garantir aparente certeza parcial de que determinado percentual deva sempre ocorrer no fenômeno observado, são os chamados cálculos de aproximação quântica.

Com isso, entendemos haver certo paralelo com aquilo que é dito inúmeras vezes como possibilidade na filosofia, que ocorre nos discursos atuais da física e da matemática na perspectiva do conceito de probabilidade. Contudo, o produto final consistirá inevitavelmente numa proposição, isto é será sempre uma linguagem. Quando se diz que “as leis físicas

são probabilidades, e não certezas”, nos parece que tal proposição se constitui numa certeza temporal, ainda que pautada na intenção de que, no futuro, os cientistas possam chegar a uma “certeza absoluta”, calculável, ou seja, como uma não-possibilidade, a negação do talvez. A loucura desesperada por uma fórmula quântica precisa é o maior desafio dos físicos na atualidade. Entretanto, a experiência tem desafiado a lógica, e alguns insistem em se manter cegamente fiéis. Agora, pretendemos expor com mais clareza algumas das principais ideias de Lupasco e sua ortoética antagonista, a partir do que se segue.

3.1. O conceito de energia em Lupasco, a tridialética da realidade e a percepção

A filosofia do antagonismo em Lupasco pode ser entendida essencialmente como uma filosofia da energia e da afetividade, a qual, segundo Lerbet, traz “um novo enfoque do sujeito vivo que conhece, age e, conjuntamente, sente” (LERBET in BADESCU; NICOLESCU, 2001, p. 97). Assim, como Lupasco afirma, “A contradição existe no interior do menor grão de energia pela coexistência fundamental de um valor aritmético descontínuo e de um valor ondulatório contínuo” (LUPASCO, apud RANDOM, 2001, p. 265), podemos falar também em termos de uma neometafísica⁵⁹. Com relação à energia especificamente, Random aponta que:

A energia manifesta-se sob forma de acontecimentos constantes: a interação das partículas. A maior parte dessas partículas obedece ao princípio de exclusão de Pauli. [...] Mas os fótons, que não têm nem carga, nem massa, são independentes, da mesma forma que os neutrinos. Eles obedecem a uma outra ordem. Qual? Uma ordem global, onde a causalidade, se existir, escapa à nossa percepção. [...] No âmago dessas energias, há simetria entre o macrocosmo e o infinitamente pequeno? Não, responde Lupasco. Há dissimetria: o infinitamente pequeno e o infinitamente grande são, de algum modo, homogêneos um com o outro, mas suas ações são diferentes. (RANDOM, 2001, p. 264).

⁵⁹ Como uma nova metafísica, se entendemos o termo metafísica como segue: “METAFÍSICA (gr. $\chi\alpha\lambda\iota\tau\epsilon\alpha$ $\chi\alpha\lambda\iota\tau\epsilon\alpha$ $\chi\alpha\lambda\iota\tau\epsilon\alpha$; lat. *Metaphysica*; in. *Methaphysik*, fr. *Métaphysique*, ai. *Metaphysik* it. *Metafisica*). Ciência primeira, por ter como objeto o objeto de todas as outras ciências, e como princípio um princípio que condiciona a validade de todos os outros. Por essa pretensão de prioridade (que a define), a M. pressupõe uma situação cultural determinada, em que o saber já se organizou e dividiu em diversas ciências, relativamente independentes e capazes de exigir a determinação de suas inter-relações e sua integração com METAFÍSICA 661 METAFÍSICA base num fundamento comum” (ABBAGNANO, 2007, p. 660).

Dessa forma, a estrutura ternária do pensamento de Lupasco, segundo sua ortodedução quântica da realidade, implica em três noções trinitárias básicas, denominadas de estrutura “triadialética” ou “dinamismo triadialético”⁶⁰, são elas: potencialização/atualização/equilíbrio; matéria-energia física/matéria-energia biológica/matéria-energia psíquica, e heterogeneização/homogeneização/estado T quântico. Com as descobertas da física quântica, a noção de “matéria sólida” dá lugar às surpreendentes relações energéticas como o fundamento de tudo que conhecemos como existente, ou seja, a materialidade do mundo é composta por eventos entendidos pela própria física como não materiais. A partir desse novo entendimento dos objetos físicos, Lupasco passou a definir que o universo é fundamentalmente constituído de energia e afetividade⁶¹. Disso resulta um conhecimento racional lógico, o que Nicolescu chama de “Sistemogênese⁶² de Lupasco” (NICOLESCU, 2012, p. 35), que resulta tão somente

⁶⁰ Ou “tridialética lupasciana”. Conceito utilizado por Basarab Nicolescu em seus comentários sobre Lupasco. Ver, por exemplo, que “o mundo quântico e o mundo psíquico são manifestações diferentes de um único e mesmo dinamismo triadialético” (BADESCU; NICOLESCU, 2001, p.115, 117).

⁶¹ Ver Lupasco, 1986, p. 7, último parágrafo. Para Lupasco, a afetividade é o elemento que escapa a essas relações energéticas, uma vez que estas últimas estão correlacionadas entre os três tipos de matéria-energia, seja da “física, biologia, nuclear e neuropsíquica” (LUPASCO, 1986, p. 35), os estados da afetividade (como o prazer e a dor) “não se relacionam com mais nada, senão com eles próprios: não são relacionais, eles são, bastam-se a si mesmos, a tal ponto que nem sequer se definem em relação a si mesmos” (LUPASCO, 1986, p. 36) e define que “o estado afetivo é ontológico no sentido exato do termo, fora de qualquer significado explicativo do termo” (LUPASCO, 1986, p. 36).

⁶² A sistemogênese energética: nas palavras de Nicolescu, as quais nos remete firmemente a Anaximandro para explicar a sistemogênese, “o antagonismo energético implica um encadeamento ilimitado de contraditórios” (NICOLESCU, 2012, p. 36), em que, segundo Lupasco: “Dois dinamismos antagonísticos engendram um sistema, esse sistema (...) implicará um sistema antagonístico da mesma ordem; esses dois sistemas implicarão um sistema de sistemas antagonísticos, e assim por diante, de acordo com o que denominamos a *sistemogênese* (...)” (LUPASCO apud NICOLESCU, 2012, p. 36). Desse modo, a *sistemogênese* implica nesses conjuntos infintos de sistemas energéticos em processos ininterruptos. Também foi atribuído a esses sistemas em antagonismo o termo *sistemologia* e é unicamente sobre eles que podemos erguer aquilo que conhecemos por *matéria*. Nas palavras de Nicolescu “os dinamismos antagonísticos, em seus variados equilíbrios, engendram os sistemas. Esses sistemas, por sua vez, representam a estruturação da energia; a percepção por meio dos órgãos dos sentidos sendo apenas uma aparência, uma ilusão” (NICOLESCU, 2012, p. 35). Assim, o que podemos afirmar é que, em Lupasco, a *matéria* sólida e substancial, a qual já vinha sofrendo reformulações com as descobertas da física quântica, sofrendo o seu maior abalo em toda a história do pensamento humano, em virtude da errônea concepção de concretude atribuída a tal termo, este que perde sua solidez e sua estabilidade diante das descobertas da física quântica e se aproxima cada vez mais com o que se entende por *energia*, quase que se fundindo a este, principalmente quando Lupasco prefere a coadunação de ambos estes conceitos na nomenclatura ao considerar em seus escritos a “matéria-energia”, e quando lembra também da dificuldade de “viver a convicção teórica de que todos os objetos que nos cercam (...) não têm nada de ‘material’, no sentido muitas vezes milenar e instintivo da noção de matéria, e que eles são (...) unicamente manifestações e sistematizações mais ou menos resistentes da energia (...)” (LUPASCO apud NICOLESCU 2012, p. 35). Ainda segundo Lupasco, “é a resistência relativa dos sistemas de eventos, que são eles próprios apenas relações energéticas (...), que confere à nossa representação sensível essa impressão de realidade física consistente e opaca que nós chamamos de matéria” (LUPASCO apud NICOLESCU 2012, p. 36). Logo, são as relações de antagonismos dos sistemas energéticos que nos fornecem a aparência daquilo que chamamos de realidade física ou matéria, isto é, não há, até o momento, uma partícula primeira que seja de fato sólida, mas sim apenas relações energéticas. Assim, a energia é a matéria propriamente dada na sistemogênese (sistemas de sistemas energéticos em constantes relações ou dinamismos antagonísticos), ao passo que a nossa sensação ou percepção do mundo implica em atualizações contínuas que promovem estados equilibrados no terceiro termo incluído, a partir das relações conflitantes dos sistemas energéticos, dos quais nada sabemos, nada sentimos, mas tão somente tentamos descrevê-las em nossas construções

nas manifestações sistemáticas da energia, onde a matéria significa a manifestação de relações dessa energia. Entretanto, se a *energia é ética* e a afetividade, para Lupasco, foge a essas relações energéticas, logo a ética, possivelmente, em nada tenha a ver com essa afetividade. Por outro lado, se a afetividade aparece e desaparece por força das relações energéticas de antagonismo no estado T – o que, para nós, implica na ética em si –, a afetividade só pode surgir mediante a ética, ou seja, a ética é a condição necessária para a afetividade e mesmo que o surgimento da afetividade nos pareça independente, é pelo estado ético condicionado.

Lupasco entendia, em seu paradigma clássico, que os objetos se constituem de meras manifestações sistemáticas da energia, a saber, certo “nada quântico”⁶³, mas que esse “nada” se constitui também o “tudo” que percebemos do mundo ao mesmo tempo. Pois o mundo aparente, ou fenomênico apresentado nas teorias idealistas, ganha substancialmente maior grau de validade com as conclusões quânticas apresentadas na leitura filosófica de Lupasco. Com efeito, a realidade acarreta modos de ser da energia em sentido quântico, enquanto que o que é percebido nos sentidos se configura como aparência, ilusão, virtualidade. Desse modo, o que podemos concluir ao darmos um passo mais adiante de Kant, coadunando com o discurso físico, é que a “coisa-em-si”, até onde podemos detectar, se constitui em “relações de energia”, ou seja, continua sendo um *numenon* desconhecido e que preenche a falta. Essas relações são como “vazios” que preenchem todo o mundo.

Para nós, isso é a ética em si por excelência. Ora, se apenas o que existe de fato são esses comportamentos energéticos como movimento primeiro de todas as realidades que

teóricas, ou seja, não conseguimos traduzir em palavras definitivas a realidade, uma realidade que se tem conhecido como inacessível, na verdade, irreal. Isso diverge, portanto, de toda tradição milenar, seja do materialismo filosófico ou científico, que se teve ao longo da história, a qual advogava sobre a solidez da *matéria* ou da *substância* em si. Diante disso, nos chamou atenção a afirmação de Nicolescu de que “nós somos feitos de um vazio pleno, de um vazio quântico, energético” ao passo que “o vazio, no sentido de ‘nada’, é incompatível com a lógica do antagonismo energético” (LUPASCO APUD NICOLESCU 2012, p. 36). Tal proposição demonstra toda a ideia de Lupasco em sua mais profunda forma, a saber, uma tautologia onde o tudo é o nada, e o nada é o tudo, ou seja, uma energia incognoscível promove os seres e todos os entes do universo como os percebemos, cuja essência se estabelece em sentimento vazio, e é meramente uma ética, comportamento em luta, conflito constante nas áreas subatômicas, as quais não percebemos no nosso cotidiano macrofísico. Para além disso, veremos que cada sistema possui uma ética comum, esse comportamento antagonístico que alcança também as relações humanas, e entender esses processos antagonísticos no campo subatômico e macrofísico, biológico e psíquico é fundamental para a construção de uma nova ética, uma ortoética do equilíbrio do estado T, do estado intermediário de todo antagonismo. A tarefa de Lupasco foi, portanto, a de apresentar que, em cada sistema energético, ocorrem antagonismos em todos os seus estágios, quer sejam micro, macrofísico, biológico ou quântico, bem como antagonismos entre eles. Assim como Kant, Hegel, Nietzsche, Freud, observemos a seguir a estrutura ternária que Lupasco desenvolveu como mais uma forma de cancelar esse modelo dialético do pensamento.

⁶³ Que tudo o que percebemos do mundo não possui um conteúdo final, como uma partícula substancial primeira, por exemplo, mas que, por outro lado, existe certo conteúdo para as nossas percepções que fornecem substrato para o nosso conhecimento de tudo que dizemos existir. Tal conteúdo é, para Lupasco, a dinâmica sempre antagonística da energia e “mistério” da afetividade, a qual não se relaciona com os demais estados da realidade.

conhecemos, logo é somente a ética que existe como esses comportamentos antagônicos contínuos tanto em estado de uma causalidade geral como estático no que se refere à causalidade linear defendida por Lupasco, tais comportamentos são geradores de tudo que conhecemos. É partir disso que dividimos o pensamento do filósofo romeno originalmente em cima de dois conceitos primordiais em sua filosofia: ética e afetividade. Assim, temos a ética como causa e finalidade de todo conhecimento, inclusive da “misteriosa” afetividade levantada por Lupasco. Isso se constitui naquilo que consideramos ser uma de nossas contribuições para os novos estudos em Lupasco, ou seja, tudo é ética, inclusive a afetividade mesmo que esta última pareça possuir como característica principal a negação da ética, produzindo assim certa noção de independência que Lupasco tanto enfatizou. Nesse sentido, podemos entender a afetividade como uma propriedade característica da ética, porém, diferente de Lupasco, não distinta dela.

A certeza que se estabelece é a de que a matéria não se constitui de uma substância “concreta” fisicamente, estabelecida em seus limites últimos, mas de um “algo” que se firma como autorrelação, ou seja, como uma autoética ou ética autônoma, segundo a nossa abordagem. Com isso, diga-se de passagem, começamos a perceber alinhamentos conceituais significativos entre filosofia e física quântica. Este mundo ilusório não é dual, mas trinitário, ou seja, a “matéria-energia” possui três dimensões interdependentes e conflituosas, onde os sistemas concebíveis são de caráter triplo, respectivamente, em macrofísico, biológico e psíquico (quântico ou microfísico). No pensamento de Lupasco, os sistemas energéticos são isomórficos⁶⁴, segundo os modelos de Pauli e Jung, isto é, não possuem realidade

⁶⁴ “Isomorfismo (do gr. *isos*: igual, *morphé*: forma) Princípio segundo o qual duas entidades possuem a mesma forma, ou uma estrutura comum que lhes garante a correspondência. Ex.: Nas doutrinas clássicas o isomorfismo entre o intelecto e o real justificaria a possibilidade do conhecimento como representação correta do real.” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p. 108). O isomorfismo pode ser entendido, de maneira geral, como a relação de semelhança entre coisas diferentes. No caso aqui estudado, os três tipos de matéria-energia criados por Lupasco são confluentes, ou seja, são uma mesma matéria-energia apesar de manterem cada uma delas a singularidade de suas características individuais. Os três tipos de matéria-energia em Lupasco constituem “três orientações divergentes” (LUPASCO APUD NICOLESCU 2012, p.37), as quais não se relacionam como síntese umas das outras, mas tem por característica primordial “sua luta, seu conflito inibidor” (LUPASCO apud NICOLESCU 2012, p.37). Isso acarreta que Lupasco mantém a identidade das três matérias distintamente, ainda que sua relação seja indissociável. Com efeito, o que ocorre é um isomorfismo, principalmente, entre a matéria-energia subatômico e a matéria-energia psíquica, onde não se pode detectar em absoluto a realidade (atualidade) ou irrealidade (potencialidade) em ambas, isto é, tanto a matéria-energia subatômica como a psíquica são consideradas modos (ou manifestações) do mesmo dinamismo tridilético. Nesse sentido, o isomorfismo de Lupasco está próximo aos de Pauli e Jung. O anseio ininterrupto da ciência por alcançar o indivisível parece culminar, nas palavras de Ludovic Gaigneron, “em um *nada* de objetividade” (L. de GAIGNERON apud Nicolescu 2012, p. 37). O pano de fundo dessa proposição é a questão da essencialidade do sujeito e do objeto, em que Nicolescu, através de L. de Gaigneron, questiona a possibilidade de haver uma síntese entre o “nada” e o “nada” do objeto em escala quântica, ou seja, a possibilidade de haver uma união entre ambos sob a orientação de que é possível pensarmos nessa compatibilidade como o seio nascente da consciência. Logo, Lupasco não anula as individualizações, as identidades, mas mantém os polos envolvidos distintamente intactos, subsistindo

(atualização) ou irreabilidade (potencialização) absolutas. Nesse contexto, na abordagem filosófica lupasciana, o mundo subatômico não significa necessariamente a mesma coisa que o mundo psíquico, embora ambos guardem, no âmbito quântico, estreita relação.

Lupasco avança também no conceito de causalidade ao considerar dois tipos: a causalidade local ou pontual, ocorrendo a atualização em associação direta com uma teleologia antagonista, e a causalidade geral ou global, que gera a oscilação contínua entre a potencialização e a atualização. Com o conceito de “causalidade local”, Lupasco observou certa restrição da realidade, ou seja, se constitui num recorte, num flash da “realidade global”, referente a todos os níveis de realidade possíveis. Assim, de acordo com Lupasco, a ortocausalidade está dividida em dois modos: a) a causalidade local (ou ortocausalidade linear), que acarreta uma atualização pontual das coisas no mundo, ou seja, é a causalidade que nos permite identificar e definir os objetos, e b) a causalidade total (ou ortocausalidade de antagonismo), a qual se refere à contínua oscilação entre P (potencialização) e A (atualização) do dinamismo antagonista.

Logo, um movimento fenomênico ou um fato percebível na experiência se constitui numa atualização pontual revelada a partir do contínuo dinamismo antagonista entre potencialização e atualização, mas caracterizada como atualização, como memorização no tempo. Essa atualização unida ao dinamismo representa para nós aquilo que é, e que ao mesmo tempo está sendo continuamente, em outras palavras, é o não-ser/ser/vir-a-ser ininterrupto que, na percepção, significa sempre um “ser” constante em sua atualização, isto é, certa identificação contínua de um objeto, a sua memorização aparente. Ou seja, potencialização e atualização⁶⁵ são o que nos permite identificar e determinar objetos que estão, ao mesmo tempo, sempre em mudança ou alteração subatômica contínua. A partir disso, se conclui que, nas

antagonicamente no sistema. Diante disso, dessa não-separabilidade universal de tudo, Lupasco afirmou também que: “Não há qualquer elemento, evento, ponto no mundo que seja independente, que não esteja numa relação qualquer de ligação ou de ruptura com um outro elemento, ou evento, ou ponto, a partir do momento em que há mais de um elemento, ou evento, ou ponto no mundo (...). Tudo, então, está ligado no mundo (...) caso o mundo, evidentemente seja lógico (...)” (LUPASCO apud NICOLESCU 2012, p.38). Quanto a isso, Nicolescu comenta que “o antagonismo energético é, portanto, uma visão da unidade do mundo, unidade dinâmica, unidade de encadeamento ilimitado dos contraditórios baseada em uma estrutura ternária universal”. (LUPASCO apud NICOLESCU 2012, p.39). Assim, o universalismo kantiano, em seus conceitos de “unidade sintética” e “conformidade a fins”, parece também se associar ao discurso de Lupasco numa visão antagonista do universo. Portanto, Nicolescu nos lembra que: “Lupasco utilizava o termo tridialética para caracterizar a estrutura de seu pensamento filosófico; termo que exprime a estrutura ternária, tripolar (homogêneo/heterogêneo/estado T) toda manifestação da realidade, a *coexistência* desses três aspectos inseparáveis em todo o dinamismo acessível ao conhecimento lógico racional.” (NICOLESCU, 2012, p. 34). Assim, “a realidade possui então, segundo Lupasco, uma estrutura ternária” (NICOLESCU, 2012, p. 32), que consiste na relação de três modos fundamentais, a saber, o físico, o biológico e o psíquico antagonizando-se mutuamente.

⁶⁵ “A atualização é, portanto, apresentada como causa eficiente e a potencialidade como causa final.” (LUPASCO, 1974, p. 71. Tradução nossa).

palavras de Nicolescu, “a consideração unicamente da atualização conduz, inexoravelmente, a um real truncado. Não há atualização absoluta” (NICOLESCU, 2012, p. 32). Com efeito, somente a atualização não basta, é necessário que haja também um dinamismo rigoroso entre antagônicos, produzindo um equilíbrio no estado T, pois, segundo Lupasco,

Toda energia não somente possui dinamismos antagônicos, como esses dinamismos são e devem ser tais que a atualização de um implique na potencialização do outro, ou ainda, que ambos estejam em duas trajetórias, da passagem do potencial ao atual e do atual ao potencial, ruma à ou simultaneamente em um estado de igual potencialização e de igual atualização, um em relação ao outro. (LUPASCO apud NICOLESCU, 2012, p. 32).

Com isso, teremos sempre objetos e fatos aparentes e transitórios, mas absolutos em sua aparente determinação. Por exemplo, percebemos o objeto computador de forma absoluta, contudo, os compostos físicos e químicos de todos os componentes do computador permanecem mudando constantemente, de maneira que memorizamos, distinguimos, identificamos, definimos objetos em constante mudança. E ainda que se avançamos nessa leitura, isso não significa necessariamente que não sejam absolutos enquanto realidade truncada, enquanto um acontecer determinantemente indeterminado. Assim, diferente de como imaginavam alguns filósofos da Antiguidade Grega, Aristóteles, por exemplo, é a contradição dos opostos no simultâneo que produz o fenômeno, ou seja, é a contradição que acontece simultaneamente no tempo e em eterna sequencialidade que faz surgir os objetos e, inclusive, o próprio tempo, uma vez que, em Lupasco, os contraditórios P e A conduzem a um valor de convergência T, a um valor igual em ambos.

Se a contradição no silogismo aristotélico se referia a acontecimentos contrários no tempo, conforme nossa interpretação do filósofo romeno, as contradições são anteriores ao tempo e geradoras do mesmo. Segundo Nicolescu, “Lupasco centra sua meditação filosófica no conceito de energia” (NICOLESCU, 2012, p. 30). Por isso é que defendemos aqui que essa “energia” é, a partir de Lupasco, a ética em si mesma, pois, “na física clássica, o papel central é desempenhado pela noção de objeto” e a noção de energia como “uma noção derivada, secundária”, enquanto que na “física moderna, relativista e quântica, inverteu essa hierarquia [...] a noção de objeto foi substituída pela de evento, de relação, de interconexão” (NICOLESCU, 2012, p. 30). Logo, o fenômeno idealista como *coisa-em-si-mesma* perde totalmente seu caráter substancial enquanto substrato no tempo, como em parte imaginou

Kant⁶⁶. De modo que aquilo que antes era pensado como algo empírico ou como matéria sensível e sólida em seus fundamentos, perde sua robustez e confiança em alguma possível partícula primordial para se efetivar como relações energéticas conflitantes ou simplesmente “dinamismo energético” (NICOLESCU, 2012, p. 31) no pensamento de Lupasco.

Com efeito, hoje não se considera mais a matéria em si como algo substancial, mas “como energia em Potência de formas” (GIGNERON apud NICOLESCU, 2012, p. 31). Ao passo que Nicolescu afirma: “o verdadeiro movimento é o da energia”⁶⁷ (NICOLESCU, 2012, p. 31) e ainda complementa que “a manifestação de um fenômeno qualquer é equivalente a certa *atualização*, a uma tendência para a identidade, mas essa mesma manifestação implica uma contenção, uma *potencialização* de tudo o que esse fenômeno não é, em outras palavras, da não identidade” (NICOLESCU, 2012, p. 31), ou seja, o objeto (tido aqui também como um “fenômeno qualquer”) que percebemos é tão somente uma “certa atualização”, uma aproximação a uma determinada identidade momentânea que possibilita sua determinação parcial (o objeto como nós podemos conhecê-lo), ao mesmo tempo em que tal objeto imediatamente se potencializa não sendo mais aquela atualização anterior que o definiu, isto é, já não é a mesma identidade anteriormente percebida (causalidade de antagonismo), mas que permanece como memória (na causalidade linear). De maneira que a *coisa-em-si*, à luz dessa filosofia do antagonismo, pode ser revista na perspectiva de uma sistemogênese energética ou simplesmente ortoética.

Assim, é como se retornássemos de certa forma ao que podemos chamar de novo “*apeiron*”, numa alusão ao célebre Anaximandro, introduzido no início desse estudo. Se estivermos abertos a um exercício teórico mais amplo, perceberemos com certa facilidade que em tudo isso se convergem os grandes discursos filosóficos, a saber, numa única filosofia do antagonismo ou de compreensão antagonista de tudo. Com isso, o objeto continua a nos

⁶⁶ “O esquema da substância é a permanência do real no tempo, isto é, a representação desse real como de um substrato da determinação empírica do tempo em geral, substrato que persiste enquanto tudo o mais muda. (Não é o tempo que se escoa, é a existência do mutável que nele se escoa. Ao tempo, pois, que é imutável e permanente, corresponde no fenômeno o imutável na existência, ou seja, a substância, e é simplesmente nela que podem ser determinadas a sucessão e a simultaneidade dos fenômenos em relação ao tempo)” (KANT, 2001, A 144, p. 211). A substância em Kant é tão somente a noção de permanência no tempo. O filósofo, de certa forma, antecipou tudo o que hoje está sendo posto a partir da física quântica, se considerarmos alguns ajustes. A diferença aqui é que, em Lupasco, o tempo é produto do dinamismo energético e não que o tempo permanece enquanto tudo muda (como pensou Kant), ou seja, só há tempo por que tudo muda e em lugar do tempo Lupasco coloca o dinamismo energético como a própria substancialidade que reconhecemos em todas as coisas. Para Kant, existia algo numênico (uma realidade que existe por si mesma para além de nossa capacidade de conhecê-la plenamente) que nos toca e serve de substrato para nossa percepção, mas que não pode ser conhecido por nós para além de nossa representação. Hegel pôs esse “substrato” dentro da consciência absoluta, e Lupasco traduziu à luz da ciência como relações antagonicas ocorridas no seio da energia. Contudo, o ajuste que propomos aqui é que denominamos de ética em si mesma ou ortoética a todos esses dinamismos energéticos.

⁶⁷ Um movimento que se expressa em comportamento antagonico, ou seja, como ética.

apresentar como mera representação, como fenômeno ao modelo idealista, acrescido das concepções de atualização/potencialização. Desse modo, o fenômeno é e também não é na aparência, e aquilo que seria o *numeno* agora se expressa na relação energética em seu dinamismo antagônico, especificamente, no “estado T”⁶⁸, no equilíbrio dos sistemas energéticos contraditórios. Em Lupasco, o *numeno* é, segundo nossa leitura, o ponto de equilíbrio entre os contrários e, por conseguinte, sempre um não-ser/ser/não-ser.

Aqui, portanto, se funde com rigor o transcendentalismo kantiano e a teoria física de maneira satisfatoriamente consistente, não mais apenas na perspectiva kantiana da dúvida quanto à solidez da *coisa-em-si* e do alcance da razão com relação a tal *numenon*, mas de um avanço para uma aparente certeza da própria relação de antagonismo energético existente entre sujeito e objeto. Consequentemente, a concepção lupasciana do conceito de matéria-energia, em especial aquela abordada no seu último trabalho, é distribuída de maneira a abranger os objetos físicos ou fenômenos considerados como objetos *inanimados* (macrofísica), estes correspondem a todos os entes ou objetos em geral tidos como substanciais ou alinhados sob o pressuposto da materialidade, também àqueles objetos *animados*, relacionados ao mundo físico-biológico, ou dos seres vivos em geral, os objetos *atômicos* ou referentes ao mundo microfísico, aos objetos *nucleares*, aqueles correspondentes ao núcleo atômico e, por fim, aos objetos ou eventos *neuropsíquicos*. Para nós, tanto o sujeito como o objeto são éticos enquanto comportamentos antagônicos em si mesmos. Porém, apenas no sujeito pode haver a afetividade. De modo que a afetividade é algo sofrido pela consciência ética, ou seja, a consciência é a ética do sujeito e do mundo, e somente pelo viés do sujeito que a ética conhece a si mesma e com isso passa a sofrer os efeitos da afetividade⁶⁹. A afetividade é o conflito da ética com ela mesma⁷⁰.

Assim, com Lupasco, temos três pares dialéticos que se comportam em antagonismos constantes entre si e é a esse dinamismo ou comportamento dessas matérias-energias que o filósofo atribui o conceito de ética, ou seja, é uma ética de tudo, um comportamento fundamental presente na física, na biologia, no átomo e no neuropsiquismo. Ora, se para Lupasco tudo possui um comportamento, uma ética, sutilmente entendemos que tudo é essencialmente em si mesmo a ética antagônica. Logo, como dissemos anteriormente, tudo é ética, o

⁶⁸ Mais um termo importante na filosofia de Stéphane Lupasco, que será abordado em tópicos finais deste trabalho.

⁶⁹ Logo, só existe a ética (tudo = sujeito+objeto) e a afetividade (o desconhecido que afeta o sujeito e somente com ele se relaciona diretamente) como sua característica distinta ou oculta. Comparamos a afetividade com o “sublime” kantiano apresentado na “Crítica da Faculdade do Juízo”.

⁷⁰ Não aprofundaremos esse conflito entre ética e afetividade para além das definições abordadas no texto.

comportamento antagônico fundamental e não meramente que tudo possui esse comportamento como uma de suas características. O que existe é o comportamento e o antagônico em estabilidade no estado T. De maneira que esses pares de éticas ou comportamentos antagônicos são definidos como a tridialética ou ortodética, e constituem a estrutura filosófica ternária de Lupasco, entendida como ortodedução quântica, por exemplo: o comportamento ou ética macrofísica em antagonismo com o comportamento ou ética biológica; o comportamento ou ética do átomo em antagonismo com o comportamento ou ética do núcleo atômico, e o comportamento ou ética do aparelho neuropsíquico em antagonismo com o comportamento ou ética psíquica. Nas palavras de Templo:

O princípio de antagonismo leva, assim, ao reconhecimento de uma entidade sem matéria nem energia, tão real quanto a realidade, uma matéria-energia que é, ao mesmo tempo, uma consciência da consciência. Lupasco a denomina energia psíquica. Surge, então, entre atualização-potencialização antagônicas uma terceira polaridade, que é a do próprio *contraditório* e pode, por sua vez, desdobrar-se como ortodialética. Sua vinda pode ser classificada como um fenômeno de autoconsciência que não conhece nada além do que esteja em interação, ou seja, ela mesma. [...] Lupasco assinala uma analogia de estrutura entre os *estados coexistentes* da física quântica e a consciência humana. Se não for possível conhecer os *estados coexistentes* de grau de verdade zero, não é impossível que eles não se conheçam, que não sejam consciências de consciências. Esta já era a intuição da noosfera de Teilhard de Chardin e de sua *evolução contínua* do *alfa* ao *ômega*. (TEMPLO, 2001, p. 233-234).

Portanto, esses três comportamentos dialéticos (ou éticas dialéticas) e antagônicos conduzem a uma dedução (ou ortodedução) quântica, a qual Lupasco denominou de “energia psíquica”, o que entendemos aqui como a ética em seu estado mais denso, uma energia presente no exato estado de contradição entre essas éticas, apontada por nosso filósofo como a consciência da consciência, ou o próprio fenômeno da autoconsciência. A partir disso, o filósofo romeno também cria na existência de “estados coexistentes” entre a física quântica e a consciência humana. Dessa forma, para Lupasco, a autoconsciência humana é produto dessa interação quântica conjunta entre essas três éticas que se comportam de maneira antagônica entre si. Por isso que, para nós, significa dizer que a consciência é a ética. Com isso, a construção interativa entre essas éticas gera a autoconsciência no chamado “estado T”, ou

seja, o conhecimento ocorre a partir da interação dos opostos numa tríplice tarefa de estados psíquicos (físico, biológico, atômico, nuclear, neuropsíquico e psíquico) coexistentes.

Agora faremos uma breve consideração acerca do que representa a noção de percepção na estrutura do pensamento de Lupasco, uma vez que o filósofo considera a importância da percepção para uma melhor compreensão das disposições da ortoética.

Ao explicar a matéria neuropsíquica (ou física do psiquismo), Lupasco descreve, com brevidade⁷¹ e segundo o conhecimento neurofisiológico disponível em sua época, os processos de nossa percepção e é a partir desse processo que aparece o que ele chamou de “consciência da consciência e do conhecimento do conhecimento” (LUPASCO, 1986, p. 15), a partir da análise detalhada do funcionamento cerebral, especialmente na relação antagônica fundamental entre os influxos nervosos do aparelho *aferente* e *eferente* respectivamente.

E a percepção não é mais que a intenção e a extensão desse conceito: ela é a contradição entre a heterogeneidade das sensações e a homogeneidade do seu suporte, engendradas simultaneamente no sistema nervoso superior. Esta operação aferente elabora-se naturalmente no córtex e através de todo tronco cerebral, mas sem que o sujeito tenha dela consciência. (LUPASCO, 1986, p. 19).

Para Lupasco, nós somos as sensações, porém, não temos conhecimento dos eventos que geram tais sensações, pois são atualizações automáticas que ocorrem no interior do aparelho neuropsíquico. De fato, percepção é também, no sistema antagônico, contradição que se efetua no conflito entre o *heterogêneo* de nossas sensações aferentes, e a *homogeneidade* se constitui como a nossa resposta (ação) a essas sensações quando identificamos os objetos e a eles atribuímos uma identidade, uma definição que retorna por meio do sistema eferente. Este processo físico não produz, na raiz da consciência, nenhuma ideia sobre processo biológico *aferente* que ocorre entre o sentir e o definir, ou seja, a percepção é vazia de consciência do seu processo. Nesse sentido, há uma lacuna no processo antagônico entre corpo e mente, lacuna já identificada como problema pelos filósofos pós-cartesianos, como no caso dos ocasionalistas, que diziam haver uma intervenção *divina* a qual possibilita a comunicação entre o corpo e a mente.

⁷¹ Os detalhes com relação a esse tema podem ser encontrados na obra “L’energie et la matière psychique” (A Energia e a Matéria Psíquica - Monaco: Éditions du Rocher. Originally published in Paris: Julliard, de 1974., e em “L’univers psychique. Paris: Editions Denoël/Gonthier, de 1979). No livro “O Homem e as suas Três Éticas” – base para o nosso estudo –, Lupasco descreve-o de maneira resumida, mas nem por isso menos profunda.

De certa forma, há também, no pensamento lupasciano, esse resgate das noções dualistas dos ocasionalistas, cujo ícone daquele pensamento representamos na figura de Nicolas Malebranche, que defendia a separação radical entre corpo e espírito, e que embora entendesse haver entre eles certa comunicação, não aceitava nenhuma interação entre eles. O radicalismo de Malebranche não permitia que as ideias do próprio intelecto fossem causadas pelo intelecto. Por outro lado, Lupasco parece estar ciente desse lapso momento de não consciência entre a percepção e a consciência dos processos fundamentais geradores da nossa percepção. Entretanto, temos sim a consciência desse desconhecimento de como fazemos a atualização das sensações na consciência, ou seja, a consciência sabe que não percebe ativamente todos os processos de sua percepção. Ainda que consiga fazer uma leitura na linguagem biológica do sistema aferente após os estudos científicos, não pode de imediato produzir nenhuma ideia sensível do mesmo. Vejamos:

Na verdade, nós não temos consciência das diversas cores, sons, odores, etc. nós somos essas sensações (a menos que nos dediquemos a um estudo de tais acontecimentos mentais, o que é uma outra questão), vivemo-las instintivamente (eu digo: eu vejo, se me é posta a questão, mas não digo: vejo uma heterogeneidade, uma diversidade de cores, de formas, etc.). Não tenho consciência do que se atualiza automaticamente, normalmente, a menos que esteja doente dos olhos, dos ouvidos, caso em que tomo consciência de que as minhas sensações se atualizam mal, que há qualquer coisa que não funciona, e se tomo consciência disso é justamente porque a atualização se faz a custo. (LUPASCO, 1986, p. 19).

No entanto, Lupasco continua afirmando que a falta, aquilo que causa anormalidade no sistema em termos de necessidade causal, é naturalmente consciente, pois temos essa consciência da causa de nossas sensações, de suas mais variadas fontes heterogêneas, daquilo que nos toca. Essa consciência, para o filósofo romeno, é o que considerou como o “próprio objeto enquanto potencial”, ou seja, os objetos existem potencialmente numa realidade virtual, como uma simulação. Por isso, o filósofo afirmou que:

Em contrapartida, tenho consciência do objeto, do suporte, da fome, da causa de todas essas sensações diversas heterogêneas; eles ocupam a minha consciência, povoam-na e são essa própria consciência: a consciência do objeto é o próprio objeto enquanto potencial, se não que poderia ele ser de diferente? Eu não sou a cadeira, o cão, a árvore, o livro, eu sou a noção desses objetos, quer dizer, esses objetos possíveis, esses objetos na sua

possibilidade de existência. É claro que eles existem realmente, mas na sua virtualidade, na sua potencialidade. (LUPASCO, 1986, p. 19).

Segundo Lupasco, somos uma “noção” dessa objetividade do mundo enquanto ainda “possibilidades de existência”, somos o sujeito que potencializa o mundo como existência possível. Não apenas isso, mas também a consciência da falta que parte da própria consciência “afetiva” ou da relação com os objetos. Esses “afetamentos” são, pois, a consciência mesma como potência das causalidades heterogêneas, isto é, a consciência das sensações é a todo instante essa potencialização de objetos que ela não conhece para além desse processo de potencialização, onde os objetos são sempre como uma espécie de causas simuladas. Nesses processos, é importante entendermos que o “sujeito é o centro das atualizações tal como tudo que se atualiza é o centro do sujeito, é a obra do sujeito (LUPASCO, 1986, p. 20), logo:

No sistema aferente, o sujeito, graças aos seus neurônios com terminação sensorial, atualiza a heterogeneidade das sensações veiculada no cérebro. É ele que as engendra, é ele o seu autor. Ora se o sujeito é o atualizador, podemos inverter a proposição e dizer que o atualizador é o sujeito, a operação subjetiva, subjetivante. Sem atualização não há sujeito operador, sem sujeito operador não há atualização. (LUPASCO, 1986, p.20).

Com isso, o sujeito não é bem um “produto do meio”, mas o agente atualizador do meio, do mundo, de tudo o que entende como existência, ao passo que esse “tudo” (objetos, coisas, fatos, mundo) é também o centro do sujeito atualizador, ou seja, assim como não há objeto sem sujeito, também não existe sujeito sem objeto. Isso é o que Lupasco entendia como atualização neuropsíquica, na qual toda operação nervosa enquanto atualização é subjetivação. Desse modo, se conclui que toda atualização é inconsciente (os processos de nossas sensações) ao mesmo tempo em que traz consigo também a consciência de alguma coisa, “a criação mental de um objeto exterior, objeto das sensações no estado de potencialidade” (LUPASCO, 1986, p.20), isto é, o sujeito é a atualização inconsciente da heterogeneidade e o objeto por ele criado é uma potencialização consciente de uma homogeneidade, da identidade desse objeto. Por conseguinte, Lupasco afirmou que “todo homem deve hoje estar informado sobre estes dois reinos inversamente constituídos e antagônicos um em relação ao outro, mas que existem igualmente por via do seu antagonismo intrínseco sistematizante.” (LUPASCO, 1986, p. 55-56). Com isso, entendemos que tudo que até aqui estudamos se encaminhou para o estudo de

três comportamentos, três condutas ou três éticas que se relacionam entre si de maneira contraditória e antagonica. Para o filósofo romeno, essas éticas correspondem ao comportamento fundamental do mundo macrofísico e biológico, atômico e nuclear, neuropsíquico e psíquico respectivamente.

Ao passo que, segundo nossa interpretação, essa dinâmica ética dada em antagonismos é o que podemos considerar como o “real”, ou seja, aquilo que é a existência de fato. Ora, não são as três éticas apenas uma característica ou comportamento daquilo que é virtual, mas a própria virtualidade e essência de tudo. Para Lupasco, a ética é o comportamento do universo dando a entender que há certa matéria-energia, cuja característica fundamental é o antagonismo. Porém, a nossa interpretação a partir do filósofo romeno é que a matéria-energia se constitui na ética em si mesma. Disso sucede que entender essas éticas ou comportamentos é o que garante aqui que o antagonismo seja tido como o principal estado comportamental das coisas (de tudo) e que seu estudo é o que nos levará a dar um passo adiante para entender as nossas atitudes, ações, comportamentos e relações enquanto sujeitos atualizados (a humanidade) de tudo que conhecemos. Logo, as três éticas que abordaremos agora constituem o limiar de todas as relações humanas, do bem e do mal, do certo e do errado, de todos os valores que possam ser construídos a partir dessa compreensão antagonista dessas três realidades éticas. Assim sendo, sentimo-nos convidados por Lupasco a estudar nas próximas linhas distintamente essas três éticas enérgicas contraditórias, a “ética macrofísica” homogeneizante e a “ética biológica” heterogeneizante, a ética atômica e nuclear, as quais se regulam por antagonismo através de uma terceira ética igualmente antagonica, a saber, a “ética neuropsíquica” ou psiquismo do estado de equilíbrio “T”.

3.2. As duas éticas antagonicamente dispostas: dos dinamismos⁷² das **Ética Macrofísica Homogeneizante (do físico)** e a **Ética Biológica Heterogeneizante (do biólogo)**

Lupasco continuou seu desbravar antagônico no seio das mais avançadas descobertas físicas de seu tempo, agora com relação às atividades verificadas nos mundos atômico e subatômico, pautadas nos postulados de Pauli e Bohr. O filósofo definiu melhor essas concepções por se situar no centro das descobertas fundamentais da mecânica quântica. Por conseguinte, ele estabeleceu dois parâmetros antagonicamente dispostos na forma de duas éticas: a primeira ética posta no campo macrofísico (do mundo considerado “inanimado”) e a ética do campo biológico (tudo que é “animado” ou que tem vida)⁷³, ou seja, se trata aqui de duas dimensões ou realidades que compõem todo nosso conhecimento “concreto”, de tudo que chega a nossa consciência e que por elas são também compostos enquanto seres “animados” que vivem num mundo “inanimado”. Essas dimensões diferentes e divergentes se dispõem em conflito contínuo por dois tipos de comportamento ou condutas específicas e contraditórias (e/ou antagônicas), um comportamento homogeneizante e outro heterogeneizante, presentes desde a periferia atômica e da menor parte observável de seu núcleo.

Disso sucede a incidência de um sobre o outro através do dinamismo entre essas características respectivas de homogeneidade⁷⁴, do lado macrofísico, e de heterogeneidade⁷⁵, no tocante ao aspecto biológico, em que a “atualização majoritária do homogêneo sobre a potencialização minoritária do heterogêneo engendra o sistema físico, enquanto a atualização majoritária do heterogêneo sobre a potencialização minoritária do homogêneo faz nascer o sistema biológico” (LUPASCO, 1986, p. 12). Isso acarreta, apesar de tanto o mundo⁷⁶ macrofísico como o biológico possuírem as duas características (homogênea e heterogênea), no mundo macrofísico, uma incidência maior (“atualização majoritária”) da homogeneidade

⁷² No sentido de “comportamento” ou “conduta”.

⁷³ Com a física quântica, esses termos são mais próximos do que separados, uma vez que tudo se move no universo a partir do mundo subatômico, ou seja, podemos pensá-los como o conjunto de corpos ou entes de mesma constituição seja “físico” do lado da energia macrofísica e de constituição “biológica”, do lado da energia biológica.

⁷⁴ De maneira simples, implica em: isonomia, igualdade, similitude, simplicidade, uniformidade, conformidade, regularidade, semelhança. Disponível em: <https://www.sinonimos.com.br/homogeneidade/>. Acesso em: 19/08/2020.

⁷⁵ De maneira simples implica em, dessemelhança, diferença, diversidade, dissemelhança, inomogeneidade. Disponível em: <https://www.sinonimos.com.br/homogeneidade/>. Acesso em: 19/08/2020.

⁷⁶ Em Lupasco, esse termo é melhor compreendido como nível de realidade ou dimensões da realidade, onde temos o nível de realidade ou dimensão macrofísica, o nível de realidade ou dimensão biológica e o nível de realidade ou dimensão psíquica.

das coisas sobre sua heterogeneidade (“potencialização minoritária”), ou seja, é a homogeneidade predominante que favorece a nossa identificação, como uma pedra, uma árvore, etc., ao passo que a variedade dos processos predominantemente heterogêneos, que se potencializam de modo minoritário⁷⁷ a todo instante, no seio das coisas, não são facilmente percebíveis. Contudo, Lupasco se refere exatamente a atualização homogeneizante que o sujeito faz de toda heterogeneidade existente desses objetos exteriores quando afirma que “esta ética se impõe em dois planos: o do mundo exterior e o da nossa ação sobre ele” (LUPASCO, 1986, p. 45), os quais subsistem e permanecem no mundo, disponíveis à nossa percepção. Aqui o sujeito olha para a diversidade da natureza e consegue particularizar, identificar, nomear, definir, determinar.

Por outro lado, no início da formação do sistema biológico, ao observar, por exemplo, o protoplasma, o desenvolvimento do embrião ou a arborescência do reino vegetal, o biólogo enquanto sujeito de uma homogeneização aferente macrofísica, no caso anterior, agora se viu orientando o seu sistema eferente de maneira heterogeneizante, ou seja, se tornou um “objeto consciencial de heterogeneidade, de diversidade e de diferenciação” (LUPASCO, 1986, p. 52). Isso significa dizer que Lupasco está descrevendo de forma filosófica e científica uma nova teoria do conhecimento. Em ambos os sistemas, o sujeito é o centro consciencial que, no primeiro caso (macrofísico), identifica os objetos exteriores (que é uma heterogeneidade) em seu sistema aferente (que transmite os estímulos nervosos da periferia aos centros nervosos) e homogeneizando a diversidade através de seu sistema eferente (que devolve os estímulos nervosos do centro à periferia - ação), conhecendo o mundo e concebendo a este uma permanência, uma história. No segundo caso, o sujeito consciencial, representado pelo biólogo, passou a identificar, diante de uma nova realidade objetiva, um processo inverso. Agora ocorreu a potencialização na consciência do cientista, que estava diante dessa nova realidade, da experiência de processos de heterogeneidade, ao se deparar com a multiplicidade do desenvolvimento celular.

O que acontece é que seu sistema aferente passou a se comportar como o eferente ao mesmo tempo e vice-versa para tentar descrever esse novo fenômeno. A consciência, que conhecia apenas uma maneira para identificar o mundo (aferente para eferente = homogeneização), se viu diante do processo de heterogeneização (eferente como aferente, por exemplo, a multiplicidade de células que geram em particular um único órgão). Isso ocasionou um efeito antagônico na consciência do cientista diante de sua descoberta. Portanto, surgiu uma

⁷⁷ Em termos quânticos.

dificuldade para o cientista biólogo: por dispor apenas da lógica matemática da física, ele não conseguiu explicar o fenômeno da vida, isto é, qual a causa, a lei ou regra para o aparecimento da heterogeneização celular. Então, a partir da teoria quântica de exclusão de Pauli, Lupasco definiu que:

Encontramo-nos perante uma homogeneidade que se opõe a uma heterogeneidade que poderia ser ilimitada. Surge, então, um antagonismo, uma luta entre uma certa homogênesse e uma heterogênesse estruturais e fundamentais, em que a primeira domina a segunda, embora ambas estejam presentes na elaboração e manutenção de um sistema biológico. (LUPASCO, 1986, p. 53).

Quanto a isso, é importante dizer que esse dinamismo ocorre por conta das ações de relação sofridas entre os sistemas. Isso ocorre pelo fato da energia, em sua natureza, possuir a característica intrínseca de produzir sistemas e relações de sistemas, quer dizer, é ela própria essas relações. Lupasco parece insistir no conceito de energia para não se afastar por completo da linguagem científica, o que é bastante pertinente. Porém, ao verificarmos seus estudos, é praticamente impossível não afirmarmos que essa energia é a ética em si mesma, ou seja, a ética, no contexto lupasciano, não se constitui apenas numa propriedade ou característica da energia, mas é ela mesma toda a energia, sua causa essencial e finalidade. Pois, para nós, a passagem de estados da energia só pode ocorrer por esse movimento comportamental, isto é, por ética em antagonismo, assim como o filósofo romeno expôs em seu último trabalho especificamente. De modo que comportamento, energia, movimento, matéria, consciência, etc., são na verdade a ética em si acontecendo. Nas palavras do filósofo romeno:

O que parece fundamental, antes de mais, é que a energia possui as propriedades constitutivas não só da heterogeneidade e da homogeneidade, mas também as da potencialização e da atualização. Qualquer experiência física é prova disso, pois para que uma reação física ou química se possa efetuar, é necessário que uma certa energia passe de um certo estado de potencialidade a um certo estado de atualização. (LUPASCO, 1986, p. 10).

Com isso, no seio da própria noção que temos de energia, o antagonismo se faz evidente em sua própria constituição intrínseca de relações contrárias ou contraditórias, a saber,

tanto as da heterogeneidade e homogeneidade quanto as da potencialização e atualização. É também certo que, no âmbito do campo biológico, a percepção e sua consciência, diante do conceito de espontaneidade do movimento espacial, são maiores, bem como o de articulação, que podemos perceber nas coisas tidas “fixas” no mundo. Entretanto, em todos os casos, o estático absoluto é impossível. Lupasco, então, partiu em defesa do antagonismo macrofísico, dos postulados da segunda lei da termodinâmica (os da entropia progressiva), mais especificamente do conceito de entropia em conformidade com a estatística de Boltzman.

A observação-chave que permeia essa lei, para o filósofo, é que “tudo se desenvolve numa homogeneidade definitiva” (LUPASCO, 1986, p. 10), partindo de certa heterogeneidade igualmente intrínseca à energia (*ética*) disposta em seus estados, nos seus estados nobres. No entanto, a energia experimenta algo também inusitadamente contraditório, a saber, uma “sistematização heterogeneizante dos sistemas cada vez mais complexos, que dão origem aos seres vivos, plantas e animais, que se desenvolvem a partir das células germinais até ao estado adulto” (LUPASCO, 1986, p.11). Apesar de Lupasco argumentar acerca dessa energia biológica remontando especificamente ao princípio de exclusão de Pauli e a estrutura do ADN (ou DNA), já no primeiro capítulo, o filósofo físico traz uma breve reflexão em cima das conclusões de Planck, quando propôs os “quanta”, ao relatar que:

Trata-se da coexistência fundamental, no seio do mais pequeno grão de energia, de um valor aritmético descontínuo h e de um valor ondulatório contínuo, a frequência f . verifica-se uma contradição constitutiva do descontínuo e do contínuo, formando, por assim dizer, o primeiro sistema, contradição que é a mesma, como se deve ter notado, do homogêneo e do heterogêneo, do igual e do diferente, de A e de não-A. (LUPASCO, 1986, p. 12).

Com isso, Lupasco procurou embasar suas descobertas aliadas às concepções quânticas até então desenvolvidas em sua época para garantir a coexistência de sistemas antagônicos e a necessidade de se compreender esse novo paradigma de uma ética do antagonismo que parte da ciência até chegar finalmente a uma possível aplicação dessas descobertas nas relações e comportamentos humanos em geral. Portanto, nos sistemas energéticos dos campos⁷⁸ macrofísicos (do mundo empírico, das coisas como as conhecemos) e biológicos (dos

⁷⁸ Realidade ou dimensão macrofísica do que é empírico.

seres vivos), será o estado de equilíbrio entre a ética física, biológica e do psiquismo⁷⁹ atualizados na consciência do sujeito que fornecerá o substrato para a subjetividade e conhecimento.

Assim, é a consciência do sujeito que atualiza esse equilíbrio, onde, no caso do cientista, se tem a capacidade para definir, medir, postular, fazer experimentos, calcular o mundo. É o cálculo dos momentos dos fenômenos físicos com suas variáveis que faz com que o cientista produza ou aplique valores nesses campos (macrofísico e biológico) até então dominados apenas por uma lógica de não-contradição, da certeza, da determinação e do domínio da natureza. Isso implicou num certo comportamento tradicional do cientista, ou seja, numa ética da medição, da certeza, da determinação da natureza, da não-contradição, do terceiro excluído, isto é, de uma homogeneização e/ou de uma heterogeneização formal do conhecimento.

É nesse sentido que as éticas macrofísica e biológica são as éticas do cientista que homogeneiza ou heterogeneiza o mundo, uma ética que, nas palavras de Lupasco, “só pode ser imediatamente eficaz no seu domínio próprio” (LUPASCO, 1986, p. 48). No entanto, existem domínios que ultrapassam os limites dessa ética homogeneizadora, a qual, advertia o filósofo, não apenas é “inadequada” como também “perigosa” (LUPASCO, 1986, p. 48). Não há aqui uma crítica de Lupasco para com essa ética científica, ele apenas a cola em seu lugar específico, uma vez que se trata de uma moral que deve ser necessariamente “fria” e “sem paixão” (LUPASCO, 1986, p. 48), uma moral⁸⁰ do cálculo, do sim ou do não.

Logo, abordaremos a partir de agora o avanço que o filósofo romeno fez para a terceira ética intermediária, situada entre essas extremidades antagônicas (física e biológica), a qual denominou de “Ética Neuropsíquica ou Ética da Energia Antagonista do Estado T” (LUPASCO, 1986, p. 59), pois essa é a ética do encontro desses comportamentos e o ponto de descoberta da consciência da consciência e do inconsciente, a ética fundamental de todas as coisas para Lupasco e seus seguidores, a ética do equilíbrio.

⁷⁹ Este, abordaremos no próximo tópico.

⁸⁰ A moral aqui entendida como ação pontual homogeneizada da ética, ou seja, implica numa prática homogeneizante de um dos polos em antagonismo, o que favorece a variação na criação dos valores.

3.3. A Terceira Ética: Ética Neuropsíquica e o Conceito de Terceiro Incluído

"Seres e coisas parecem existir e podem existir apenas em função de seus sucessivos e contraditórios conflitos" (Lupasco, 1979 apud BRENNER, 2010, p. 248).

Se para as duas éticas antecedentes temos como elementos fundamentais a matéria-energia microfísica e biológica respectivamente, essa terceira ética é constituída por uma terceira matéria-energia que Lupasco denominou de matéria-energia neuropsíquica ou física do psiquismo. É a ética do estado T. Essa terceira matéria como estado T nos é apresentada nas palavras do físico teórico Olivier Costa De Beauregard:

A 'terceira matéria de Lupasco, enfim, é a das experiências e das teorias microfísicas, aquele imenso mundo do muito pequeno, com a fenomenologia tão derrotista, tão estranha ao sistema para nós elaborado pela abstração da experiência vivida. Lupasco, ligado a outros físicos filósofos, pensa que essa 'terceira matéria' lance uma ponte entre as outras duas, entre o verso subjetivo e o reverso objetivo das coisas, segundo Ruyer. Idealismo e materialismo são duas metafísicas opostas, em que cada uma pretenderia excluir ou anexar a outra. (BEAUREGARD, 2001, p. 276).

Stéphane Lupasco não apenas idealizou e formulou uma nova lógica, como deu a ela o status de "terceira matéria", a saber, a matéria neuropsíquica ou física do psiquismo. Nos processos da matéria neuropsíquica, o filósofo identificou o estado T como o estado que:

Engendra uma dupla consciência do homogêneo e do heterogêneo, na medida em que há uma certa potencialização, e uma dupla inconsciência do homogêneo e do heterogêneo, na medida em que há uma certa atualização. Na verdade, estamos em presença de uma dupla consciência e de uma dupla inconsciência contraditórias antagônicas. Assim, aparecerá necessariamente uma consciência do heterogêneo e uma consciência do homogêneo, com uma inconsciência de ambas, ou seja, uma consciência de uma e de outra recíproca e respectivamente, isto é, uma consciência das duas consciências, uma consciência da consciência, e uma inconsciência das duas, uma consciência da inconsciência. (LUPASCO, 1986, p. 23-24).

Esta concepção lupasciana da consciência e da inconsciência pode ser mais bem entendida quando compreendemos aquilo que entendemos como os operadores de aproximação dos processos neuropsíquicos. Vejamos:

Atualização = inconsciente > operações nervosas

Potencialização = consciente > criação mental

De modo que encontramos a seguinte disposição:

Sujeito = aferente = atualização = inconsciente da heterogeneidade

Objeto = potencialização = consciente do sujeito e a consciência de uma homogeneidade, a saber, da identidade do objeto ao mesmo tempo.

Uma explicação detalhada deste processo em Lupasco nos é dada por Georges Lerbet, quando afirma essa relação sujeito/objeto⁸¹ a partir dos conceitos básicos da perspectiva neuropsíquica ou psicofisiológicos clássicos:

Para descrever, sumariamente, a modelização que Lupasco elaborou do universo psíquico, convém situá-la no domínio de estudo dos sistemas e na da corrente das ciências psico-fisiológicas, tais como as entendemos classicamente. Essas ciências costumam distinguir o sistema eferente marcado pela reação externa do organismo e o sistema aferente que recebe os estímulos do ambiente. Lupasco retomou essa distinção, atribuindo, essencialmente, as ações ao primeiro e a percepção ao segundo. Nessa perspectiva, o sistema neuro-psíquico é um sistema sob tensões (cujo estado apresentado é chamado 'T'). ele produz e controla as finalizações potenciais dos dois outros, cujas causalidades emergem em sua atualização. É assim que, no sistema aferente um objeto atualiza dados sensoriais heterogêneos, ignorando o sujeito. Em troca, este toma consciência quando o identifica, interiorizando-o e tornando-o significativo e potencial como tal em seu espírito. Quando o sistema de ação está em questão, o sujeito, que age por escolha, opera reduzindo (potencializando) a multiplicidade dos parâmetros (a heterogeneização) que se opõem a sua escolha. Agindo desta forma, ele identifica seu projeto interiormente e fica pronto para atualizá-lo. (LERBET, 2001, p. 89).

⁸¹ “Assim, como acabamos de ver, por um lado, existe uma aparência e uma realidade resultante das operações do saber e, por outro lado, há uma aparência e uma realidade respondendo à dualidade constitutiva do princípio do antagonismo. Da mesma forma, as noções de sujeito e objeto têm dois significados diferentes. [...] Assim, se o sujeito e o objeto são termos antagônicos, se o mecanismo de conhecer permite, teoricamente, tanto o conhecimento de um quanto do outro, praticamente, para a mente humana, o sujeito permanece incognoscível, então é ele quem controla o que irá se tornar, e o conhecido só pode ser da ordem do objeto, que é o fator dominante em um complexo existencial inversamente constituído e que corresponde à noção de matéria” (LUPASCO, 1973a, p. 23 e 25).

Isso propõe, em suma, um estado em que a concentração de energia da matéria neuropsíquica está em seu modo mais denso, ao que Lupasco denominou de semiconsciência e de semi-inconsciência, e não apenas isso, mas um ponto de tensão entre o conhecimento e o desconhecimento, ou seja, o estado em que há no sujeito, mutuamente, a consciência da potencialização que faz dos objetos e a inconsciência da atualização do processo. O efeito dessa tensão põe uma nova luz àquelas discussões ocasionalistas pautadas especialmente em Mallebranche, citadas anteriormente, em que Lupasco configura exatamente, nas palavras de Lerbet, “o universo do espírito que medita”⁸² (LERBET, 2001, p. 90), a saber, um ponto de concentração energética comparada à matéria nuclear, apesar de definitivamente não idêntica a esta última.

A exata fronteira entre os mundos macrofísico e biológico está delimitada no âmbito do psiquismo, um ponto de suspensão, um terceiro universo capaz de dar conta dos processos e “afetamentos” dos outros dois universos em seus infintos desencadeamentos de sistemas antagônicos. Assim, tanto o mundo homogêneo macrofísico quanto o mundo biológico heterogêneo são “decodificados” num estado de conhecimento que não é nem a consciência nem o inconsciente propriamente, mas um estado ‘T’ de ambos, um ponto de semiatualização e semipotencialização do consciente e do inconsciente, trazendo com isso também uma nova concepção de subjetividade. Ainda nas palavras de Lerbet:

Quando procuramos analisar essa bela montagem, imediatamente chama a atenção sua coerência racional e sua organização lógica. Coerência racional, pois atuam os processos homogeneizante e Heterogeneizante, sem, no entanto, chegar a se expulsar de maneira completa a ponto de a atualidade de um impor a potencialidade do outro. Assim, impera, sempre, um estado de tensões, que Lupasco soube formalizar no quadro de uma lógica do terceiro incluído, que implica o desvio conceitual e operatório dos pontos de vista identificados opostos e exclusivos. (LERBET, 2001, p. 91).

Portanto, essa matéria psíquica é sim matéria, mas não matéria no sentido tradicional, constituída de solidez, extensão e impenetrabilidade. É uma terceira matéria, fruto do dinamismo antagônico entre o que é físico e o que é biológico. A consciência é uma matéria-energia (ou *ética*, segundo nossa interpretação) percebida somente a partir de um estado

⁸² O pensamento e sua meditação são produtos da energia dada nesses comportamentos aferente e eferente do macrofísico (homogêneo) e do biológico (heterogêneo). Isso nos leva a definir que o pensamento também é ética, especialmente em estado de equilíbrio T.

intermediário desse antagonismo. Contudo, por ser energia, ela não pode ser objeto de toque determinado, o que conhecemos dela são os seus processos, e não ela em si mesma. Isso leva a uma incógnita, a um ponto de dúvida se almejarmos uma solução materialista no sentido de uma substância última para a consciência. Por outro lado, como se trata aqui de um meio-termo, o enigma da consciência está desvendado se entendermos esses processos energéticos não sólidos como aquilo que converge e cria toda solidez física e biológica. Nas palavras de Michel Randon, essa dificuldade parece ganhar uma amplitude ainda maior quando afirma que este é o “enigma capital”, o “mistério”, o lugar de suspensão do pensamento:

É, de fato, o enigma capital. Durante este rápido percurso, não encontramos a possibilidade de atravessar o espelho, senão no fundo de nosso próprio mistério, no indescritível, lá onde todo pensamento está suspenso. E, no entanto, nessa consubstancialidade da alma e do mundo, do pensamento e da energia, temos uma certeza, uma única, diz Lupasco: “O nada⁸³ é impossível no núcleo do antagonismo energético”. Pois o que percebemos é “um incessante e irresistível vir-a-ser”. Aquilo que foi não pode não ter sido. Tudo se inscreve em algum lugar. Certeza consoladora ou...atroz! escreve ele, acrescentando: “A contradição é a proteção da eternidade”. (RAMDON, 2001, p. 274).

Talvez a resposta dada por Lupasco à questão apresentada acima se encontre no seu conceito de “afetividade” como pedra de toque intocável, assim como tudo mais no mundo. Segundo Lupasco, o conhecimento das três matérias nos ajuda a compreender que “existem éticas, comportamentos mentais diferentes a respeito de uma ou outra matéria” (LUPASCO, 1986, p 126), e tal conhecimento está presente “em cada campo da pluridisciplinaridade” (LUPASCO, 1986, p 127). Assim, até aqui, podemos ver como ocorre a dinâmica das três éticas (macrofísica homogeneizante, biológica heterogeneizante e neuropsíquica do estado T) dispostas pelas três matéria-energia (macrofísica, biológica e neuropsíquica), constitutivas e respectivamente atuantes no processo antagônico da consciência.

A terceira matéria (a matéria neuropsíquica ou física do psiquismo) é o que impõe essa terceira ética, a qual possui um comportamento (ou dinamismo) semelhante ao da

⁸³ Interessante notarmos mais este link com a filosofia kantiana, uma vez que também, para o filósofo de Königsberg, o “nada” absoluto é impossível de ser pensado por não possuir fundamento algum na razão que o supra. Segundo Kant, “aquilo que eu deveria considerar como absolutamente nada e impossível deve eliminar tudo que pode ser pensado” (KANT, 1763, p. 127) e ainda que “É absolutamente impossível que absolutamente nada exista” (KANT, 1763, p. 124). A proposição não nos permite pensar e nem admitir algo como não existente ou impossível. Ora, o que está posto como fundamento do pensamento de que algo possa não existir absolutamente? Nem com a palavra “nada” podemos responder.

matéria-energia nuclear, ou seja, o homogêneo dominante na matéria macrofísica e o heterogêneo dominante na matéria biológica coexistem de forma antagônica e contraditória em um ponto comum de semiatualização e semipotencialização na matéria psíquica, assim como aparece também no comportamento do núcleo atômico. A esse estado de equilíbrio antagônico, onde há uma diminuição da maioria homogeneizante macrofísica e da maioria heterogeneizante biológica, existente tanto no núcleo atômico como na matéria psíquica, Lupasco chamou de “estado T” (LUPASCO, 1986, p. 16). Portanto, existem três lógicas específicas em meio a essas três realidades energéticas.

Lupasco chega a essa conclusão principalmente por meio de um estudo detalhado do sistema nervoso, em especial dos neurônios e das sinapses química e elétrica, em que pesou especificamente a diferença que encontrou entre os influxos nervosos existentes entre os aparelhos aferente e eferente, ou seja, foi na leitura neurológica do processo de percepção e ação que Lupasco estabeleceu o aparecimento da consciência. Mas não quer dizer que a consciência esteja numa célula, substância ou molécula específica, e sim no processo, no comportamento do sistema⁸⁴ energético (matéria neuropsíquica). Segundo o filósofo romeno:

Esta operação neurológica eferente, inversa da operação aferente, comprova que o sujeito é a atividade atualizante, porque pode ser tanto uma atividade heterogeneizante como homogeneizante, envolvendo a inconsciência. O objeto, por seu turno, pode ser também a potencialização da homogeneidade, ou da heterogeneidade e, como tal, aparece na consciência, engendra a consciência que se povoa de objetos na qualidade de objetos potenciais. Estes dois processos antagônicos contraditórios existem numa interação contínua, um como complemento do outro, na percepção e na ação. (LUPASCO, 1986, p. 22).

Além disso, do aparecimento da consciência e do inconsciente, Lupasco encontrou a consciência da consciência e a consciência do inconsciente ao analisar a diminuição dos estímulos que recebemos do mundo exterior (excitações dos órgãos dos sentidos por meio de bilhões de células) e do mundo interior (bilhões de sinapses que interagem entre si), onde a atividade mental é interiorizada. O que ocorre, então, é uma “não-atualização” e uma “não-potencialização” (LUPASCO, 1986, p. 23) em equilíbrio médio entre a atualização e a potenciação de ambos os sistemas (aferente e eferente). Portanto, esse equilíbrio é o “estado T”, o qual gera “uma dupla consciência e uma dupla inconsciência contraditórias

⁸⁴ Ou sistema ético.

antagônicas” (LUPASCO, 1986, p. 23). Surge assim uma nova consciência a partir dessa consciência da semiconsciência e semi-inconsciência “povoada pelos surgimentos mnésicos”, isto é, da memória.

O que é importante frisarmos com isso é que a consciência em estado T é o ponto de maior concentração da terceira matéria (matéria-energia psíquica), na qual encontramos “o reino do imaginário e da meditação” (LUPASCO, 1986, p. 25). Oliver Costa de Beauregard, em seu artigo “Seria o Real Autoportador?”, resume a “terceira matéria” de Lupasco nas seguintes proposições:

A ‘terceira matéria’ de Lupasco, enfim, é a das experiências e das teorias microfísica, aquele *imenso mundo do mundo pequeno*, com a fenomenologia tão derrotista, tão estranha ao sistema para nós elaborado pela abstração da experiência vivida. Lupasco, ligado a outros físicos filósofos, pensa que essa ‘terceira matéria’ lance uma ponte entre as outras duas, entre o verso subjetivo e o verso objetivo das coisas, segundo Ruyer. *Idealismo e materialismo* são duas metafísicas opostas, em que cada uma pretenderia excluir ou anexar a outra. (BEAUREGARD, 2001, p. 275).

A culminância do pensamento lupasciano se encontra na sua “Ética Neuropsíquica ou a Ética da Energia Antagonista do Estado T”, tema do capítulo VI de sua última obra “O Homem e as Suas Três Éticas”, onde Lupasco harmoniza todo seu pensamento numa lógica antagônica engendradora por aquilo que ele denomina de “terceira matéria-energia” (LUPASCO, 1986, p.61), a saber, a matéria neuropsíquica, a qual interpretamos aqui como a pura eticidade, ou seja, entendemos o “estado T” como a ética em seu equilíbrio ou estabilidade antagônico por excelência, uma vez que a todo instante está se descrevendo o comportamento dos sistemas que também são, por sua vez, comportamentos antagônicos. Ora, são éticas antagônicas que culminam na ética do equilíbrio. Nicolescu apresenta uma abordagem detalhada do estado T a partir da obra de Lupasco, intitulada “Principe d’antagonisme et la Logique de l’energie”, ao explica que:

Lupasco introduz a contradição e a não-contradição, elas próprias enquanto termos lógicos. Mas se esses dois termos forem indexados em função de A e P, o índice T estará ausente. Em outras palavras, *na ontologia lupasciana, não há terceiro incluído da contradição e da não-contradição*. Paradoxalmente, a contradição e a não-contradição submetem-se às normas da lógica clássica: a atualização da contradição implica a potencialização da não-

contradição e a atualização da não-contradição implica a potencialização da contradição. Não há estado atual nem potencial da contradição e da não-contradição. O terceiro incluído intervém, entretanto, de forma capital: o quantum lógico fazendo o índice T intervirm, está associado à atualização da contradição, enquanto os outros dois quanta lógicos, fazendo os índices A e P intervirm, estão associados à potencialização da contradição. Nesse sentido, a contradição é irreduzível, pois sua atualização está associada à unificação de *e* e *não-e*. Consequentemente, a não-contradição só poderá ser *relativa*. (NICOLESCU, 2001, p.112).

Assim, os três princípios lupascianos que determinam a sua lógica axiomática são: A (atualização), P (potencialização) e T (terceiro incluído). Esses princípios constituem um único e mesmo dinamismo unificador dos mundos microfísico (ou subatômico átomo e núcleo atômico), macrofísico (físico e biológico) e neuropsíquico (sistema nervoso e psiquismo). Lupasco defendia um estado de equilíbrio rigoroso e independente, o qual denominava de ponto “T” (Estado “T” do Terceiro Termo Incluído), que se constitui numa instância exata entre os polos de uma contradição. Segundo Lima, “O sentido lógico preconizado por Lupasco é aquele que ele denomina de ortodialética, de lógica dinâmica do contraditório, ou ainda, de lógica do contraditório”. (LIMA, 1999, p. 9). Desse modo, pode ser configurada como uma lógica voltada para a “possibilidade” de haver, não apenas “sim” ou “não”, mas também “sim” e “não”, ou até mesmo nem o “sim” e nem o “não”, do certo e do errado, do bem e do mal, conjuntos e atuantes num mesmo dinamismo, num mesmo comportamento antagonico e contraditório, ou seja, numa mesma ética.

Por via dessa ética neuropsíquica, o ser está no centro psíquico do controle e do conflito do estado T, constituindo, contrariamente a opiniões muito divulgadas, o “normal”, o estado de domínio por excelência das orientações patológicas que acabo de salientar; o ser esta em presença simultaneamente da incondicionalidade e da liberdade, bem como das cargas mentais afetivas mais densas, dos dados ontológicos mais amplos e mais presentes no homem enquanto ser humano. [...] O psíquico, como se viu, é representado pelo estado T de semiatualização e de semipotencialização dos dinamismos antagonistas macrofísicos e biológicos, do homogêneo e do heterogêneo, engendrando, por isso, a consciência da consciência e da inconsciência, bem como o conhecimento do conhecimento e do desconhecimento. (LUPASCO, 1986, p. 60).

Além de ser o centro do conflito entre as éticas macrofísica e biológica, é no ponto de equilíbrio das contradições dessas duas éticas que, segundo Lupasco, “aparecem a noção de morte e a noção de vida. E é aqui que a afetividade se instala sob a forma de ansiedade,

inquietação e, ao mesmo tempo, de euforia, prazer, felicidade.” (LUPASCO, 1986, p. 60). No entanto, o que é precisamente este estado T? Lupasco definiu da seguinte forma:

O estado T é, pois, a coexistência conflitual de dinamismos antagônicos em certos graus de desenvolvimento respectivos e recíprocos. Há, pois, graus do estado T, variações dos estados de potencialização e de atualização que se vão encontrar no estado T de equilíbrio de semipotencialização e de semiatualização. Há T1, T2, T3,... Tn, T -1, T -2, T -3, ...T -n. (LUPASCO, 1986, p. 60).

Disso sucede que esse estado de semipotencialização e de semiatualização constantes do estado T é, para Lupasco, “a energia em sua fonte primordial, a energia da própria ‘consciência’ da consciência da consciência” (LUPASCO, 1986, p. 144), ou seja, a “consciência”, nas palavras de Nicolescu, enquanto uma “particularidade da própria energia”, onde “a energia pode ser originalmente não diferenciada, mas depois se diferencia de múltiplas maneiras através dos minerais, plantas, homens, tudo o que nos rodeia. Afinal, o que está consciente da consciência é estruturalmente a própria energia” (LUPASCO, 1986, p. 143). O que se conhecia como matéria sólida ou substância deve ser entendida aqui como energia, ou seja, o que existe é a energia e o que conhecemos dela são seus processos, sua ética, seu comportamento. Logo, tudo é essa energia se processando a si mesma, inclusive a nossa consciência dessa energia é ela mesma acontecendo através de uma infinita série de comportamentos contraditórios e antagônicos. Por isso entendemos que essa energia é mais bem compreendida através do conceito de uma *ética energética*. Isso contempla filosofia e ciência em torno de uma mesma possibilidade de estudo. Assim, incentivamos os estudos vindouros em Lupasco a considerar sua teoria nessa perspectiva sistemática de uma *ética energética*⁸⁵ como conceito principal.

Quanto a essa interferência no diálogo, Lupasco complementa, de maneira positiva, afirmando que suas investigações de comparação entre o núcleo atômico e o cérebro humano o levaram a crer numa concentração final em ambos “parâmetros homogeneizantes e

⁸⁵ Se tomarmos os conceitos de ética ou de energia isoladamente, continuaremos pensando as áreas (humanas e exatas) separadamente, de modo que o uso conceitual desses termos não deve ser apresentado de maneira desassociada, mas com o sentido de um todo consensual. Somente a adoção desse conceito e toda sua doutrina pode trazer efetividade a qualquer intenção originalmente transdisciplinar. No estado T, ocorre um equilíbrio estável, mas não um equilíbrio absolutamente rigoroso em virtude das variações contínuas de P (potencialização) e A (atualização) que nele encontramos. Portanto, entendemos que a ética energética do equilíbrio é também minimamente variável, apesar de estável em seu ponto de máxima densidade.

heterogeneizantes, ao que se pode afirmar que “o núcleo atômico é de algum modo psíquico. E disse mesmo algures que, nestas condições, o fundo das coisas é psíquico”⁸⁶ (LUPASCO, 1986, p. 144). Com isso, não devemos entender que o núcleo atômico é psíquico, mas que possui estreita semelhança um com o outro por possuírem uma grande concentração de energia antagonicamente disposta, ou seja, possuem uma ética análoga. É com relação a essa equivalência que podemos apontar que o mundo é psíquico.

Nesse sentido e com base no seu discurso atômico, Lupasco complementa que “o psiquismo é a origem e o fundamento do mundo” (LUPASCO, 1986, p. 144). Por isso podemos entender o seu pensamento como um neorracionalismo ou talvez como um neoidealismo científico. Nesse sentido, a ideia que temos do mundo é ela mesma criada por uma energia que está em atitude de semelhança com o mundo em sentido atômico⁸⁷. De modo que o psiquismo e o centro atômico possuem certa ética (comportamento) idêntica e, como se sabe que na física quântica a partícula interage com o seu observador, é bastante provável que a ideia que temos do mundo seja realmente o mundo. Isso mantém a dialética, ao passo que somos o mundo enquanto ideia (energia semelhante), mas não o somos enquanto matéria (energia idêntica). A “energia” é, portanto, esse movimento continuamente antagônico que “provoca o conhecimento do conhecimento” (LUPASCO, 1986, p. 144), não apenas isso, nosso filósofo aprofunda ainda mais sua definição ao partir do pressuposto necessário dessa relação entre conhecimento e energia, discorrendo que:

(...) a energia é cognitiva. A energia conhece. Não é o meu cérebro que conhece, é a energia que conhece em mim. Está num estado tal que a própria energia toma consciência de si mesma. É isso que explica que cheguemos ao que acabamos de dizer. (LUPASCO, 1986, p. 144). É evidente que a investigação científica não pode de modo algum continuar a ignorar estes três tipos de estruturas da matéria-energia, teimando em reduzir todo comportamento ético do homem às leis físicas nas quais ela integra o biológico e o psiquismo, ou tentando reduzir o psiquismo ao biológico. (LUPASCO, 1986, p. 66).

Portanto, para Lupasco, a energia fundamental é a consciência por toda estruturação dada nos campos abordados. Logo, o conjunto de realidades (macrofísica, biológica e neuropsíquica) nos mostra essa energia consciencial que promove esses comportamentos

⁸⁶ Isso sugere a possibilidade de certa consciência do mundo físico enquanto ética energética nuclear.

⁸⁷ Ou seja, o pensamento e o mundo possuem em seu fundamento uma ética (comportamento) semelhante.

antagônicos, mas que não é algo detectável como um objeto particular. O que se pode observar e constatar é a ação dessa energia, seu movimento, sua ordenação, atuação nos átomos e nas células, de modo que é a energia que tem consciência de si mesma⁸⁸, e não os objetos físicos e biológicos, apesar de com eles manter estreita relação e por eles (como um conjunto de si mesma) se encontrar. Com relação ao tratamento psíquico, o filósofo argumenta que:

Na presença de fenômenos psíquicos, é preciso eliminar a tendência dominante e irreprimível para lhes aplicar a lógica de não-contradição, e, por conseguinte todas as leis físico-matemáticas que ela comanda. [...] Já não é possível após as minhas investigações, fugir à contradição, aboli-la como indício de erro e de mau funcionamento das operações psíquicas ou das operações biológicas. Nestas últimas, o antagonismo contraditório da heterogeneidade dominante e da homogeneidade dominada opera em conjunto e constitui a própria sistematização do sistema vital. Nas operações psíquicas, é a igualização dos parâmetros homogêneos e heterogêneos no estado T do equilíbrio antagonista de semiatualização e de semipotencialização, que estrutura a psique, conferindo ao mesmo tempo a incondicionalidade e a liberdade juntamente com o conhecimento do conhecimento e do desconhecimento. (LUPASCO, 1986, p. 66).

Desse modo, o psiquismo é que ordena e equilibra tudo o que existe e conhecemos. Segundo Lupasco,

O estado T é, pois, a coexistência conflitual de dinamismos antagônicos em certos graus de desenvolvimento respectivos e recíprocos. Há, pois, graus do estado T, variações dos estados de potencialização e de atualização que se vão encontrar no estado T de equilíbrio de semipotencialização e de semiatualização. Há T1, T2, T3,...Tn, T-1, T-2, T-3,...T-n. (LUPASCO, 1986, p.61).

Assim, se constitui como uma abertura significativa no campo teórico das condições de possibilidade da linguagem, embora Lupasco acione muito do campo da física, de maneira que outros nomes da física quântica, como Wolfgang Pauli e Werner Heisenberg, figuram nessa perspectiva. A potenciação não é um desaparecimento, é o ato de tornar-se visível quando o termo antagônico é atualizado. Então, a lógica da contradição não é uma lógica estática, mas dinâmica. Isso se reflete nos conceitos de *desconto* e *potenciação*. Se ocorrer

⁸⁸ Sempre por causa de uma ética em antagonismo.

um determinado evento, ele é logo atualizado conforme alterações de um estado potencial para o atual. Logo, o evento antagônico não-e (e) é potenciado.

Lima afirma ainda que “constata-se que uma lógica que considere o Princípio do Terceiro Incluso uma lógica do contraditório, tem raízes muito anteriores a Lupasco; seu grande mérito foi ter chegado a ela através da filosofia da ciência” (LIMA, 1999, p.16). Portanto, é também nesse viés do terceiro incluído e da consideração da contradição como possibilidade da verdade que as discussões atuais acerca da ética, no tocante aos discursos valorativos ou mesmo na esfera da religião, se desenvolvem com um olhar voltado para a aplicabilidade dessa lógica no campo da moralidade, da política, da religião, da arte, da ciência, dentre outros campos. Com efeito, a tridiaética de Lupasco abriu novos horizontes no campo da filosofia prática.

Por conseguinte, entendemos que Lupasco não nos deixou uma ética completa, mas uma sinalização de um ponto de vista sobre a ética a ser construído com base em suas descobertas, transitando por várias categorias de conhecimentos. Por isso, é importante discutirmos como o *bem*⁸⁹ e o *mal*⁹⁰ são abordados no pensamento do filósofo romeno, uma vez que esses

⁸⁹“BEM (gr. ἀγαθόν; lat. Bonum; in. Good; fr. Bien; ai. Gut; it. Bene). Em geral, tudo o que possui valor, preço, dignidade, a qualquer título. Na verdade, B. é a palavra tradicional para indicar o que, na linguagem moderna, se chama valor (v.). Um B. é um livro, um cavalo, um alimento, qualquer coisa que se possa vender ou comprar; um B. também é beleza, dignidade ou virtude humana, bem como uma ação virtuosa, um comportamento aprovável. Em correspondência com essa extrema variedade de significados, o adjetivo bom tem uma idêntica variedade de aplicações. Podemos falar de "uma boa chave de fenda" ou de "um bom automóvel" como também de "uma boa ação" ou de "uma pessoa boa". Dizemos também "um bom prato", para indicar algo que corresponde ao nosso paladar, ou "um bom quadro", para indicar um quadro bem feito. Dessa esfera do significado geral, pela qual a palavra se refere a tudo o que tem um valor qualquer, pode-se recortar a esfera do significado específico, em que a palavra se refere particularmente ao domínio da moralidade, isto é, dos mores, da conduta, dos comportamentos humanos intersubjetivos, designando, assim, o valor específico de tais comportamentos. Nesse segundo significado, isto é, como B. moral, o B. é objeto da ética” (ABBAGNANO, 2007, p. 107). Ou “bem (lat. bene: bem) 1. Tudo o que possui um *valor moral ou físico positivo, constituindo o objeto ou o fim da ação humana. 2. Para Aristóteles, o bem é "aquilo a que todos os seres aspiram"; "O bem é desejável quando ele interessa a um indivíduo isolado; mas seu caráter é mais belo e mais divino quando se aplica a um povo e a Estados inteiros." Tanto para os antigos quanto para os escolásticos, o bem designa, em última instância, o Ser que possui a perfeição absoluta: Deus. 3. Os filósofos do séc. XVII retomam a tradição grega de um Bem transcendente como fim de toda ação moral. O Soberano Bem é identificado com Deus: "O Soberano Bem do espírito é o conhecimento de Deus, e a soberana virtude do espírito é a de conhecer Deus" (Espinosa). Assim, o Soberano Bem é o ponto culminante das morais da perfeição. 4. Enquanto conceito normativo fundamental na ordem ética, o bem designa aquilo que é conforme ao ideal e às normas da moral.” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p. 25).

⁹⁰“Mal (lat. *malum*) 1. Em um sentido geral, tudo que é negativo, nocivo ou prejudicial a alguém. "Podemos considerar o mal em um sentido metafísico, físico ou moral. O mal metafísico consiste na simples imperfeição, o mal físico no sofrimento. e o mal moral no pecado" (Leibniz). 2. Na metafísica clássica, encontramos uma controvérsia quanto à definição do mal no que concerne à sua caracterização ontológica. Por um lado, temos o mal como privação, falta, ausência, identificando-se com o não-ser, como algo que não existe em um sentido absoluto, mas apenas como imperfeição. limitação de um ser. Assim, p.ex., a ignorância seria um mal. a imprudência seria um mal etc. Por outro lado, o mal pode ser visto como um princípio absoluto, como parte do real, como uma entidade existente por si mesma, em oposição ao bem. Ver maniqueísmo. 3. O problema do mal sempre preocupou os filósofos, especialmente os moralistas. O mal metafísico não constitui problema; se fôssemos perfeitos, seríamos Deus, e não mais haveria criação. Toda criatura é menos perfeita que seu criador,

objetos são tidos, por toda extensão da tradição filosófica, como centrais em qualquer discussão sobre ética, muito embora não sejam os únicos. Com isso, se faz necessário nessa recente abordagem uma menção considerável a respeito de como podemos entender o *bem* e o *mal* na ortoética de Lupasco.

3.4. As três éticas e as três noções de bem e de mal (a consolidação do bem e a extinção do mal no estado T)

Na segunda parte do triálogo entre Stéphane Lupasco, Solange De Mailly-Nesle e Basarab Nicolescu, realizado em 1 de junho de 1984 e apresentado na obra “O Homem e Suas Três Éticas”, o filósofo romeno inicia indagando o seguinte: “se há três éticas, há três bens e três males e, dado que há três matérias, há três realidades e três falsidades ou erros. Em que medida o Bem está relacionado com o verdadeiro – o real – e o Mal com o falso – o irreal?” (LUPASCO, 1986, p 127). Nesse sentido, Lupasco abre uma abordagem desses conceitos (bem e mal) a partir de suas descobertas, as quais fogem às discussões das teorias éticas ou metaéticas até então formuladas, ou seja, precisamos entender que não se trata aqui de abordagens de teorias previamente formuladas que estejam fora das dimensões energéticas estabelecidas pelo filósofo romeno, mas se trata de uma discussão nova com base nos dinamos energéticos, nos comportamentos antagônicos da matéria-energia disposta como macrofísica, biológica e neuropsíquica que temos apresentado neste trabalho.

somente Deus é inciado. Mas por que o bom Deus permitiu que ficássemos submetidos ao sofrimento e ao pecado? A resposta do cristianismo é que o mal é uma provação cuja recompensa será infinita no paraíso. Mas o filósofo não se satisfaz com isto; que o mal nos serve de provação mostra seguramente a bondade de Deus, porém, poderíamos dizer: "Se Deus não fosse bom, o mal seria gratuito e sofreríamos à toa". Isto não explica por que há o mal. Se Deus nos recompensa pelo mal que praticamos ou sofremos, não poderia simplesmente tê-lo evitado? Leibniz responde: nosso mundo é o melhor dos mundos possíveis. *Kant faz uma distinção entre a "maldade". que reside no ato de se fazer o mal acidentalmente, e a "malignidade diabólica", que procede da vontade de se fazer o mal pelo mal, e concebe a má ação como o resultado de uma escolha deliberada. 4. Segundo Nietzsche. que propõe em sua filosofia (Para além do bem e do mal) uma transformação de todos os valores tradicionais, "bem e mal, noções imutáveis, não existem". O mal seria apenas aquilo que impede a "afirmação da vida". (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p. 124). “MAL (gr. xò KOCKÓV; lat. *Malim*. in. liril; fr. Mal; ai. Base, it. Mede). Este termo tem uma variedade de significados tão extensa quanto a do termo bem (v.), do qual é correlativo. Do ponto de vista filosófico, entretanto, é possível resumir essa variedade em duas interpretações fundamentais dadas a essa noção ao longo da história da filosofia: 1a noção metafísica do M. segundo a qual este é a) o não-ser, ou h) uma dualidade no ser; 2- noção subjetivista, segundo a qual o M. é o objeto de aptidão negativa ou crie um juízo negativo.” (ABBAGNANO, 207, p. 638).

Com isso, uma vez que se tem apresentado, a partir da física quântica, as propostas que vão além daquelas concepções clássicas do “verdadeiro”⁹¹ e do “falso”, Lupasco traz os conceitos como parâmetro inicial para discutir o bem e o mal. Ora, se existem três realidades distintas alinhadas por comportamentos energéticos contraditórios e antagônicos, encontramos também uma noção de bem e de mal em cada uma delas igualmente conflitantes. Portanto, o problema que é posto de início é o de como podemos extrair noções confiáveis dessas realidades⁹²: de um bem como real e verdadeiro e de um mal falso ou irreal, ou seja, como considerar o bem algo positivo e o mal algo negativo tal como são entendidos tradicionalmente?

Disso sucede que o pensamento tridialético se estabelece como uma ortoética em que há uma noção de bem e de mal ligada a cada ética descoberta por Lupasco: a ética macrofísica homogeneizante, a ética biológica heterogeneizante e a ética neuropsíquica, essa última como a ética do estado T de semiatualização e de semipotencialização. A partir disso, o filósofo ordena o diálogo para uma abordagem acerca da variação histórica que ocorre com as noções de *bem*, onde certos comportamentos, ou mesmo coisas, são, em determinada época ou sociedade, consideradas como bem e, em outras, como mal, ou seja, a multiplicidade dos valores que parece não permitir uma definição exata dos conceitos de bem e mal. Assim, Lupasco escreve que:

Através da história, as noções de bem variam. O que certas épocas consideraram como bem, outras puderam considera-lo como mal. Por exemplo, a pena de morte, o assassinio, o totalitarismo são considerados como um bem nos países totalitários, mas nos países democráticos trata-se de um mal muito grande. [...] não só através da história, mas para os indivíduos, para cada um de nós, o bem não é sempre o mesmo. (LUPASCO, 1986, p. 127).

⁹¹ Se considerarmos a tradição metafísica, por exemplo: “O modelo de todas as teorias metafísicas é a teoria de Platão, segundo a qual o B. é o que confere verdade aos objetos cognoscíveis, que confere ao homem o poder de conhecê-los, que confere luz e beleza às coisas, etc.; em uma palavra, é fonte de todo ser, no homem e fora do homem” (Rep., VI, 508 e 509 b). (ABBAGNANO, 2007, p. 107).

⁹² Se considerarmos o bem na tradição medieval: “Analogamente, Plotino vê no B. a primeira Hipóstase, isto é, a origem da realidade, o próprio Deus, considerando-o como causa, ao mesmo tempo, do ser, da ciência (Enn., VI, 7, 16) e, em geral, de tudo o que é ou vale um título qualquer (ibid., V, 4, 1). Essas noções tornaram-se correntes na filosofia medieval, que identificou, segundo o exemplo neoplatônico, o B. com Deus mesmo, de modo que só pode ser considerado “bom” o que é, de algum modo, semelhante a Deus (S. TOMÁS. S. Th., I, q. 6, a. 4). O teorema característico dessa concepção de B. é o que afirma a identidade do que é B. com o que existe. “Bonum e em são a mesma coisa na realidade”, diz S. Tomás, “embora possam distinguir-se um do outro racionalmente. O B., com efeito, é o ente como objeto de desejo, o que não é o ente” (S. Th., I, q. 5, a. 1). Por isso, “todo ente, como ente, é bom” (ibid., I, q. 5, a. 3). De fato, todo ente como tal está em ato e enquanto está em ato é perfeito: mas o que é perfeito é também apetecível e é bom. Por isso, a discussão é iniciada sobre o problema: é o bem o real e o mal o irreal? Em que medida se agora sabemos que existem três dimensões da “realidade”?

Essa variedade de concepções de bem, as quais se estabelecem sempre como inúmeras variáveis desde o mais íntimo de cada indivíduo, da família da qual faz parte, dos grupos sociais maiores, até que se complete aquilo que cada povo entende por esse “bem”, se apresenta também como um problema a ser tratado na filosofia de Lupasco, ou seja, como a ortoética vê essa dinâmica variável dos valores? Como podemos fazer essa leitura através das lentes lupascianas? Por conseguinte, Solange De Mailly-Nesle indagou se Lupasco poderia definir concretamente essas noções de bem e de mal numa perspectiva homogeneizante. Logo, o romeno iniciou sua resposta indicando que nossa vida está permeada com a ética homogeneizante, mas que, para chegarmos a essa conclusão, precisamos pressupor a existência efetiva da matéria-energia macrofísica, ou seja, precisamos definir como pressuposto que as coisas de fato existem. Segundo o filósofo romeno, não podemos considerar que o mundo “é uma ilusão ou uma irrealidade” e ele cita que “para Bergson, por exemplo, a realidade física é uma realidade que não é substancial” (LUPASCO, 1986, p. 128). Segundo Lupasco, Bergson via o macrofísico e a geometria como o mal, como o falso, e conclui que toda a filosofia do impulso vital de Bergson representa uma “espécie de heterogeneização fundamental do ser” (LUPASCO, 1986, p. 128), e que esse tipo de pensamento sempre permeou na história.

Conseqüentemente, o filósofo afirmou que “uma realidade pode ser uma coisa boa ou uma coisa má” (LUPASCO, 1986, p. 128) e exemplifica com a morte como realidade, cujas noções de bem e mal são variáveis, uma vez que uma realidade é também entendida como um mal pela maioria das pessoas. Por outro lado, pode ser considerada como um bem para alguém que se suicida, onde a vida seja um mal. Nesse contexto, o estudioso citou a doença como uma realidade que pode ser igualmente considerada como um bem ou um mal ao se referir à loucura de Nietzsche e Schumann, que lhes renderam fecundos momentos de inspiração. As apresentações desses exemplos aparentemente são simples, mas retratam a centralidade das discussões ético-valorativas, a saber, a mistura das concepções de bem e de mal sociais, históricas e psicológicas, oriunda dessas três éticas, é o que gera a noção de relativismo ou politeísmo dos valores, ou seja, até Lupasco, não tínhamos ainda um suporte filosófico-científico suficiente para distinguir que há uma dinâmica entre bem e mal, a qual cada uma das três éticas possuem e que se encontram antagonicamente ligadas em constante interação.

Aqui se encontra o ponto-chave de toda a discussão da ética para teoria de Lupasco: qual é o comportamento, conduta ou a ação ideal que devemos praticar a partir desse conhecimento de sua triética? A chave para essa questão está posta no estado de equilíbrio T. Desse

modo, para compreendermos melhor a ortoética de Lupasco, é importante considerarmos como pressuposto primordial a existência do mundo sensível, não uma existência efetivamente concreta, mas uma existência energética (que para nós implica numa existência comportamental, ética) tanto como uma mera percepção de nosso senso comum quanto substrato para toda teoria científica. Depois, é preciso entender que essa “existência” acontece de três modos (dimensões ou realidades) e, por último, que esses três modos da realidade trazem consigo três noções de bem e de mal distintas e características de cada uma dessas três éticas. Para nós, isso acarreta na existência apenas da ética (comportamento), que traz consigo estas noções distintas. Por isso é preciso entender essa ética como uma ética de tudo que conhecemos para assim compreendermos o bem e o mal que ela comporta. A partir disso, Mailly-Nesle aborda, então, qual deveria ser a posição do sujeito, que é o centro dessas três éticas, diante de todo esse relativismo da ética no âmbito da realidade. Lupasco responde que:

É verdade que nenhuma ética pode ser absoluta, rigorosa, quer dizer rigorosamente atualizada – ela potencializa as outras éticas. Embora, quer queiramos quer não, em virtude da coexistência das três matérias que nos constituem e que constituem o mundo, exista sempre ao lado de uma noção de bem mais ou menos atualizada uma noção de mal mais ou menos virtualizada, potencializada. Ou, pelo contrário, no estado T psíquico, na medida em que o ser humano é dominado pelo estado T e pela matéria psíquica, pode-se dizer que ele está no centro das duas éticas antagônicas e divergentes, saídas da própria condição das três matérias. (LUPASCO, 1986, p. 129).

A ausência de uma ética rigorosa no pensamento de Lupasco não o permitiu resolver de imediato tais questionamentos. Contudo, uma ética que não é absoluta já se constitui por si também numa ética absoluta em sentido negativo, no sentido de estabilidade que o estado T requer. E, portanto, segundo o filósofo romeno, o bem e o mal, mutuamente, se potencializam e atualizam um ao outro no comportamento homogêneo e heterogêneo, tendo o sujeito como o seu centro nivelador, ou seja, no psiquismo, o bem e o mal se encontram nivelados em semiatualização e semipotencialização. Disso sucede que Mailly-Nesle continuou instigando Lupasco e o questionou acerca do que ocorre no exato momento em que o sujeito pratica uma ação, quando ele faz uma escolha optando por uma determinada ética ou se seria possível viver sempre no estado de equilíbrio T sem um comprometimento com alguma parte antagônica desse processo. A essa questão, o filósofo romeno respondeu que o estado T é essencialmente um estado psíquico, mas que, na “vida corrente, a ética homogeneizante da

macrofísica é essencial”, uma vez que “não poderíamos viver se estivéssemos convencidos de que o mundo que nos rodeia vai desmoronar-se brutalmente e que está, por sua vez, sujeito a uma potencialização que se poderia atualizar” (LUPASCO, 1986, p. 130). Isso quer dizer que a homogeneização, ou seja, a tomada de decisão homogênea, é inevitável para o físico e esse deve por ela nortear-se, ao passo que, para o biólogo, prevalecerá a ética da heterogeneização como parâmetro para suas decisões e por ela deve ser guiado.

Trata-se, portanto, da manutenção de determinada perspectiva como aquilo que é bom ou mal à luz da lógica do antagonismo, ou seja, é a afirmação da validade da variedade dessas noções de bem e de mal que cada uma dessas éticas (macrofísica homogeneizante e biológica heterogeneizante) cultiva como comportamento característico. Contudo, um erro que Lupasco denunciou é o de se querer tratar uma determinada ética homogênea (do rigorismo estático: sim ou não, é ou não é, agora ou nunca, do valor inviolável, etc.) por meio do olhar heterogêneo (das constantes transformações, mudanças, o que vale hoje não valerá amanhã, valores mutáveis, etc.) e vice-versa. Lupasco, então, chama a atenção para a teleologia (finalidade) que está contida no fenômeno da potencialidade energética, a qual representa a finalidade dos três sistemas éticos: a teleologia física, teleologia biológica e teleologia psíquica. Por esses sistemas possuírem em sua potencialidade finalidades diferentes e contraditórias haverá conseqüentemente uma ética a ser utilizada em cada situação. Assim, podemos definir, a princípio, que a ética em Lupasco é circunstancial, na qual o bem e o mal dependem de cada situação. Logo, interpretamos o estado T como o equilíbrio no qual nos é possibilitado o poder de atualizar o bem⁹³ de cada vertente da triética. O estado de equilíbrio T é o estado de meditação, de potencialização, é uma espécie de pré-atualização daquilo que virá a ser o bem do heterogêneo ou do homogêneo.

Não significa necessariamente a relativização de uma pela outra, mas a aplicação de cada uma delas em seu fim especificamente bom. Há, portanto, uma ética de homogeneização aplicável aos assuntos do mundo macrofísico (bem para determinados fins, e mal, para outros), uma ética heterogênea (igualmente bem para determinados fins, e mal, para outros) aplicada ao biológico, e uma ética de equilíbrio aplicável ao mundo psíquico. Nessa leitura, um fenômeno psíquico não precisa ser necessariamente abordado por uma ética macrofísica (a ética da determinação, exatidão matemática, da invariância, da rigidez, do absolutismo, do totalitarismo, do rigorismo, da identificação final do objeto, etc.) e nem por uma ética biológica (aquela que procura determinar a constante transformação, a modificação, a pluralidade,

⁹³ Aqui está o ponto exato do surgimento do “imperativo categórico” kantiano, se quisermos fazer um paralelo entre Lupasco e o filósofo alemão.

a diversidade, ou a variação, algo típico desse sistema), uma vez que elas já incidem, sobremaneira, no campo de contradição umas sobre as outras. O que precisamos entender, primeiramente, é que se tratam de três dimensões éticas distintas, as quais possuem sua maneira particular de considerar o bem e o mal, conforme sua característica predominante, seja homogênea, heterogênea ou de equilíbrio.

Por outro lado, para Lupasco, o déficit de equilíbrio conflitual é o que ocasiona “todo estado mental mórbido” (LUPASCO, 1986, p. 67), o que aqui entendemos por todo tipo de excesso comportamental, ou seja, certa homogeneização exagerada, implicando num certo mal específico. Isso Lupasco exemplificou no contexto das ideologias políticas características das sociedades, a exemplo de uma “educação individual e coletiva centrada na não-contradição” (ética macrofísica da homogeneização, do materialismo totalitário), a qual se propõe a eliminar todo o conflito “a fim de proporcionar paz dos espíritos e da alma, a segurança, pela homogeneização da cultura e dos indivíduos” (LUPASCO, 1986, p. 67), ao passo que existe também a “educação centrada na heterogeneização” (LUPASCO, 1986, p. 67), a qual tende a isolar “os indivíduos da sociedade e os povos entre si para salvaguardar a diversidade” (LUPASCO, 1986, p. 67), ou seja, por um lado se procura a padronização da sociedade (homogeneização) e, por outro, a ênfase é dada à dessemelhança. A esse movimento de homogeneização e heterogeneização social, Lupasco chamou de “ambiências doutrinárias” (LUPASCO, 1986, p. 67), quando vistas isoladamente (sem contradição, ou seja, fora do equilíbrio conflitual), onde, na homogeneização social, ocorre a “alergia ao semelhante”, enquanto que, na heterogeneização social, acontece a “alergia ao dessemelhante” (LUPASCO, 1986, p. 67), numa dinâmica antagônica de insistência no isolamento das partes, capaz de gerar sociedades psicologicamente doentes, pois “toda a ideologia é desastrosa, quer para a biologia do homem quer, sobretudo, para o seu psiquismo”. Lupasco ainda denuncia que:

É evidente que a investigação científica não pode de modo algum continuar a ignorar estes três tipos de estruturas da matéria-energia, teimando em reduzir todo o comportamento ético do homem às leis físicas nas quais ela integra o biológico e o psiquismo, ou tentando reduzir o psiquismo ao biológico” (LUPASCO, 1986, p. 67).

Ou seja, não cabe mais ao predomínio científico homogeneizante determinar os comportamentos éticos dos indivíduos sem a devida consideração das demais éticas (biológica heterogeneizante e psíquica do equilíbrio no estado T), já que se trata agora da observação

desse conjunto tridialético (macrofísico, biológico e psíquico) com suas características éticas distintas, mas que precisam caminhar em conformidade, em equilíbrio.

Eis a definição do mal fundamental que podemos identificar na filosofia do antagonismo de Lupasco: o desequilíbrio entre as respectivas éticas homogeneizante (totalitária) e heterogeneizante (liberal). É o desequilíbrio entre aquilo que é excessivamente exterior (homogeneização macrofísica) e aquilo que é excessivamente interior (heterogeneização biológica), em que uma pode se apresentar com maior densidade sobre a outra, ou seja, quando uma se encontra num estado de sobreposição à outra. No entanto, para o filósofo romeno, “a mais geral e mais nociva é aquela que instaura uma homogeneização dos indivíduos e dos povos. Homogeneidade, eis o inimigo! – poderíamos dizer” (LUPASCO, 1986, p. 68). Disso sucede que o mal, na filosofia lupasciana, será abordado mais precisamente na perspectiva de uma ênfase exagerada do homogêneo exercida sobre o heterogêneo, ou seja, o desequilíbrio entre essas duas éticas onde a primeira seja mais evidenciada do que a segunda. Quanto mais uma determinada ideologia política homogeneizante imperar sobre outra heterogeneizante, ocorrerá um desequilíbrio psicossocial.

“Todavia na máxima ‘liberdade, igualdade, fraternidade’, os dois últimos termos matam o primeiro, porque atacam precisamente a heterogeneidade biológica e o estado T, isto é, o fundamento do psiquismo. A ideologia do homogêneo origina, assim, o totalitarismo que hoje conhecemos e que flagelou os países comunistas. Esvazia as psicologias e, ao mesmo tempo, as energias vitais até à pobreza alimentar provocada pela supressão do lucro, enquanto parâmetro de seleção do trabalho e da concorrência. Mais grave ainda, é a própria ‘alma’, ou seja, as forças do psiquismo, que se esvazia da sua liberdade criadora e da sua afetividade (LUPASCO, 1986, p. 68).

Embora essa homogeneização constitua um mal mais grave, Lupasco considerou também que não apenas uma ideologia homogeneizadora é prejudicial, a ideologia heterogeneizante também tem seu fator de nocividade, ainda que menor ou menos perceptível do que a primeira, pois a atualização da heterogeneidade baseada em parâmetros biológicos tende a dominar a:

Atividade dos homens lançando-os num processo de individualização exacerbada e numa luta selvagem. No entanto, também neste caso o estado do psiquismo é atingido, alterado e finalmente destruído. Esta ideologia é a do

liberalismo e da seleção natural apenas pelas vias do biológico, da diversificação progressiva e sem limites que inibe a seleção natural psíquica. (LUPASCO, 1986, p. 69).

Digamos que a morte é como um mal, seria precisamente isso: o domínio⁹⁴ do macrofísico homogeneizante sobre o biológico heterogeneizante na luta entre ambos. Porém, Lupasco não nos deixou, nesse vislumbre negativo de disputa entre essas duas éticas, apenas essa noção básica de mal, porque, se por um lado o mal surge dessa relação de desequilíbrio entre as éticas macrofísica e biológica, o bem deverá ser o contrário disso: o equilíbrio das noções e valores oriundos dessas duas éticas reduzidas a estados de semiatualização e de semipotencialização numa terceira ética equilibrante, na ética do estado T. Segundo o filósofo romeno, “o bem seria a tomada de consciência do contraditório” (LUPASCO, 1986, p. 137), ou seja, o bem é entendido no centro de todo antagonismo, no fenômeno do estado T psíquico, quando se entende esse processo em que aparecem a consciência da consciência e da inconsciência e o conhecimento do conhecimento e do desconhecimento. Isso causa, segundo nossa leitura, o bem como o estado de equilíbrio dos opostos, o bem como o ponto de criação, meditação, inspiração. Para entendermos melhor a atualização que surge do estado T se constitui, conforme o exposto aqui, na tomada de decisão correta, no bem propriamente que emerge do conflito dos contraditórios. É a melhor decisão dada no psiquismo para cada situação conflitante, a qual não pende exageradamente para o homogêneo e nem para o heterogêneo necessariamente.

Por outro lado, esse bem – por ser psíquico – é um bem ainda em evolução, em desenvolvimento e deve objetivar um fim prático, isto é, para nós, deve possuir uma teleologia (finalidade) sociológica, uma vez que se trata “de uma nova evolução, uma evolução para o psiquismo sociológico, o estado T sociológico. Era aí que se deveria aplicar esta terceira ética” (LUPASCO, 1986, p. 107). Porém, precisamos entender que esse bem está para além das noções de bem e mal geradas a partir do antagonismo entre a homogeneidade (macrofísica) e a heterogeneidade (biológica), predominantes em cada uma dessas características energéticas. Observemos, portanto, as seguintes proposições do filósofo:

⁹⁴ No trílogo, Nicolescu pergunta: “por que motivo existe a morte?” Ao que Lupasco responde de forma simples que: “precisamente porque, na luta fundamental energética entre o físico e o biológico, é o físico finalmente que leva a melhor sobre o biológico, num universo cósmico onde predomina precisamente o macrofísico” (LUPASCO, 1986, p. 96-97).

Temos, pois, de separar as três noções de bem que as três éticas implicam. Toda a ética é obrigatoriamente função das noções de Bem e de Mal, e igualmente de realidade e irrealidade. Uma realidade pode ser uma coisa boa ou uma coisa má. Por exemplo, a morte é uma realidade e, no entanto, pode se considerar que não é um bem. Existe, pois, uma complexidade das noções de bem e de mal, não só sociologicamente e através da história, mas também em cada um de nós. Para alguém que se suicida o bem é a morte, uma vez que se suicida. Para ele, pelo contrário, o mal é a vida. Veja até que ponto isto é importante. Também a doença pode ser um bem ou um mal. (LUPASCO, 1986, p 128).

Com isso, o bem e o mal são propostos de maneira distinta, como explicamos acima, em cada uma dessas três dimensões éticas, até mesmo de forma a conflitem entre si para que haja um equilíbrio ao final desse embate entre atualização e potencialização do homogêneo e do heterogêneo a fim de chegar a um estado de semiatualização e de semipotencialização no estado T. Por causa desse comportamento conflitante, as éticas não podem ser rigorosamente absolutas. Quanto a isso, Lupasco amplia a discussão no triálogo, afirmando que:

Dado que essas três éticas relevam de três matérias fundamentais e dado que essas matérias só se distinguem entre elas por atualizações predominantes ou da homogeneidade, ou da heterogeneidade, ou das semiatualizações e semipotencializações do estado T, é verdade que nenhuma ética pode ser absoluta, rigorosa, quer dizer rigorosamente atualizada – ela potencializa as outras éticas. Embora, quer queiramos quer não, em virtude da coexistência das três matérias que nos constituem e que constituem o mundo, exista sempre ao lado de uma noção de Bem mais ou menos atualizada uma noção de Mal mais ou menos virtualizada, potencializada. Ou, pelo contrário, no estado T psíquico, na medida em que o ser humano é dominado pelo estado T e pela matéria psíquica, pode-se dizer que ele está no centro das duas éticas antagônicas e divergentes, saídas da própria condição das três matérias. (LUPASCO, 1986, p 129).

Assim, dadas às disposições das três matérias-energias, o psiquismo humano é posto na condição de centro dessa suspensão do antagonismo entre o bem e o mal. Nicolescu aponta o desafio da nova ética antagônica, aquilo que seria sua tarefa, a saber:

A lógica do contraditório deve desempenhar o seu papel na elaboração de uma linguagem que procure definir finalmente o que é o bem e o mal, ou talvez simplesmente, o que é o bem numa situação de equilíbrio das três éticas. No entanto temos a impressão de estarmos numa situação anárquica

em que o que é bem para alguém é mal para um outro, tanto no que respeita aos sistemas sociais como aos indivíduos. Isto engendra toda a violência de que somos testemunhas. A linguagem deve atingir uma certa precisão a fim de para evitar a confusão entre a oposição e a contradição. (LUPASCO, 1986, p 136).

Solange de Mailly-Nesle indagou sobre o relativismo ético, provocando Lupasco acerca da real importância de uma ética antagônica para que tenhamos uma construção teórica forte diante das dificuldades inerentes às temáticas práticas. Nicolescu procurou, na ocasião, afastar-se do conceito do mal diante das calamidades oriundas das inconstantes e diversificadas atribuições acerca do bem e do mal que a linguagem produziu e produz. Chamou isto de “perversão da linguagem”, ou seja, “que aquilo que se chama ‘Bem’ numa certa ética pode ser ‘mal’ numa outra” e que “há uma espécie de perversão fundamental, estrutural, da linguagem, dado que por ignorância se chama ‘bem’ ao que é ‘mal’ numa série infinita de confusões” (LUPASCO, 1986, p. 136), ocasionando as inúmeras divergências, as guerras, as violências, em detrimento dessa “anarquia” moral, a qual o mundo presencia. Com isso, haveria um norte ético na proposta de Lupasco? Poderia haver uma superação do mal pelo bem na lógica tridialética dos antagônicos? Quanto a estas questões, Basarab Nicolescu propõe que:

Devemos esquecer o mal, porque é uma noção engendrada por um pensamento binário. Creio que, numa situação de equilíbrio, deixa de haver mal. Há simplesmente o bem num contexto em que lá onde as funções de contraditórios começam a enfraquecer, a equilibrar-se. (LUPASCO, 1986, p 137).

Então, quando Nicolescu abordou sobre fazer esse esforço para esquecer a noção de mal, entendeu o conceito como parcialmente ilusório e, embora houvesse retrucado a senhora Solange de Mailly-Nesle negativamente, esta última, que tem o mérito no diálogo de promover as provocações pontualmente importantes na discussão, evidenciou que “toda forma de adesão unilateral é homogeneizante” (LUPASCO, 1986, p 139), proposição acatada por Lupasco, que afirmou: “o bem seria a tomada de consciência do contraditório” (LUPASCO, 1986, p 137), ao que de imediato Nicolescu concordou e acrescentou que seria também “a vivência do contraditório” (LUPASCO, 1986, p 137). Lupasco pareceu ter insistido apenas na explicação de sua teoria, e não em sua aplicação ao contrário de Nicolescu e Mailly-Nesle,

que queriam avançar para uma definição mais clara de uma possível prática da ética lupasciana. Isso demonstra toda a força filosófica do triálogo e representa um marco para o pensamento humano, a saber, o exato momento em que a linguagem, enfim, se entende como ambígua e se reconhece como consciência da consciência e consciência da inconsciência e também que precisa se posicionar acima dos seus conceitos criados nessas estruturas antagônicas e contraditórias para dar lugar a novas concepções valorativas intermediárias.

Portanto, nesse estado T em que a consciência adquire o conhecimento do conhecimento e conhecimento do desconhecimento, o Bem, para o filósofo romeno, aparece ontologicamente como essa tomada de consciência do seu antagonismo intrínseco, isto é, o próprio “orgasmo de Deus” (LUPASCO, 1986, p. 123), em suas palavras. Por conseguinte, Mailly-Nesle continuou tecendo provocações entusiastas no diálogo sobre como a ética pode ser entendida no pensamento de Lupasco ao contrário de Nicolescu, afirmando que: “parece-me que, pelo contrário, é preciso ter presente no espírito, ao mesmo tempo, a noção do Bem e do Mal a fim de estar em condições de destacar uma espécie de terceiro valor ou de terceiro termo”, ao que Nicolescu responde o seguinte:

Não sei qual a opinião do Sr. Lupasco, mas creio que a partir de um certo nível, ou seja, após a aceitação e a ultrapassagem das contradições, o Bem e o Mal aparecem como sendo a expressão do pensamento binário. Ainda agora nos questionamentos a propósito de Deus e do diabo e o Sr. Lupasco deu uma resposta admirável, isto é, que Deus e o Diabo “são a mesma coisa”. Se esta noção de Bem e de Mal é muito útil, dado que nos pode ajudar a compreender as coisas e a agir, há porém um certo momento, um certo nível de evolução pessoal ou social, em que se deve ter em vista, uma noção positiva. (LUPASCO, 1986, pg. 137)

Agora, a partir do que foi dito por Lupasco, a união entre o bem e o mal é sugerida por Nicolescu, ou seja, a noção de que o bem e o mal são partes distintas de um mesmo entendimento da ética. Nicolescu pareceu buscar a superação dessa dicotomia, desse pensamento binário sobre esses conceitos oriundo da realidade macrofísica imperante. Lupasco, então, interferiu e apontou que, “na realidade, o bem seria a tomada de consciência do contraditório” e que, além disso, complementa Nicolescu, é “a vivência do contraditório”, do conflito entre o bem e o mal que se chegará a uma dimensão equilibrada dessas concepções, conseguindo, assim, a concordância de Mailly-Nesle, que reitera ser esta “uma outra noção do bem que se destaca”, ou seja, o bem que recebe um novo nome a partir do triálogo, a

saber, *unidade trialética* que, por sua vez, representa um ponto de equilíbrio psíquico e, na nossa interpretação alusiva a Nietzsche, esse bem é o bem para além do bem e do mal⁹⁵.

A ortoética iniciada por Lupasco avança no conhecimento da ética (comportamento) e apresenta o Bem como certo estado de equilíbrio, chamado de estado T. Dessa forma, o filósofo romeno pretendeu explicar a possível aplicabilidade dessa ética às relações sociais, à política, à vida, porém sem indicar o “como” se deveria fazer isso. Esse é, pois, o objetivo de toda filosofia do antagonismo que abordamos no presente trabalho. De modo que até aqui vimos uma breve exposição da construção do pensamento de Lupasco em seus pontos considerados por nós os mais relevantes, desde o comportamento das três éticas até o bem tido como o estado de equilíbrio T. De maneira que toda essa estrutura de formação já se constitui a teoria ética do pensador romeno, a qual se realiza numa ética elaborada de forma filosófica e com um amplo entrelaçamento científico.

Com isso, a teoria ética de Lupasco, que contempla desde o comportamento da estrutura atômica, passando pelo comportamento homogêneo macrofísico e o comportamento heterogêneo biológico e culmina na descoberta do comportamento central de equilíbrio do estado T psíquico, nos conduziu também a uma aplicação da lógica desses dinamismos antagônicos nos sistemas sociais, nas estruturas políticas que afetam as relações humanas, favorecendo a abertura de novas discussões e interpretações sociológicas a partir desse paradigma conflitual observado nos elétrons, no átomo, na natureza, no ser biológico e psíquico. Mas o que é tudo isso? Para nós, a ética é causa e finalidade de tudo. O entendimento correto que podemos extrair da teoria lupasciana não é que o comportamento é o regente fundamental de todas as coisas, mas que tudo é essencialmente esse comportamento, que tudo é ética. Com isso, veremos agora, ao final de nosso trabalho, um esboço da interpretação que Lupasco propôs de sua ortoética no que se refere aos antagonismos sociais, ou seja, uma releitura daquela “sociabilidade insociável”⁹⁶ que com o filósofo romeno ganhou um peso científico.

⁹⁵ Ver nota 70.

⁹⁶ Que vimos aparecer em Kant, no primeiro capítulo deste texto.

3.5. Filosofia do antagonismo lupasciana e sociedade: a arte como sublimação ética no estado T

Toda essa base filosófica e científica, construída ao longo dos séculos e que se condensa em Lupasco, inevitavelmente nos levou a um novo paradigma de compreensão das relações humanas, éticas, sociais e políticas. Aliás, é isso que consideramos ser a consolidação da filosofia do antagonismo no pensamento de Lupasco, esse é o sentido de tudo o que até aqui foi apresentado: conhecer os processos antagônicos subatômicos, microfísicos, macrobiológicos e neuropsíquicos, os quais nos indicam o terceiro incluído e o enigma da afetividade para que a partir desse conhecimento procuremos novas soluções para antigos conflitos, a possibilidade de encontrarmos o exato ponto de equilíbrio de todos os nossos antagonismos, e talvez caminhar rumo à construção de novos valores, como sonhou Nietzsche. Lupasco conseguiu trazer a leitura de um comportamento típico do mundo das ciências exatas, apto de ser apreciado também pelas ciências humanas, isto é, tanto as ciências exatas como humanas podem tocar o mesmo objeto – o comportamento antagônico – para juntas poderem desenvolver a ortoética lupasciana, a qual, para nós, é a ética como causa e finalidade do esforço de todo o conhecimento.

Desse modo, o comportamento antagônico e contraditório do universo (seja subatômico ou microfísico), do sujeito biológico e neuropsíquico pode não apenas nos fazer entender os nossos antagonismos emocionais e sociais, como nos ajudar a superá-los num estado de semiatualização e de semipotencialização de cada um dos lados conflitantes. Nesse debate, começam a surgir aqueles temas sempre polêmicos e exaustivos, como aborto, violência, punição, legalização de drogas, racismo, socialismo e capitalismo, etc., os quais têm inquietado as sociedades nos últimos séculos de inúmeras potencializações e atualizações sociais. Assim, o principal problema levantado no triálogo a respeito da teoria lupasciana do estado T é qual a real possibilidade de as sociedades viverem continuamente nesse estado T, uma vez que isso parece ser impossível de ocorrer, segundo a experiência histórica da humanidade. Nesse sentido, Nicolescu indagou: “é provavelmente por isso que as sociedades atuais são de tipo homogeneizante ou heterogeneizante. Será possível imaginar uma sociedade de tipo de estado T com predominância psíquica? Em que medida uma tal sociedade é realizável?” (LUPASCO, 1986, p. 101). À essa questão, Lupasco respondeu o seguinte:

Eu levanto esse problema e digo que precisamente, de uma perspectiva sociológica não é fácil resolvê-lo. No meu livro *Psychique et Sociologie* (teria podido intitulá-lo *La société psychique existe-t-elle?*), demonstro que, precisamente, o sociológico ora é homogeneizante, ora é heterogeneizante. (LUPASCO, 1986, p. 203).

De certa forma, entendemos que aparece aqui um tipo de proposta de transvaloração⁹⁷, mas não como um aniquilamento dos valores vigentes, dados na oposição entre o macrofísico e o biológico, mas da diminuição da potencialização e atualização de ambas as tendências valorativas contraditórias até que se chegue a um ponto de nivelamento dessas oposições, não necessariamente o aniquilamento dos valores, mas um estado de suspensão que promova talvez o aparecimento do exato ponto da concordância, do bem em si como um novo valor. Não se trata de uma superação, abandono, aniquilamento, crítica, extinção, subversão dos valores vigentes, mas da diminuição de suas forças homogeneizantes e heterogeneizantes, que ocasionam o desnivelamento dos comportamentos, das éticas, gerando absolutismos ou liberalismos exagerados. A partir disso, Solange de Mailly-Nesle interveio com mais uma oportuna provocação e indaga sobre qual seria a real possibilidade de se alcançar, na prática, essa tal unidade dialética. Lupasco respondeu, afirmando o seguinte:

É um problema excessivamente difícil, precisamente porque somos agredidos a todo o momento por uma das três éticas. Se eu for um homem de bom senso, e se for igualmente físico, tenho necessariamente de me adaptar, devo ter uma ética do bem em que o bem é exatamente homogêneo ou o racional, o invariante, etc. pelo contrário, o irracional é um mal. No fundo,

⁹⁷ O filósofo alemão Friedrich W. Nietzsche escreveu uma obra intitulada “Além do bem e do mal ou prelúdio de uma filosofia do futuro”, publicada em 1886, na qual trata acerca da transvaloração dos valores e denuncia que os valores morais são contra a vida e tirânicos contra a natureza. Mas não apenas isso, Mora, com um olhar mais próximo desse termo, explica que: “O termo *Umwertung* desempenha um papel capital no pensamento de Nietzsche, que fala frequentemente de *die Umwertung aller Werte*, que foi traduzido de maneiras muito diversas: 'inversão', 'derrubada', 'subversão', 'transformação' e (mais frequentemente) 'transmutação' (de todos os valores). O tradutor espanhol de muitas obras de Nietzsche, Andrés Sánchez Pascual, propõe o vocábulo 'transvaloração' (*transvaloración*). Afirma ele que este é mais fiel ao original e menos "estridente" que os vocábulos citados, especialmente 'subversão', 'inversão' e 'derrubada' [...] que sugerem a ideia de anarquia e não de "mudança" e "substituição" de valores. O termo 'transvaloração' é aceitável, menos se com isso se torna um tanto redundante a expressão 'transvaloração de todos os valores', sobretudo se se entende que transvaloração tem de afetar a todos os valores e não só a alguns deles. De acordo com isso, *Umwertung aller Werte*, e não só *Umwertung*, poderia ser traduzido por 'transvaloração'. Por outro lado, é preciso observar que embora a intenção de Nietzsche seja estabelecer uma nova "tabela de valores" e os princípios de uma nova valoração (*Wertsetzung*), "a crítica de todos os valores supremos" admitimos até o presente tem uma importância considerável em seus esforços de "desmascaramento" – por exemplo, o desmascaramento dos "valores morais" como "valores aparentes" –, de modo que no processo da "transvaloração se produzem as numerosas "inversões" e "subversões", assim como as "transmutações" de valores a que aludiram as outras versões da palavra *Umwertung*.” (MORA, 2001, p. 2924).

todo o pensamento humano girou em torno dessas noções de realidade permanente, racional, e de realidade irracional. A ética como comportamento do indivíduo de uma sociedade, é comandada pela realidade exterior ou interior à qual somos obrigados a adaptar-nos para agir. Por exemplo, a tecnologia é certamente uma aplicação notável da física macroscópica. No entanto, ao mesmo tempo, a tecnologia pode levar à criação, por exemplo, dos computadores e das máquinas de pensar. Vê-se então, que o biológico intervém na tecnologia, ou seja, na construção de aparelhos físicos, os quais devem de algum modo imitar o psíquico e o pensamento humano. (LUPASCO, 1986, p 139).

Lupasco continuou denunciando a lógica macrofísica do homogêneo, onde o que é considerado como “racional” é sempre o bom ou a validação do bem através do que não é variável. Disso sucede que a ação individual está determinada por esse tipo de domínio. Por outro lado, dado o avanço que o campo macrofísico desenvolve com sua lógica, a exemplo dos computadores rumo à inteligência artificial, imediatamente, o homem biológico se coloca na posição de um intervencionista diante do macrofísico que se propõe a imitá-lo e substituí-lo. Desse modo, ocorre o antagonismo nesses dois campos, como uma espécie de agressão mútua. Por fim, Lupasco entendia que “o mais importante é definir, ao mesmo tempo em que definimos as três éticas, os comportamentos que devemos ter em relação às três matérias constitutivas da energia. É isso que é aplicável.” (LUPASCO, 1986, p 139), ou seja, uma vez compreendendo todo esse dinamismo antagônico, que possamos estabelecer nossas ações com relação a todo esse vasto conhecimento que agora nos é apresentado. Contudo, Lupasco não indicou como isso deveria de fato ocorrer, ou seja, não deixou um método para aplicação de sua teoria.

Disso resulta que não basta apenas conhecer, mas que é preciso viver o contraditório numa busca reflexiva que ultrapasse as duas individualidades antagônicas e que ao mesmo tempo as mantenha em conjunto. Assim, vivemos sempre no limiar de nossas escolhas, entre as escolhas homogeneizantes do mundo macrofísico, que em muito domina o biológico, e as escolhas heterogeneizantes desse mundo biológico, que conflita com o primeiro, do qual a invariância permanece sempre no contraditório. Num artigo intitulado “Energética Sociológica”, de 1982, Lupasco afirmou que “O homem sociológico não pode ser o homem individualógico” (LUPASCO 1982), numa indicação desse contraste do indivíduo particular com o coletivo social, e sinalizou, numa leitura sociológica de sua teoria, que precisamos entender que a sociedade acontece desde as dimensões subatômicas, e aponta que a partir do “*quantum* de energia”, é possível termos um modelo de sociedade, cuja essência é o seu comportamento

antagônico, ou seja, a energia em seu mais elementar grau observável se apresenta como uma espécie de sociedade fundamental.

Nas palavras do filósofo romeno, “o quantum de energia já é uma sociedade, um par feito de h constante de Planck, valor aritmético descontínuo e da frequência, oscilação contínua, portanto, um casal contraditório” (LUPASCO, 1982). Com isso, o estudioso entendia que o mundo subatômico, do qual proveem todos os objetos que percebemos em nossos sentidos, está disposto como um micromodelo de sociedade primordial, e que o antagonismo nele presente perpassa os diversos estágios de desenvolvimento até se afirmar também no mundo biológico e, conseqüentemente, no mundo prático das ações humanas. O filósofo reiterou que há desde o átomo uma sociedade que existe por meio desse antagonismo característico. Diz o filósofo:

É uma sociedade ainda um átomo composto de ondas e corpúsculos. Uma partícula como o elétron, o próton, o nêutron, é ao mesmo tempo onda e partícula, ou seja, constituintes contraditórios. Um átomo é feito de partículas que atraem e repelem ao mesmo tempo, por um antagonismo elétrico (elétron negativo do núcleo positivo), é uma sociedade que só pode existir em virtude desse antagonismo, onde essas propriedades capitais da energia aparecem: potenciação e atualização. Como as energias elétricas antagônicas devem se atualizar e potencializar-se apenas até certo ponto, sem as quais, se a eletricidade positiva do núcleo prevalecer rigorosamente, não haverá mais átomo e se a energia negativo dos elétrons é atualizado rigorosamente, não há mais átomo possível. (LUPASCO 1982).

Segundo nossa interpretação, isso significa que as tensões contraditórias e antagônicas (positivas e negativas) são necessárias nas sociedades desde o *quantum* até as sociedades humanas como as conhecemos. Contudo, nenhum dos lados dessas tensões deve ser prevalente, pois isso acarretaria em aniquilação do todo, ou seja, o átomo não existiria apenas com energia rigorosamente positiva ou rigorosamente negativa. Não se trata aqui de uma ilustração, mas de uma constatação de que os diversos elementos dispostos na dimensão subatômica são a gênese de uma constituição social fundamental que existe nessa relação conflituosa de tensões energéticas opostas que dessa forma também se complementam e desenvolvem tudo no universo. Portanto, para Lupasco, a sociedade não surge com os seres biológicos e conscientes que decidem fazer pactos e uniões diversas, mas existe antes mesmo do ser biológico, antes da razão humana. A sociedade existe como essência do mundo. Todavia, enfatizamos também que é uma sociedade composta por individualidades (corpúsculos, células,

partículas, neutrinos, etc.). Não apenas isso, mas há um processo de exclusão atômica para que haja formação das moléculas e assim das várias substâncias que conhecemos. Com base no princípio de exclusão de Pauli, Lupasco continuou:

Além disso, e isso é de importância capital, se os constituintes de um átomo fossem de perfeita homogeneidade ou se fossem de heterogeneidade ilimitada, mais átomo, mais sociedade atômica possível. E é aqui que a energia manifesta uma nova propriedade contraditória e antagonista dos mais importantes. Elétrons, prótons, nêutrons - exceto fótons - estão sujeitos ao princípio de Pauli, no qual insisto abundantemente em todo o meu trabalho. Em virtude desse princípio, conhecido como exclusão quântica, as partículas que constituem exatamente a matéria, embora sejam idênticas, se excluem, em um átomo ou gás, do seu estado quádruplo quantificado: esses quatro números quânticos (n, m, l, s) não podem ser os mesmos. Agora, é em virtude desse princípio que cada átomo pode constituir uma substância diferente, do hidrogênio a um elétron, ao urânio 92 elétrons, gerando toda a diversidade da Tabela Periódica dos Elementos (oxigênio, carbono, sódio, nitrogênio, ouro, chumbo, etc.). (LUPASCO, 1982).

Com isso, podemos concluir que, em princípio, a exclusão promove a criação. Lupasco parecia estar certo de que o antagonismo energético presente nessa dimensão subatômica continua atuando em todas as demais dimensões da realidade (seja macrofísica, biológica e neuropsíquica), de maneira que as sociedades humanas, constituídas por indivíduos conscientes, são de certa forma reproduções de uma consciência energética primordial que existe por intermédio de um equilíbrio dessas tensões contraditórias e antagonistas. Contudo, para haver uma sociedade nesse modelo, não basta apenas haver a tensão dos opostos, mas também uma espécie de harmonia dos princípios básicos de homogeneização e heterogeneização, característicos da energia que abordamos nas primeiras linhas desse capítulo. Assim, Lupasco apontou que:

Uma sociedade, seja ela qual for, para ser constituída, deve estar sujeita a um princípio de heterogeneização, mas ao mesmo tempo, a um princípio de homogeneização, manifestado em todo o universo pelo princípio de entropia crescente (ou segundo princípio da termodinâmica), em virtude do qual a própria energia também tem a tendência e a orientação para uma homogeneidade constitutiva e progressiva. Nenhuma sociedade, seja ela qual for, pode existir sem esses parâmetros de antagonismo energético: atração e repulsão, homogeneidade e heterogeneidade, com propriedades de atualização e respectiva potencialização, proibindo a passagem ao absoluto, por um

lado, como por outro de seus componentes estruturais e sistematizadores. (LUPASCO, 1982).

Com isso, o filósofo romeno considerou que toda sociedade só pode existir com base nas propriedades citadas (homogeneização e heterogeneização), as quais estão a todo instante em processos de atualização e potencialização mútuos, ocasionando certo equilíbrio, no qual nenhum dos princípios em questão prevalece sobre o outro. No entanto, esses princípios ganharam uma ênfase quanto à homogeneização, na dimensão macrofísica, e de uma heterogeneização, na dimensão biológica, evidenciando assim duas realidades que também se apresentam em oposição mútua, mas em correlação constante, em que a primeira é a atualização da potencialidade da segunda, ao mesmo tempo em que a segunda potencializa a atualização da primeira. Então, Lupasco explicou a presença dessas duas matérias e o surgimento de uma terceira matéria-energia: o indivíduo humano.

Agora a experiência mostra, e a lógica da energia a confirma: três tipos de matéria são possíveis e gerados de fato pela energia. Além disso, uma questão, isto é, um sistema e uma estrutura energética, poderia ser a sede de uma atualização majoritária da homogeneização na potenciação da heterogeneização, e é aí que matéria macroscópica, aquilo que conhecemos e que está sob a direção, aquilo que sempre chamamos de matéria. Mas uma segunda matéria energética é possível e real, ou é gradual e cada vez mais atualizada, heterogeneização sob a potenciação da homogeneização e é matéria biológica, matéria viva. Finalmente, uma terceira questão é possível e real, que é a do núcleo atômico e que, ao mesmo tempo, estranhamente, desenvolve-se macroscopicamente no sistema nervoso central, particularmente no indivíduo humano, uma terceira questão na qual a homogeneização e a heterogeneização são equilibradas no estado T, do terceiro incluído, ou seja, onde não podem exceder o respectivo e recíproco estágio de semi-atualização e semi-potenciação. Digo o indivíduo, porque é a partir deste ponto que a sociologia coloca um problema de capital, que surge de todas essas considerações anteriores e cuja importância abrange o destino e a história dos homens. isto é, onde eles não podem ir além do estágio respectivo e recíproco de semi-atualização e semi-potenciação. (LUPASCO, 1982).

É, pois, no sistema nervoso central que as duas forças antagonistas aferentes e eferentes atuam numa “oscilação rápida e contínua, de acordo com os requisitos adaptativos do comportamento do homem individual” (LUPASCO, 1982), de maneira que esse movimento dos estímulos macrofísicos e biológicos passa rapidamente pelo estado T, tornando tais estímulos conhecidos um do outro, estabelecendo assim um centro de controle, o lugar que

possibilita o domínio do conhecimento de ambos os sistemas e de sua escolha. Com efeito, é esse processo que dá origem a toda diferenciação e todo dualismo, ou seja, é no processo de perceber e agir que reside todo conhecimento do antagonismo.

O problema parece ser pontual quando olhamos para o mundo em geral ou para uma sociedade específica, ou seja, em termos gerais, o equilíbrio sempre foi uma realidade no universo. Porém, esse equilíbrio sofreu estágios de oscilação no decorrer da história (o que também é previsto na teoria lupasciana no âmbito do estado T). Especificamente, cada sociedade se mantém por certa estabilidade, uma vez que, ao contrário disso, já teria sido destruídas mutuamente, como o que aconteceu com extintas civilizações no passado. Talvez o sonho de Lupasco alinhado ao de Kant era com a futura existência de um psiquismo social em estado de equilíbrio perfeito. Por outro lado, se temos um psiquismo perfeito desde o mundo subatômico que está em paralelo com o psiquismo humano, talvez esse alinhamento ético sempre estivesse em plena atuação em todas as realidades. Ora, não podemos pensar a ética apenas pelo viés do bem da realidade macrofísica, mas devemos considerar o bem e o mal em todas as realidades em antagonismo, de modo que exista uma ética de tudo que atue em tudo com fins de criação e destruição, conhecimento e desconhecimento.

Com isso, afirmamos que dificilmente estamos caminhando para um psiquismo social perfeito no futuro, como imaginaram Lupasco, Nicolescu e Maily-Nesle, mas entendemos que sempre houve psiquismo social que se antagoniza nos mais variados embates e conflitos, gerando novas possibilidades de conhecimento a cada passo histórico, sem perder o equilíbrio necessário para a harmonia dessas lutas sobre uma mesma base de condições, ou seja, apesar dos conflitos de opinião, ideologias e filosofias, há sempre um fundamento comum de conhecimento prévio dado no equilíbrio T, que possibilita o conhecimento, a produção e a manutenção dos contraditórios. Concordamos que o equilíbrio em Lupasco não anula nem o bem e nem o mal, os quais aparecem relativos apenas na perspectiva do embate entre as realidades macrofísica e biológica, e não necessariamente no estado T em si, em que este último não aniquila as duas noções anteriores. Por outro lado, também afirmamos, por força do desenvolvimento progressivo da história como afirmava Kant, que esse equilíbrio ético seja cada vez melhor para a humanidade naquelas áreas em que a homogeneidade negativa impera com maior incidência.

Com efeito, essas explicações levam à análise do indivíduo que semelhantemente, como ser social, também está inserido em sistemas e estruturas sociais igualmente antagônicas e contraditórias em fluxo contínuo no mundo em que vivemos.

O mesmo indivíduo humano é imerso desde o nascimento, em sistematizações e estruturas sociais: grupos do menor ao maior, família, cidade, região, nação, etc. As forças sociológicas e é aqui que encontramos energia são necessariamente associativas e dissociativas ao mesmo tempo. Mas um domina o outro. Naturalmente, é apenas uma questão de atualização e potencialização mais ou menos poderosas. Um grupo ou sistema sociológico exerce uma pressão, ou seja, submete o indivíduo com seu sistema neuropsíquico que acabamos de ver, a uma homogeneização que é uma associação que inibe esses dinamismos heterogêneos, cujo princípio de dissociação é sempre presente, mas mais ou menos fortemente potencializado. (LUPASCO, 1982).

Isso significa dizer que a heterogeneidade do indivíduo enquanto ser biológico é logo sucumbida por uma homogeneização social do meio ao qual pertence. O indivíduo que é essencialmente dominado por uma ética biológica de dissociação e independência (heterogênea) logo se encontra desde cedo imerso numa padronização (homogeneidade) que o grupo o impõe. Portanto, no indivíduo “sociológico”, a sociedade é potencializada de maneira que:

Aos poucos, e de ano para ano, de grupo para grupo, o neuropsíquico individual se socializará, mesmo se passar por vários grupos ou sociedades em uma espécie de diversidade; mas há nele tipos de comportamentos, sem dúvida diversos, mas o domínio dominante é a homogeneização. (LUPASCO, 1982).

Cada indivíduo passa a adotar um padrão e valores sociais graças a essa homogeneização dominante engendrada pela sociedade a qual faz parte ou por aqueles modelos de sociedades pelas quais o indivíduo possa ter passado. Ele adotará, inevitavelmente, um determinado padrão e fará parte de uma homogeneidade por livre escolha ou por imposição violenta. Dessa forma, essa ética homogeneizante inibirá os “impulsos heterogêneos” do indivíduo e reduzirá sua ética, o seu comportamento diferente, sua ação contrária ao que é homogêneo. Contudo, é importante observarmos que sociedades são compostas por indivíduos e que, nesse sentido, a homogeneização social é erguida a partir de heterogeneidades individuais. Desse modo, uma sociedade homogênea não se constitui numa entidade em si, mas num produto de uma heterogeneização biológica geral que se propôs a tal homogeneia social, ou seja, são indivíduos diferentes que, por comportamento antagônico, acabam por se homogeneizarem na medida em que o estado T vai equalizando os conflitos. Lupasco viveu em meio

a grandes revoluções culturais e políticas do último século 20 e, embora não tenha visto a queda oficial da extinta União Soviética em 1989, ele alertou também, em sua filosofia, para o fato de que o indivíduo pode dar prioridade à sua heterogeneidade e desencadear assim processos de lutas e revoluções sociais. Com efeito, temos a elevação da heterogeneidade biológica do indivíduo que se impõe e começa a produzir uma nova homogeneidade social.

Mas pode ser que, inversamente, o mesmo indivíduo dê prioridade à heterogeneidade de sua existência. Uma sociedade de luta, de seleção natural a assombrará e pressionará. É a ação, o sistema eferente que o obcecará; ele tentará atualizar planos, projetos pessoais de ações, usando e dominando o conhecimento perceptivo. (LUPASCO, 1982).

O indivíduo de uma sociedade homogeneizadora (totalitária ou absolutista), cedo ou tarde, buscará sua emancipação heterogênea e será dominado pelo seu sistema eferente que o impulsionará na direção contrária de tudo o que lhe afere como homogêneo. Disso sucede que dois tipos de sociedade serão erguidos a partir desse embate entre a ética do homogêneo coletivo e a ética heterogênea do indivíduo, desencadeando processos históricos de antagonismos e contradições sociais: o socialismo e o capitalismo.

Dois tipos de sociedades, de política, de fenômenos históricos são gerados dessa maneira: uma sociedade cada vez mais geral e vasta, na qual aderem as psiques assombradas pela homogeneidade, na forma de igualdade, justiça e vida social., sacrifício do indivíduo pela socialidade, e é assim que chegamos ao socialismo, comunismo e totalitarismo. A sociologia não tem sistema nervoso central de controle e estado T neuropsíquico, como acabei de descrever. Contudo, uma sociedade geral e vasta com energia inversa, pelas próprias leis que acabamos de ver, desenvolverá a chamada sociedade liberal do capitalismo selvagem, como dizemos, onde os indivíduos estão sujeitos à matéria biológica, às forças da vida em suas guerras e sua carnificina contínua, onde a desigualdade, a injustiça, a seleção dos mais fortes, mais hábeis, mais astutos e cínicos prevalecem sobre os outros. (LUPASCO, 1982).

Entretanto, essa divisão não é um dualismo perfeito, mas acabará por efeito natural das forças em antagonismo, numa mistura desses sistemas em que uma sempre irá conter dentro de si certa potencialidade da outra, assimilando e compactuando de muitas de suas características que antes as distinguiam. A pressão da homogeneidade socialista evidenciará,

aos poucos, a heterogeneização em seus indivíduos, e estes, por sua vez, enfatizarão mais a liberdade individual do que uma economia coletiva e se levantarão contra o sistema totalitário que os pressiona e assim irromperão nesse sonho através da revolução.

Agora, a pressão sociológica homogeneizadora das sociedades socialistas e comunistas potencializará tão fortemente a sociedade capitalista liberal, que a segunda começará sonhando com a primeira; seus intelectuais justamente em virtude do conhecimento que é o lugar das potencializações, pensam apenas na liberdade, se levantam contra o totalitarismo inevitável das sociedades socialistas com homogeneização progressiva, em todos os campos e até nas garras e a modelagem de suas "almas", para que a revolução surja e tente se tornar realidade. (LUPASCO, 1982)

Depois de instaurado o liberalismo capitalista, o processo se repetirá de modo inverso, a progressiva heterogeneidade capitalista provocará seus indivíduos, que começarão a dar mais ênfase ao seu sistema aferente, a ponto de quererem retornar aquela sociedade homogeneizante. Segundo Lupasco: “uma vez implantado [o capitalismo], passará por um processo, primeiro intelectual, ou seja, aferente perceptivo, depois ação efervescente que será novamente atraída pelo pensamento socialista e pela sociedade” (LUPASCO, 1982). Assim, o que se observou é que jamais os sistemas nessa contínua oposição serão definitivos. O conhecimento não-socialista sempre estará presente no seio socialista e o conhecimento não-capitalista, de igual modo, sempre estará presente no sistema capitalista. Este artigo termina com um problema que é ao mesmo tempo uma crítica política levantada por Lupasco:

Pode a história, a geopolítica, de qualquer grupo sociológico, por menor que seja, por mais vasto que seja, ter uma "alma"? Poderíamos desenvolver uma sociologia psíquica? É para os pesquisadores do que é chamado de Ciências Humanas que eu proponho o problema, para esclarecer, se possível, a prodigiosa ignorância científica dos homens que governam nosso mundo. (LUPASCO, 1982).

Talvez essa seja a tarefa da nova filosofia do antagonismo deixada por Lupasco: encontrar o estado T das sociedades, um ponto no qual uma ética do equilíbrio possa ser encontrada a partir desse conhecimento que o filósofo iniciou com suas contribuições, de modo que essa ética do estado T social venha superar as tensões das ignorantes políticas que regem

o nosso mundo. Todavia, para além dessas disputas político-sociais, o filósofo romeno propôs certa saída para todo dilema proposto pela filosofia do antagonismo que encabeçou, uma espécie de ética estética como um meio-termo de sublimação, que também aparece a partir dessa contradição das tensões éticas do homogêneo e do heterogêneo no Estado T. Esse meio-termo equilibrante, Lupasco apresentou na “Ética da Arte ou Ética da matéria-energia contraditorial” (LUPASCO, 1986, p. 71), na qual evidenciou o estado T na figura do artista no momento de sua criação e explicou que:

O comportamento moral do artista distingue-se por completo dos comportamentos científicos do macrofísico, do biológico e até do psicológico. A moral metodológica do artista, de artes plásticas, da palavra ou do som, é a moral do contraditório mais intenso, com a afetividade ontológica de sofrimento-alegria que nela se precipita. O artista enquanto sujeito atualizador, deve deixar de ser o centro das energias da homogeneidade macrofísica, ou o sujeito da heterogeneidade biológica vital. O artista é essencialmente psíquico. (LUPASCO, 1986, p. 71).

Esse “essencialmente psíquico”, segundo nossa interpretação, é o puro ser ético, pois o que caracteriza a ética do artista em determinada obra não é meramente a técnica que o artista imprime à sua obra, mas o talento, a inspiração, o sujeito psíquico que se opõe, no momento da criação, a tudo o que lhe está sendo apresentado na percepção (macrofísica). A criação artística, para Lupasco, é um refrear constante da atividade do sistema neuropsíquico aferente, logo é a ética por excelência, ou seja, é a ética que está além das éticas conflitantes do macrofísico e do biológico. É uma luta de oposição ao real que o artista traça com o mundo exterior para não simplesmente reproduzi-lo como ele se apresenta, mas para transformá-lo, superá-lo ao mesmo tempo em que também inibe o seu sujeito interno (biológico). Na criação artística, o “sujeito e o objeto são de algum modo fundidos, implicar-se-ão numa semipotencialização de um e de outro, e, em simultâneo numa semipotencialização de ambos” (LUPASCO, 1986, p. 73). É a ética da superação do bem e do mal. O artista, portanto, se torna consciente de tudo que está diante dele na percepção, as linhas, as cores, os sons, as substâncias⁹⁸, ao mesmo tempo em que também tem consciência de seu interior até então inconsciente, ou seja, de si mesmo como criador⁹⁹.

⁹⁸ O mal como aquilo que é empírico, macrofísico, ou como o modo “lógico” de pensar da física clássica.

⁹⁹ O bem como consciência subjetiva do sujeito biológico e do estado T subatômico.

O artista toma consciência de sua criação como fruto da semipotencialização existente entre o macrofísico e o biológico, é a tomada de consciência de toda contradição e antagonismo nesse estado de equilíbrio. Isso é o que entendemos como o bem em Lupasco, a afetividade que nasce do interior do sujeito em conflito, do prazer produzido através do penoso e doloroso esforço. Com efeito, “a arte nunca pode estar ao serviço de nenhuma teoria política, de nenhuma ideologia, de nenhuma filosofia ou metafísica”, mas procura estar situada “justamente na liberdade e na incondicionalidade característica do psiquismo, com o seu conhecimento do conhecimento e do desconhecimento” (LUPASCO, 1986, p. 77). Assim, o estado T é esse estado de “liberdade” e de “incondicionalidade” que o sujeito artístico consegue encontrar na fronteira entre a sua percepção, o objeto e a sua criação, sua inspiração.

De um lado, temos toda a homogeneização do objeto em sua potencialidade consciente captada pelo artista, que se encontra também em oposição direta com o mesmo artista enquanto sujeito biológico (sistemas aferente e eferente homogeneizantes), dotado de uma heterogeneidade atualizadora inconsciente, ocasionando o embate do sonho da alma estética do artista com o artista enquanto sujeito em vigília, gerando uma “minuciosa descrição espaço-temporal dos pormenores” (LUPASCO, 1986, p. 75), onde esses “pormenores” frutos desse conflito acabam por promover o nascimento da obra. Logo, enquanto a ética do homogêneo se impõe à ética do heterogêneo e vice-versa, nos resta focar os esforços na ética do equilíbrio no estado T, uma vez que esse estado T é esse ponto a meio-termo entre a ética homogeneizante e a ética heterogeneizante, precisamos entender como o bem se estabelece de fato no psiquismo que é o centro culminante de todo conflito desses comportamentos homogeneizante (macrofísico) e heterogeneizante (biológico).

Com efeito, “somente o artista, poeta, pintor, escultor, músico, porque retraído em sua individualidade e nas forças criativas do sistema neuropsíquico, pode escapar, embora influenciado por ele, dessa guerra íntima de uma sociologia que tenta moer” (LUPASCO, 1982). Dessa forma, a arte instaurada na subjetividade do artista parece escapar a esses dualismos sociais como um estado intermediário, um estado harmonioso de criação que surge do conflito entre o artista interior com os objetos externos, ou seja, apesar do artista se encontrar ligado aos dinamismos polarizados, ele consegue superar, igualmente por um movimento de oposição, esse conflito para assim produzir sua obra e com isso conseguir gerar o novo. Disso se conclui que o filósofo romeno abordou o estado T como esse ponto de equilíbrio que pode ser entendido positivamente como o bem ético, a “seleção natural psíquica”, a qual, segundo o filósofo, é “a mais importante e a mais criadora no destino e na existência humanos. É a seleção da arte em todas as suas formas, tais como as performances da

meditação e as forças do imaginário” (LUPASCO, 1986, p. 69). O estado de equilíbrio psíquico é o local da criação artística e de toda a afetividade, é o local do aparecimento e desaparecimento do terceiro incluído.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão que chegamos após esse breve estudo sobre a consolidação da filosofia do antagonismo na ortoética de Stéphane Lupasco é que tudo se constitui em triética antagônica, ou seja, tudo que conhecemos e desconhecemos é ética. O universo e tudo que afirmamos como “substância” física, biológica e psíquica consistem em comportamento antagônico dado em certo equilíbrio ou estabilidade, na ética em si mesma. Partindo das descobertas do filósofo romeno, chegamos a essa ortoética como o ponto de convergência fundamental entre a filosofia do antagonismo estruturante e a filosofia do antagonismo científico, além de contemplar também todos os demais saberes, ou seja, só há transdisciplinaridade na perspectiva de uma ética comum como ponto de toque, causa primeira e finalidade de tudo.

Com efeito, enfatizamos que essa ética não é apenas o mero comportamento da matéria-energia, como Lupasco nos apresentou inicialmente, pois isso leva a entender que existe algo para além da ética, um “algo” que se comporta, isto é, na leitura de Lupasco, fica subentendido a existência de certa “coisa” que possui a ética como característica ou propriedade. No entanto, ajustamos a teoria lupasciana para a compreensão de que a ética é ela mesma, essa energia em constante movimento criador, para a qual orientamos que seja utilizado o termo: *ética energética*, o qual consideramos abarcar tanto a filosofia e a física como um mecanismo comum capaz de transitar entre esses conhecimentos daqui por diante. De modo que a ética é energia antagônica em equilíbrio, e não que a energia possui certo comportamento, uma vez que não se pode definir categoricamente a energia fora desse comportamento, ou seja, o que detectamos sobre a energia é o seu comportamento. Logo, não há sentido definir energia fora do conceito de ética, já que o que podemos definir de todos os processos físicos (macrofísicos ou subatômicos), biológicos e psíquicos do universo é que há certo comportamento igual, e é esse comportamento que nos mostra tudo que podemos conhecer. Assim, os conceitos de energia, matéria, substância, consciência, pensamento não passam de ética e é no último conceito que encontramos um sentido comum e universal.

Sendo assim, apresentamos no presente estudo algumas das inúmeras e evidentes sinalizações históricas da relação¹⁰⁰ entre filosofia e física que vêm se estendendo desde a

¹⁰⁰ As relações entre quântica e filosofia foram apontadas desde o início pelos próprios físicos: Heisenberg, Bohr, Schrödinger, Bunge, etc., os quais citamos ao longo do texto, a exemplo de Niels Bohr, que, numa tentativa de sinalizar um objetivo comum para todas as ciências, afirmou: “Na verdade, a grande perspectiva dos estudos humanistas talvez consista em eles contribuírem, através de um crescente conhecimento da história e do desenvolvimento cultural, para a eliminação gradativa dos preconceitos, que é a meta comum de todas as

Antiguidade, mas defendemos que o entrelaçamento definitivo veio apenas por meio de Lupasco, naquilo que se refere ao modo de ser de todas as coisas, ou seja, desse comportamento ético universal que existe em tudo. Portanto, tudo que foi dito anteriormente dessa relação filosofia-física se funde em Lupasco. Por outro lado, avançamos no estudo conceitual do filósofo romeno quando consideramos a ética não apenas como o comportamento do universo, mas como essência e finalidade de tudo, ao contrário do filósofo romano que, segundo nossa leitura, manteve o discurso da triética como um comportamento característico da matéria-energia. Isso também atrelado ao conceito de equilíbrio ou de estabilidade. Evidente que a base de tudo isso está posta na riqueza filosófica que ele nos deixou. De maneira que a tese é um passo adiante no sentido de procurar estruturar um objetivo conceitual ao trabalho de Lupasco, onde a ética se caracteriza como princípio e fim de todo conhecimento. Desse modo, entendemos que, para aprender matemática ($2+2$), precisamos considerar que, antes do número e da equação, há uma ética contraditória implícita nesse " $2+2$ ", que está inclusa nessa operação. Que, para estudarmos a célula, antes precisamos saber, já no Ensino Fundamental, que há uma ética do antagonismo incluída ali na célula desde as primícias de seus processos formativos. Esse objetivo nos pareceu ter ficado em suspenso no último diálogo entre Lupasco, Nicolescu e Mailly-Nesle.

Se, no campo da física, tínhamos antes os *femions* e os *bósons*, agora temos os *anyons*¹⁰¹, com propriedades e características divergentes e que ao mesmo tempo se complementam em tudo aquilo que chamamos de universo, ou seja, é o comportamento antagônico. o real movimento criador, potencializador, atualizador e estabilizador de tudo que conhecemos e também de nossa consciência. Tudo é ética. Consequentemente, se a natureza funciona por meio da união dos divergentes, o mundo dos comportamentos humanos não é diferente. Logo, esta tese foi uma afirmação de que os estudos de Lupasco nos conduziram não apenas a uma explicação do mundo num modelo transdisciplinar, mas que eles nos mostram a verdadeira realidade de tudo até onde podemos alcançar hoje, a saber, tudo acontece de forma virtual nesse comportamento, nessa ortoética.

ciências" (BOHR, 1939, p. 39), e por pensadores como Boaventura de Sousa Santos, o qual afirmou em "Um Discurso Sobre as Ciências", que: "temos finalmente de perguntar pelo papel de todo o conhecimento científico acumulado no enriquecimento ou no empobrecimento prático das nossas vidas, ou seja, pelo contributo positivo ou negativo da ciência para a nossa felicidade"(SANTOS, 2008, p. 18). Portanto, a resposta à essa finalidade científica e filosófica foi o que procuramos apresentar na presente tese a partir de nossa interpretação de Lupasco.

¹⁰¹ *Anyons* são completamente diferentes dos *femions* e *bósons*, mas surgem a partir da interação entre eles. Ver Disponível em: <<https://www.facebook.com/202812709757999/posts/3629410980431471/?sfnsn=wiwspwa>>. Acesso em: 16/02/2021

Ora, isso é mais uma constatação do terceiro termo incluso que Lupasco demonstrou. É mais uma confirmação das investigações de Lupasco, mas no sentido de que a física não tem a sua finalidade na bomba atômica, nem no laser ou em computadores quânticos, mas diretamente nos comportamentos e relações humanas. Logo, a finalidade de toda física, biologia, matemática é nos mostrar o exemplo dessa ética como o tudo, nos fazendo entender nossos comportamentos para assim procurarmos desenvolver melhores relações com base na busca de um maior equilíbrio e de uma estabilidade cada vez mais acentuados. Toda ciência, filosofia, religião, arte funcionam com base nessa "ética T" e é essa ética a sua finalidade. Portanto, entendemos que ainda não se tinha discutido o trabalho de Lupasco especificamente nestes termos. A inicialização e a sinalização para isso já temos e é evidente, mas o que procuramos defender ao longo deste trabalho foi com respeito à uma consolidação mais substancial no campo da ortoética propriamente, constituindo-se, para nós, no único ponto de convergência de todos os saberes. Disso sucede que cabe à filosofia desenvolver com mais afinco essa ponte, aprofundar essa discussão, uma vez que entendemos que, depois de Lupasco, a filosofia pôde se apropriar com maior facilidade e propriedade das demais ciências para desenvolver essa nova ética, esse modelo "tridimensional" da ética.

A ética biológica nos diz sobre uma ética que vai do indivíduo para a sociedade – heterogeneização –, e a ética macrofísica nos mostra um comportamento que vem do geral (sociedade) para o indivíduo – homogeneização – e, para além desse fluxo, existe uma energia consciencial apto de equilibrar as partes, seria o "acordo" e ao mesmo tempo o elemento que revela o antagonismo, é o próprio antagonismo ou "orgasmo de Deus" (LUPASCO, 1986, p. 123) nas palavras de Lupasco. O que nós procuramos afirmar também desde o início desse texto é que esse *termo médio* é a "vontade cósmica" de Schopenhauer, o "*noumenon*" Kantiano, é o "*Dasein*" de Heidegger, o "*nirvana*" budista, a "*trindade*" cristã, etc, etc. O estado T sempre esteve representado nos grandes conceitos fundamentais de todos os filósofos, mas que hoje e a partir das descobertas de Stéphane Lupasco é que podemos ter uma maior clareza disso tudo, aliado à física quântica, à biologia, à neurociência, e aos demais saberes.

Portanto, a presente investigação de uma ética a partir do pensamento de Lupasco parece nos ter direcionado a uma admissibilidade dos antagonismos e contradições como fatores que engendram tudo que existe no universo em todas as suas dimensões e, inclusive, as diversas atribuições e concepções de bem e de mal que conhecemos. Nas palavras de Mailly-Nesle, "de fato, seria necessário encontrar um terceiro termo para evitar a confusão. Uma terceira palavra, se assim posso dizer, que consubstancie e inclua as outras duas."

(LUPASCO, 1986, p. 138). Logo, entendemos que o termo “equilíbrio ético” seja esta palavra tão procurada por Mailly-Nesle no triálogo para evitarmos as inúmeras confusões do arbítrio humano, se é que podemos considerar dessa forma.

Por conseguinte, Lupasco abriu um espaço para pensarmos uma nova ética que possa vir a superar os dualismos de nossos valores tradicionais, uma vez que, no âmbito da biologia e da física, já podemos observar a operação de sistemas antagônicos que servem de substrato para todas as nossas representações (conhecimentos) do mundo, ou seja, se entendemos certo bem ou certo mal, o fazemos com base em toda potencialidade que nos cerca, em todas as vivências e em tudo que adquirimos na percepção e transformamos através de certa atualização inconsciente em conhecimento para nós.

Segundo Lupasco, todo conhecimento que produzimos é produto de sistemas energéticos que se relacionam de maneira antagônica, os quais somente há um século tivemos acesso de forma mais contundente, principalmente pela força das investigações científicas embasadas e muitas vezes motivadas pelo conhecimento filosófico. Estas conclusões são importantes e relevantes para o estudo analítico do antagonismo ético que agora está à nossa disposição, a saber, diante desses objetos antagônicos de bem e mal dispostos nas relações dinamizadas das três éticas (macrofísica, biológica e psíquica), o bem se define agora não apenas para “além do bem e do mal”, mas surge do dinamismo entre eles. Nessa interpretação, o bem é a presença do equilíbrio entre o bem e o mal, é a ética energética no estado T.

O valor autêntico, portanto, está em algo que surge desse embate, da divergência, da contradição que interpretamos como um equilíbrio valorativo ao contrário dos valores pontuais, dados pela ênfase do homogêneo ou do heterogêneo. Essas variáveis inevitavelmente possuirão um ponto de atualização, a questão é saber qual é exatamente esse ponto sem que homogeneizemos demais ou heterogeneizemos demais de um lado ou de o outro, ou seja, compreender de fato que os extremos são perigosos. Na teoria do conhecimento em Lupasco, o indivíduo dotado de consciência recebe um lugar de centralidade, que se formou em algum ponto de seu desenvolvimento partindo da natureza macrofísica para a biológica e começou a decodificar o mundo sensível para que a partir daí pudesse descrevê-lo através de processos neuropsíquicos que operam em oposição contínua. Este “descrever” o mundo é, portanto, um princípio de contradição, onde os próprios objetos desse mundo macrofísico, sendo plurais (heterogêneas), fazem parte de um todo (homogêneo), um complexo harmonioso de coisas e fatos que se combinam e se completam ainda que sejam diferentes e contraditórios em suas relações energéticas.

Com isso, a contradição passou a não ser mais algo, à primeira vista, que implicasse num verdadeiro ou num falso necessariamente, mas ganhou um sentido positivo no que se refere à diferenciação. É quando entendemos as duas alternativas contraditórias ou antagônicas não mais como verdadeiras ou falsas, mas admissíveis do ponto de vista de um terceiro incluído, ainda que este último seja, de certa maneira, desconhecido para o nosso entendimento e estranho para a construção e conclusão lógica formal das proposições que formatamos na consciência. Isso ocorria pelo simples fato de que não conhecíamos ainda as três orientações (ou comportamentos) éticas, nas quais tudo parece estar regido, isto é, entender a contradição como algo negativo é analisar tudo apenas por uma perspectiva, por apenas uma das éticas: a ética macrofísica do homogêneo. E foi esta lógica de uma ética do homogêneo que sempre se impôs e ainda prevalece como lógica científica em nossos dias, ou seja, como um “mal” a ser equalizado.

No entanto, apesar da importância da ética homogênea, a partir de Lupasco, foi possível um avanço para o entendimento acerca da ética heterogênea, a qual se opõe à primeira e depois à ética do estado T como ponto de criação que surge do contínuo antagonismo das duas primeiras. Isso foi o que procuramos demonstrar ao iniciar a primeira jornada do antagonismo com alguns filósofos clássicos, como Heráclito e Kant. Todos os que observaram o conceito de antagonismo com suas nuances na tradição filosófica nos deixaram um legado fascinante sobre as investigações no campo dos dualismos lógicos, num movimento cada vez mais denso e profundo do pensamento humano, no qual quanto mais mergulharam no conhecimento do antagonismo e da contradição, foram desenvolvendo, em cada modo próprio de pensar, uma filosofia do antagonismo, a qual perpassou as fronteiras filosóficas e alcançou novos horizontes nos discursos e experimentos da ciência.

No segundo aspecto da filosofia do antagonismo, pudemos, então, expor resumidamente esse alargamento das concepções de antagonismos até o desdobramento do pensamento científico com seus discursos, teorias e experimentações conflituosas, das quais principalmente a física se ocupou ao longo dos últimos séculos e se encontrou em notória centralidade com relação ao tema do antagonismo. Por força desse segundo aspecto, apresentamos os discursos antagônicos acerca da natureza da luz (se onda ou partícula), estabelecendo, a partir do conflito dessas identidades, a conclusão de que ambas as naturezas são possíveis e estão presentes no mesmo ente (a luz). Com efeito, a luz, que serviu para Einstein chegar às suas conclusões sobre relatividade geral, tornando compreensível a gravidade no campo macrofísico, também foi o motivo das experimentações mais intrigantes no campo da física quântica.

Em seguida, vimos acontecer com isso o nascimento propriamente da mecânica quântica com Planck, a qual se tornou identidade de oposição à física clássica, a sua negação, uma espécie de não-física. Com isso, descobrimos que o mundo quântico, o qual nos rendeu, ao longo dos últimos cem anos, inúmeros avanços na medicina, computação, energia nuclear, desenvolvimento de satélites, parece funcionar de maneira totalmente contrária a tudo aquilo que conhecemos no campo macrofísico, regido por uma série de leis divergentes daquelas da física clássica. Isso constitui, sem dúvidas, no que existe de mais incompreensível na ciência hoje, a saber, como o micromundo (subatômico) e o macromundo se complementam, uma vez que são regidos por comportamentos tão conflitantes, mas que são também igualmente inteligíveis e mostram-se no mundo tido por nós como real. O impasse físico parece estar, precisamente, em não conhecer ainda qual é o real papel que a gravidade desempenha no reino quântico.

Disso resulta que, se por um lado, na teoria geral da relatividade, o tempo e o espaço se encontram unidos, para os teóricos quânticos, o tempo e o espaço parecem estar dissociados, uma vez que as partículas não podem se apresentar estaticamente em um determinado momento fixo do espaço, o que proporciona a incerteza, a imprecisão, a probabilidade. De modo que esse processo de ricas contribuições da filosofia, da física e da biologia culminou na filosofia de Stéphane Lupasco. A consciência, enfim, parece ter descoberto o seu próprio caminho unificador de si mesma enquanto uma consciência de ciências disposta em três éticas distintamente correlacionadas. Um enigma para as próximas gerações.

No entanto, acreditamos que foi alcançado o objetivo de apresentar o pensamento de Lupasco como o pensador que consolidou, de um modo discursivo “inovador” – no que se refere à sua formalização sistemática como tal se realizou na presente pesquisa –, a filosofia do antagonismo que observamos, a qual se configurava com força cada vez mais acentuada ao longo da história do pensamento humano. Assim, nas palavras de Petru Ioan, no artigo intitulado “Stéphane Lupasco e a Propensão ao Contraditório na Lógica Romena”, “a conduta de Stéphane Lupasco e de seus continuadores, direcionando-se para a valorização do terceiro supravindo, concretiza-se em páginas duradouras e admiráveis de epistemologia e de filosofia do conhecimento” (IOAN, 2001, p. 167), o autor complementa mais adiante que:

Para concluir, diremos que a mensagem de epistemologia e da filosofia de Stéphane Lupasco, continuada de maneira tão esclarecedora pelo físico e ensaísta Basarab Nicolescu, é a propagação da complementaridade e da co-relatividade para todas as esferas do conhecimento, a visão do real a partir

de parâmetros sistêmico e morfo-genéticos, a reconciliação do homem com a natureza e a das ciências exatas com as ciências humanas, a ressurreição de uma metafísica autêntica, em relação com um energetismo, surpreendente em todos os níveis da existência, a constituição de uma nova cultura e a procura de um novo tipo de humanismo. (IOAN, 2001, p. 172).

E também nas palavras de Random:

Lupasco introduziu-nos ao cadinho alquímico de uma ciência e de uma filosofia rigorosa que, por uma espécie de lógica interna, conseguia abrir os maiores horizontes. Insensivelmente, ele nos fazia compreender a natureza do espelho, mas também pressentir o que existia do outro lado do espelho. Era preciso um outro olhar. Pois, dizia, “se só há o procedimento científico, as aquisições teóricas do conhecimento constituído deixaram de responder-lhe”. (RANDOM, 2001, p. 263).

Por toda essa significação que muitos têm atribuído que Lupasco representa a única aproximação considerável entre a tradição filosófica e a ciência após longos séculos em que o desenvolvimento da ciência e seus avanços pareciam ter dado um ar de distanciamento da filosofia. Mas hoje, diante da física quântica, temos não apenas um reviver filosófico como também a possibilidade de, enfim, proporcionar uma unidade quanto à finalidade desses conhecimentos, ou ao menos um partilhar mais próximo entre os mais diversos discursos das áreas do conhecimento (chamadas exatas e humanas), o que já ocorre, por exemplo, com as teorias da transdisciplinaridade, porém, sem a ética universal como ponto de convergência, tal como apresentamos aqui. Isso se deve, atualmente, em grande parte a Stéphane Lupasco, o qual foi defendido neste trabalho como aquele que inaugurou, juntamente com a física quântica e a biologia, um novo prisma filosófico para a humanidade, aquilo que chamamos de *Filosofia do Antagonismo*, a qual foi esboçada em trabalhos anteriores de forma mais aleatória, principalmente no campo da filosofia da ciência, da linguagem e analítica como já foi dito acima. Entretanto, somente na perspectiva da *Filosofia do Antagonismo* é que podemos centralizar o conceito de antagonismo como ponto de convergência definitivo entre os saberes, onde causa e finalidade estão postas na ética energética.

Assim, ainda que o antagonismo tenha estado presente em toda a história do pensamento nas mais variadas formas discursivas, seu caráter intrigante e inquieto perpassou os séculos sem uma base mais sólida para além da mera especulação e dedução teórica até que

se encontrou como identidade filosófica na ortoética de Stéphane Lupasco. De maneira que o filósofo romeno não apenas proporcionou essa união entre filosofia e ciência, mas, segundo nossa interpretação, apontou para a finalidade dessa união numa espécie de teleologia ética. Muito embora ele ainda não tenha o devido reconhecimento de seus méritos aqui no Brasil¹⁰², é notório que o seu trabalho se apresenta relevante no cenário filosófico e científico por ter proporcionado, se bem o compreendemos, uma confluência entre os avanços científicos com as inúmeras investigações filosóficas no que se refere à filosofia do antagonismo que abordamos. Não obstante, a qual consideramos como um novo marco para o pensamento filosófico e científico ainda pouco explorado em nossos dias.

Dada a sua importância, este trabalho se constituiu, como já expusemos nas justificativas em seu preâmbulo, numa tentativa de implementar, no seio acadêmico, uma linha filosófica distinta para propor um avanço do estudo da filosofia prática sempre a partir dessa afirmação do alinhamento com o trabalho de Lupasco. Tal linha, que se estabeleceu aqui como a *Filosofia do Antagonismo*¹⁰³, poderá, num futuro próximo, ser também subdividida em diversas outras linhas de estudos antagonistas com viés lupasciano, como *antagonismo social, político, físico, histórico, religioso*, dentre outros. Porém, antes de tudo, é preciso considerar Lupasco como um filósofo, título concedido amplamente a ele pelo físico teórico e idealizador de teorias da transdisciplinaridade, ensaísta e ganhador de diversos prêmios, o senhor Basarab Nicolescu, atual presidente da CIRET¹⁰⁴, amigo e mais proeminente comentar e propagador de suas ideias, uma ponte direta ao pensamento de Lupasco que temos à nossa inteira disposição em nossos dias para consulta direta, o qual também foi fonte de inspiração e de pesquisa direta deste estudo.

Desde os pré-socráticos e mais enfaticamente a partir de Aristóteles, na antiguidade e na modernidade, com o idealismo transcendental de Kant, o qual parte das perspectivas copérnicas de mundo, o pensamento filosófico procurou sempre se fundir com o discurso científico (físico) e religioso sem muito sucesso, mesmo apesar de que grandes sistemas filosóficos foram erguidos nesse sentido. Entretanto, essa aproximação ganhou, conforme nossa interpretação, uma possibilidade real de convergência prática com as descobertas de

¹⁰² Apesar de encontrarmos algumas referências pontuais inspiradas em seu trabalho, como no caso da revista Terceiro Incluído da UFG disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/teri/announcement/view/243>>. Acesso em: 16/02/2021.

¹⁰³ Repetimos que a *Filosofia do Antagonismo* já foi esboçada em trabalhos anteriores, mas não com o conceito que aplicamos aqui e sem o devido embasamento na filosofia de Lupasco e nem sobre a égide de uma ética energética como causa primeira e teleológica.

¹⁰⁴ Centro Internacional de Pesquisa e Estudos Transdisciplinares. Disponível em: <<http://ciret-transdisciplinarity.org/>> Acesso em: 19/01/2019.

Lupasco. Com isso, estamos certos de que a filosofia lupasciana contempla essa união ética entre as aspirações teóricas da tradição filosófica e os experimentos e proposições científicos com ajustes consideráveis dentro das inovações oriundas da física quântica, da biologia e da neurociência do último século. Consequentemente, o nosso objetivo foi o de apresentar Lupasco como um filósofo do antagonismo, quem consolidou essa perspectiva filosófica antagonista no campo da ética, ou seja, a ortoética é a finalidade de toda filosofia do antagonismo, quer oriunda da tradição filosófica ou científica.

Portanto, caminhamos, no presente estudo, por considerações preambulares ao seu pensamento, principalmente situados em sua obra “O Homem e as suas Três Éticas”, que nas palavras do Sr. Nicolescu, em e-mail particular, nos afirmou ser “a melhor” obra de Lupasco para trabalhar aquilo que havíamos proposto. Entendemos que ela foi o norte da presente discussão, uma vez que o filósofo romeno sintetizou seu pensamento direcionando-o especificamente ao campo prático, objetivo último e motivo principal da presente tese. Ao apresentar ao mundo as suas três éticas (macrofísica, subatômica e psíquica), Lupasco conseguiu estabelecer um discurso original que contempla diversos conteúdos, alinhando-os naquilo que podemos entender como um sistema filosófico antagonista transdisciplinar.

De modo que, a partir desses comportamentos energéticos antagonísticos que o filósofo romeno identificou desde o núcleo atômico até os campos macrofísico, biológico e neuropsíquico, podemos compreender aquilo que se pode denominar de uma “ética de tudo”, ou seja, um comportamento ou conduta próprios dessas três realidades que se complementam por mútuos conflitos. Em outras palavras, tudo o que conhecemos tem uma ética, um comportamento em comum, uma mesma maneira antagônica de existir, de ser. A natureza, o universo, o átomo, as partículas, a luz, o ser humano enquanto sujeito biológico e dotado de uma consciência que só é capaz de produzir conhecimento disso tudo graças a esses comportamentos antagonísticos predominantes em tudo, até mesmo nas associações moleculares e na recíproca ação que exercem uns sobre os outros.

A ortoética é, então, essa harmonia energética de constante antagonismos, é o equilíbrio entre o homogêneo e o heterogêneo no estado T, e dessas éticas conflitantes nasce a consciência da consciência e da inconsciência, o conhecimento do conhecimento e do desconhecimento no estado T de semiatualização e semipotencialização, do qual surgem também a criação artística, o fenômeno religioso e a afetividade. Por outro lado, entendemos ainda que Lupasco não nos deixou um pensamento conclusivo acerca dessa finalidade ética de suas descobertas. O que temos é uma sólida base que nos permite tecer novas especulações a partir do caminho que ele nos mostrou. Com isso, um primeiro passo para novas pesquisas foi

problematizado e provocado pelo próprio filósofo romeno ao indagar sobre a possibilidade de encontrarmos o estado T das sociedades, um ponto de equilíbrio comum entre todas as tensões antagônicas que presenciamos entre as diversas sociedades existentes no mundo.

Talvez esse continue sendo o nosso maior desafio: o de encontrarmos a harmonia e a paz entre os extremos sociais e valores homogeneizantes e heterogeneizantes, cultivados e cultuados nos mais variados grupos sociais humanos. Uma harmonia que não seja excessivamente totalitária nem liberal, que suporte as liberdades heterogêneas dos indivíduos por um lado e, por outro, preserve uma homogeneidade na coletividade. Daqui por diante, nos resta identificar os pontos cegos da filosofia de Lupasco sob o olhar do método e da lógica do antagonismo por ele desenvolvidos, para, por meio de sua negação – exercício natural da consciência em seus processos de desconstrução e reconstrução –, avancemos nessa busca por esse estado T psíquico da humanidade, o qual nos parece uma tarefa extremamente complexa de ser realizada, muito embora defendêssemos que isso sempre ocorreu no desenvolvimento humano de maneira dinâmica. Além disso, nada mais encontramos de herança da filosofia lupasciana, a não ser esforçadas pesquisas em transdisciplinaridade e do imaginário que tem a lógica do contraditório em sua base.

Portanto, Lupasco não nos deixou uma ética acabada que pudéssemos aplicar como parâmetro para as sociedades, isto é, um método, mas entendemos a importância inovadora de seu pensamento ao nos apresentar as três realidades éticas, as quais precisam ser pensadas e aperfeiçoadas como procuramos desenvolver aqui na perspectiva de não mais uma ética da energia, mas da energia como ética em si. Com efeito, a obra de Lupasco pode ser entendida como uma proposta de um sistema ético físico-filosófico. Talvez um grande avanço tenha sido, num primeiro momento, o devido esclarecimento da existência dessas três éticas compreendidas na física, biologia e no psiquismo, de maneira que o desenvolvimento de seus estudos com novos interesses acadêmicos possa nos conduzir para uma aplicação social mais clara e eficaz de suas ideias.

Logo, nos vemos novamente numa minoridade¹⁰⁵, e nela pudemos conhecer que vivemos em heterogenias e homogenias sociais em constante desequilíbrio por haver ainda a prevalência, nas muitas sociedades, tanto de uma como da outra tendência, gerando assimetrias de ordem valorativas, de maneira que não nos permitem ainda identificar o estado T

¹⁰⁵ Alusão ao conceito de “menoridade” que Kant apresenta em seu texto “Resposta à pergunta: Que é ‘Esclarecimento’ (Aufklärung)?” de 1783, no qual o filósofo de Königsberg afirmou que “Esclarecimento (Aufklärung) é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado”. (KANT, 1985, p. 100).

equilibrante da humanidade, onde a homogeneidade de uns se encontra em semiatualização e semipotencialização com a heterogeneidade de outros. Ou, por outro lado, talvez já estejamos vivenciando esse equilíbrio no mundo tal como ele é, com seus conflitos e discórdias, com suas democracias e antidemocracias, comunismos e anticomunismos. Isso foi o que filósofo romeno nos deixou, um problema que é igualmente uma tarefa a cumprir: é possível vivermos num estado T social? É possível identificarmos a “alma” da humanidade? Para essas repostas, o filósofo romeno nos sinalizou a importância de todas as pessoas aprenderem sobre as três éticas por meio da educação, além de acreditar num progressivo desenvolvimento do psiquismo.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução de Alfredo Bossi e Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- AGOSTINHO, Santo. **O Mestre**. Tradução Antônio Soares Pinheiro. São Paulo: Landy Editora, 2006. Pg. 64. Disponível em: <file:///C:/Users/Fam%C3%ADlia/Downloads/O%20Mestre%20-%20Santo%20Agostinho%20-%20www.bibliotecacrista.com.br.pdf>. Acesso em: <16/02/2021>.
- ANDRÉ, José G. **O Conceito de Antagonismo na Filosofia Política de Kant**. Trans/Form/Ação, Marília, v. 35, n. 2, p. 31-50, Maio/Ago., 2012.
- ARENDT, Hannah. Lições sobre a Filosofia Política de Kant. Tradução e ensaio de André Duarte de Macedo. Rio de Janeiro: Relume Dumarà, 1993.
- ARISTÓTELES. **Metafísica Livro IV (Gamma) e Livro VI (Epsilon)**. Tradução, introdução e notas Lucas Angioni. Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução / Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. n. 1 (2002). Campinas: UNICAMP/IFCH, 2007, 59 p.
- BEAUREGARD, O. C. Seria o Real Autoportador? In: NICOLESCU, Basarab; BADESCU, Horia. **Stéphane Lupasco: o homem e a obra**. Triom, 2001. p. 275, 276.
- BACHELARD. **O Novo Espírito Científico**. Trad. Remberto Francisco Kuhnen. São Paulo; ed. Nova Cultural, 1988, p. 45.
- BERKELEY, George. **Tratado Sobre os Princípios do Conhecimento Humano**. Tradução André Campos Mesquita. São Paulo: Escala, 2006.
- BOHR, N. **Física Atômica e Conhecimento Humano**. Rio de Janeiro; Ed. Contraponto, 1995.
- BOHR, N. **Atomic Physics and the Description of Nature**. Cambridge; Cambridge University Press, 1934
- BRENNER, Joseph E. **The Philosophical Logic of Stéphane Lupasco (1900-1988)**. Logic and Logical Philosophy Volume 19 (2010), 243–285.
- BUNGE, Mário. **La philosophie de Niels Bohr**. Horizons philosophiques, vol. 2, n° 2, 1992, p. 27-50. Disponível em: <http://id.erudit.org/iderudit/800894ar>. Acesso em: <09/04/2020>.
- BUNGE, Mário. **Controversias en Física**. Madrid: Tecnos, 1983.
- CAYGIL, Howard. **Dicionário Kant**. Tradução, Álvaro Cabral. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2000.

DESCARTES, René. **Meditações Metafísicas**. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DURAND, Gilbert. A Antropologia e as Estruturas do Complexo. In: NICOLESCU, Basarab; BADESCU, Horia. **Stéphane Lupasco: o homem e a obra**. Triom, 2001. P. 62.

FERGUSON, Michael. Unsocial Sociability: Perpetual Antagonism in Kant's Political Thought (Sociabilidade Não-Social: Antagonismo Perpétuo no Pensamento Político de Kant). In: ELIS, Elisabeth (org.). **Kant's Political Theory: Interpretations and Applications**. Pennsylvania: Pennsylvania State University. 2012. p.150-169. Disponível em: <https://books.google.com.br>. Acesso em: 05/08/2020

FICHTE, Johann Gottlieb. **Sobre o Conceito da Doutrina da Ciência ou da Assim Chamada Filosofia**. Introdução, notas e tradução de Ricardo Barbosa. Trans/Form/Ação, Marília, v. 38, n. 2, p. 205-210, Maio./Ago., 2015. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/transformacao/article/view/5240/3691>>. Acesso em: <14/09/2020>.

GALEFFI, Dante Augusto. Ética e Complexidade: a emergência tri ética planetária. In: AZEVEDO, Eliane Elisa de Souza e; SILVA, João Carlos Salles Pires (Org.). **Ética e ciência**. Salvador: Academia de Ciências da Bahia, 2012.

GHILS, P. Linguagem e Contradição. In: NICOLESCU, Basarab; BADESCU, Horia. **Stéphane Lupasco: o homem e a obra**. Triom, 2001. p. 297.

GÓRGIAS. **Testemunhos e Fragmentos**. Trad. port. Manuel Barbosa e Inês de Ornellas e Castro. Lisboa: Edições Colibri, 1993.

HEISENBERG, W. **A Parte e o Todo**. Rio de Janeiro; Ed. Contraponto, 1996

HEISENBERG, W. **A Descoberta de Planck e os Problemas Filosóficos da Física Atômica**. In: Problemas da Física Moderna. São Paulo; Ed. Perspectiva, 2004

HEISENBERG, W. **The representation of Nature in Contemporary Physics**. Deadalus, 1958

HERRERO, Francisco J. **Estudos de Ética e Filosofia da Religião**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

INWOOD, Michael. **Dicionário Hegel**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

Inwood, M. J. **Dicionário Heidegger**. Tradução Luísa Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

IOAN, P. Stéphane Lupasco e a Propensão ao Contraditório na Lógica Romena. In: NICOLESCU, Basarab; BADESCU, Horia. **Stéphane Lupasco: o homem e a obra**. Triom, 2001. p. 167, 172.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. Dicionário Básico de Filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

KANT, Immanuel. The Only Possible Argument in Support of a Demonstration Of the Existence of God (O Único Argumento Favorável a uma Demonstração da Existência de Deus). 1763). In: Theoretical philosophy 1755-1770. Traduzido e editado para o inglês por David Walford. Cambridge University Press.

KANT, I. **Crítica da Faculdade do Juízo**. Tradução de Valério Rohden e António Marques. 3. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

KANT, I. **Textos Seletos**. Tradução de Raimundo Vier e Floriano de Sousa Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985.

KANT, Immanuel. **Realidade e existência: lições de metafísica**: introdução e ontologia; tradução de Adauray Fiorotti; introdução, tradução e notas da edição italiana Armando Rigo-bello. São Paulo: Paulus, 2002.

KANT, Immanuel. **Realidade e Existência: lições de metafísica**; tradução de Adauray Fiorotti. São Paulo: Paulus, 2005.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão Introdução e notas de Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Prática**. Tradução Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1994.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Prática**. Tradução e notas de Valério Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

KIRK, G.S.; RAVEN, J. E.; SCHOFIELD, M. **Os Filósofos Pré-Socráticos: história crítica com seleção de textos**. Tradução de Carlos Alberto Fonseca. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

LERBET, G. O “Universo Psíquico” e o Pensamento Complexo. In: NICOLESCU, Basarab; BADESCU, Horia. **Stéphane Lupasco: o homem e a obra**. Triom, 2001. P. 89, 90, 91.

LIMA, Bento. A Concepção Trimaterial do Universo no Pensamento de Stéphane Lupasco. Rio de Janeiro, 1999.

LUPASCO, Stéphane. **Energética Sociológica**. *Jornal 3º Millennium*. Série antiga Nº 4. Setembro-Outubro de 1982. Disponível em: <<http://www.revue3emillenaire.com/>> Acesso em: 22/08/2020.

LUPASCO, Stéphane. **Du Devenir Logique Et De L' Affectivité: essai d' une nouvelle théorie de la connaissance**. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1973a.

LUPASCO, Stéphane. **Du Devenir Logique Et De L' Affectivité: le dualisme antagoniste**. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1973b.

LUPASCO, Stéphane. **L'Énergie Et La Matière Psychique**. Paris: Julliard, 1974.

LUPASCO, Stéphane; NESLE, Solange de Mailly; NICOLESCU, Basarab. **L'Homme et ses trois éthiques: L'Esprit et la Matière**. Editions du Rocher, 1986.

LUPASCO, Stéphane. **Logique et contradiction**. Presses universitaires de France, 1947

LUPASCO, Stéphane. **L'Univers Psychique**, Paris: Denoël-Gonthier. 1979.

LUPASCO, Stéphane. **O Homem e as suas Três Éticas**. Tradução de Armando Pereira da Silva. Lisboa: Instituto Piaget, 1986.

MARSILLAC, Narbal de; MALBUG, Maurício. *Synesis*, nº 2, 2009, p. 77. Disponível em: <<https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>>. Acesso em: <07/04/2020

MORA, José F. **Dicionário de Filosofia**. Tradução António José Massano e Manuel Palmeirim. Lisboa: Dom Quixote, 1978.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de Filosofia V. 4 (Q-Z)**. Tradução de Maria Stela Gonçalves, Adail U. Sobral, Marcos Bagno e Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Edições Loyola.

NICOLESCU, Basarab. **From Modernity to Cosmodernity: Science, Culture, and Spirituality**. Nova York: Imprensa da Universidade de Nova Iorque, 2014.

NICOLESCU, Basarab; BADESCU, Horia. **Stéphane Lupasco: o homem e a obra**. Triom, 2001.

NICOLESCU, Basarab. **O que é a Realidade? Reflexões em Torno da Obra de Stéphane Lupasco**. Tradução de Marly Segreto. São Paulo: Triom, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Além do Bem e do Mal ou Prelúdio de uma Filosofia do Futuro**. Tradução: Márcio Pugliesi. Curitiba: Emus, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Genealogia da Moral, Uma Polêmica**. Tradução de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PENROSE, R. **Shadows of the Mind**. Oxford University Press, 1994. Cap. V.

PESSOA Junior, O. **Conceitos de Física Quântica**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2003.

- RANDON, Michel. A Energia e a Terceira Matéria. In: NICOLESCU, Basarab; BADESCU, Horia. **Stéphane Lupasco: o homem e a obra**. Triom, 2001. P. 263.
- ROCHA, J. F. M. Origem e Evolução do Eletromagnetismo. In: **Origens e Evolução das Idéias da Física** [livro eletrônico]/ José Fernando M. Rocha (Org.). Salvador: EDUFBA, 2011.
- SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. 5. ed. - São Paulo: Cortez, 2008.
- SANTOS, L. R. O Pensamento Kantiano e o seu Ritmo. In: MARQUES, Ubirajara Rancan de Azevedo. **Kant e a Música**. São Paulo: Barcarola, 2010.
- SAUTTER, Frank Thomas. **Uma expressão formal da noção kantiana pré-crítica de oposição**. Filosofia Unisinos, 9(3):214-227, set/dez 2008.
- SCHRÖDINGER, A Nossa Imagem da Matéria, in: Problemas da Física Moderna. Trad. Gita K Guisnburg. São Paulo; Ed. Perspectiva, 2004, p. 51.
- SIQUEIRA-BATISTA, Rodrigo; HELAYEL-NETO, José Abdalla. **Einstein e a Educação**. Revista Brasileira de Educação Médica. Rev. bras. educ. med. vol.32 no.2 Rio de Janeiro Apr./June 2008.
- SPORICI, V. Um Neo-Racionalista Dialético. In: NICOLESCU, Basarab; BADESCU, Horia. **Stéphane Lupasco: o homem e a obra**. Triom, 2001. p. 247.
- TEMPLO, D. O Princípio de Antagonismo. In: NICOLESCU, Basarab; BADESCU, Horia. **Stéphane Lupasco: o homem e a obra**. Triom, 2001. p. 230.
- THORPE, Lucas. Dicionário Kant. Nova Iorque: Bloomsbury Academic, 2015.